

Luiz Antonio Baroni

ENSINO RELIGIOSO

CADERNO PEDAGÓGICO



A Natureza: nossa mãe e irmã

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
EDIÇÃO EXPERIMENTAL

DIRETORIA DA ASSINTEC

Presidente: Frei Hipólito Martendal
Vice-presidente: Pr. Carlos Alberto Rodrigues Alves
Secretário: Marli Terezinha Skrobot Andrade
Tesoureiro: Pr. Jorge Schieferdecker

CONSELHO DIRETOR DA ASSINTEC

Pr. Heinz Ehlert
Pr. Leonardo Lon
Pr. Reinaldo Leão Jr.
Dom Moacir José Vitti

EQUIPE EXECUTIVA DA ASSINTEC

Alberto Allodi
Borres Guilovski
Delair Dalla Benetta da Cruz
Diná Raquel Daudt da Costa
Emerli Schlögl
Geni Teresinha Hommerding Carvalho
Jacinta Maria Lanner Perondi
Lenita Natalina Leandro de Sá
Lucélia Albi
Maria Cristina Vieira de Souza Barbosa
Maria Sabina Skrobot Vidotti
Marli Teresinha Machado
Neiva Vieira
Risoleta Moreira Boscardin
Teresinha Barcelos Negrello (coord.)

COORDENADOR GERAL

Marcos Alves da Silva

COLABORADORES

Equipe de apoio técnico-pedagógico da SME-PMC.
Serviços de Educação Religiosa dos NREs (SER) da SEED do Paraná.
Grupos de professores dos diversos NREs do Paraná.

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Professora Terezinha Bordignon

DIAGRAMAÇÃO E PRODUÇÃO EDITORIAL

Fábio Adriano Merlin Skrobot

MONTAGEM E REVISÃO

Alberto Allodi

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	iii
CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O SEGUNDO CADERNO.....	v
INTRODUÇÃO AOS TEMAS DO EIXO 2.....	vii
TEMA 01: O LUGAR ONDE VIVEMOS.....	001
TEMA 02: O PLANETA TERRA - A NOSSA CASA.....	029
TEMA 03: OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS.....	055
3.1 A Terra.....	058
3.2 O Ar.....	059
3.3 A Água.....	059
3.4 O Fogo.....	060
TEMA 04: INTERDEPENDÊNCIA E INTERRELAÇÃO.....	099
TEMA 05: O MEIO AMBIENTE - ECOLOGIA.....	127
TEMA 06: HARMONIA DOS OPOSTOS.....	183
TEMA 07: A MORTE, SINAL DE VIDA.....	217
BIBLIOGRAFIA.....	267
ANEXO I - Subsídios para o estudo do Currículo de Ensino Religioso.....	269
ANEXO II - Cultivando a Graciosidade Corporal: Sugestões de dinâmicas Corpo-Mente-Coração Aberto.....	281

APRESENTAÇÃO

Nas duas décadas de parceria Assintec, Seed e S.M.E., acumulamos larga experiência no campo da Educação Religiosa, permitindo fazer proveitosas trocas de experiência fazendo dela um significativo referencial para outros estados da Federação por seu caráter interconfessional de ecumenismo amplo, sua integração às diretrizes curriculares da SEED e pela formação dada ao professor.

Nosso compromisso com a Educação busca assegurar nas escolas oficiais do Paraná o desenvolvimento global da personalidade do educando tratando com igual lisura dos aspectos instrucionais (conhecimento), técnicos (habilidade) e axiológicos (valores).

Na inter-relação desses aspectos, a própria natureza da Educação Religiosa (religar-se) favorece o desabrochar da consciência do ser humano, não só crítica mas também mística. Que o anseio pela justiça e fraternidade sociais sejam decorrentes da justiça e fraternidade cultivadas e expressas em gestos e palavras no cotidiano de cada cidadão e que, dentro de uma ótica planetária, esta seja a condição única e urgente para nossa própria sobrevivência.

Frei Hilário Duarte
Presidente da Assintec

CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS PARA O SEGUNDO CADERNO

Professor, entregamos-lhe o Segundo Caderno Pedagógico de Ensino Religioso, referente aos Temas do Eixo 02 - A Natureza Nossa Mãe e Irmã. Que felicidade! Que alívio! Mais uma tarefa realizada. Em meio a um corre-corre repleto de assessoramentos, cursos, encontros, visitas aos núcleos regionais de educação... eis que conseguimos dar um rosto a um material cujas origens e fontes perdem-se no anonimato dos quatro cantos do Paraná e do Brasil. Subsídios gestados propriamente no coração de cada Serviço de Educação Religiosa (S.E.R.) e de cada escola, lá onde alguém como você engaja-se com todas as suas energias na vivência pessoal e coletiva do Ensino Religioso com seus alunos.

Ainda, as fontes de onde haurimos o material coletado, são as mais diversificadas: livros bibliográficos e didáticos, textos sagrados, revistas e boletins especializados, poemas, poesias, experiências de vida, músicas, canções, histórias, anedotas, dinâmicas que desenvolvem a graciosidade corporal, que abrem a mente e expandem o coração.

Entretanto, este material, assim sistematizado, é portador de um fio condutor e de uma inspiração singular: a dimensão da religiosidade, explícita ou latente que une a humanidade e transcende o institucionalizado.

A peculiaridade deste Segundo Caderno Pedagógico de Ensino Religioso, consiste em ofertar ao Professor desta disciplina, uma produção que poderá inspirá-lo na elaboração de suas aulas. Enquanto no Primeiro Caderno Pedagógico de Ensino Religioso estão presentes Aulas Referências, como ponto de partida para modelos de Ensino Religioso Escolar, no Segundo Caderno e nos próximos, apresentamos subsídios e pistas para o próprio docente criar, montar e elaborar seus esquemas de aulas didáticas de Ensino Religioso.

Trata-se de um estilo-proposta que objetiva facilitar a produção do Saber Religioso Escolar. Este, antes de ser um saber intelectual e livresco, deve brotar da sua mente aberta e criativa. Aquecido no seu coração em expansão. Iluminado pela fé-utopia: a centelha que faz principiar e experienciar a caminhada para a transcendência, tendo encontro marcado com a religiosidade latente em todo ser humano. Ali, onde a sua corporeidade vivencia a leveza e a graciosidade para engajar-se em parceria com a Natureza nossa Mãe e Irmã num co-fazer tudo belo. Religar-unificar-juntar tudo num mosaico de cores e harmonia. Que desafio!

Os textos são um pretexto para toda esta "aventura" aflorar, transbordar e reverberar-se nos seus alunos e no mundo circundante.

Acreditamos ser esta a nossa prestação de serviço. Estimular, propor, ofertar, apontar, abrir sempre novos horizontes, aqui e para além daqui. Colocamo-nos ao seu lado como caminhantes-mutantes, sem a pretensão de direcionar, nem forçar. Estamos presentes na sua-nossa labuta! Discretamente. Com firmeza, acreditando na proposta: o Reino-Sociedade do Inefável feito humano no nosso cotidiano.

Enfim, visando facilitar-lhe o estudo do Currículo Básico de Ensino Religioso, colocamos em Anexo I, subsídios para o estudo do Currículo Básico, enfoques e complementos para suas meditações. Em Anexo II, lhe oferecemos algumas sugestões para o cultivo da graciosidade corporal: dinâmicas corpo-mente-coração aberto, para um viver criativo-livre-engajado.

Que a centelha divina o acompanhe e lhe desvende aquele "tesouro de realidades antigas... e novas" contidas na sabedoria cósmica da humanidade... e aqui, para levá-lo junto com os seus alunos a experienciar o Inefável-Indizível, que a tudo contagia e subjaz.

Pela equipe pedagógica da Assintec

Alberto Allodi

INTRODUÇÃO AOS TEMAS DO EIXO 2

EMBASAMENTO

Cada época tem uma maneira típica e característica de pensar. A experiência e a expressão da religiosidade (busca do transcendente) é influenciada e influencia a cultura. Daí resulta um discurso sobre o mundo, uma COSMOLOGIA. Cada cosmologia representa de uma maneira particular e característica sua idéia de DEUS e o sentido globalizador, integrador e sacramental do mundo.

"Na nossa tradição OCIDENTAL conhecemos três grandes modelos cosmológicos. A cosmologia antiga via o mundo como um conjunto unitário, hierarquizado, sagrado e imutável. Sua metáfora é a escada dos seres. Na culminância está Deus, como ser supremo, criador de todo o universo. Poderíamos também dizer que se trata de uma cosmologia teocêntrica".

A partir da física de Newton, da astronomia de Copérnico, do método científico de Descartes dos séculos XVII e XVIII, a cosmologia é antropocêntrica. A visão de mundo, passa a ser dualista. O mundo é dividido em matéria e espírito. As ciências da natureza analisarão o mundo da matéria, enquanto a filosofia e a teologia, o mundo do espírito. A metáfora dessa cosmologia é a máquina. Deus é o grande arquiteto que planejou as leis dessa máquina.

A partir dos anos 20, com a teoria da relatividade de Einstein, com a física quântica de Bohr, com o princípio da indeterminabilidade de Heisenberg, com as contribuições da física teórica de Prigogine e Stenger, bem como as conquistas da psicologia do profundo (S. Freud, C. G. Jung), da psicologia transpessoal (A. Maslow, P. Weill), da bioenergética, da cibernética e da ecologia profunda surgiu uma nova cosmologia. Passa-se rapidamente da era industrial para a era da comunicação, de um mundo materialista para um mundo pós-materialista e espiritual. Esta

nova visão holística e orgânica completa a visão setorizada das ciências. Importa articular as duas maneiras de viver e de ler o mundo, a do homem e a da mulher. Por isso, esta nova cosmologia incorpora fortes elementos femininos já que a anterior era marcada quase que exclusivamente por elementos masculinos.

O sentido espiritual das relações com toda a realidade, especialmente diante da crise ecológica, transforma-se num imperativo.

Nesta nova visão da realidade tudo se encontra profundamente relacionado. Bio, Psico-Físico, Social-Cultural são fenômenos articulados.

"Mais do que falar de corpo e alma, matéria e espírito, prefere-se falar, conseqüentemente, de energia e de vida. O ser humano não está mais acima da realidade, dominando-a, mas se entende no meio dela, como parte, participando de um todo que deve preservar e venerar e que o desborda por todos os lados" (p. 66).

A Educação Religiosa enquanto disciplina sistematizada, tem seu lugar privilegiado no espaço escolar, contribuindo para o cultivo de dimensão da espiritualidade naqueles que se demonstrarem disponíveis a ela. "Espiritualidade significa, em derivação, o modo de ser que propicia a vida, sua expressão, sua defesa, seu respeito e a obediência - audiência à sua lógica que é o dom, a gratuidade e a comunhão com outras vidas e com todas as demais alteridades" (p. 66).

Há um descobrir do valor da filosofia e da religião, depois de séculos de árida e objetiva ciência que não deu conta satisfatoriamente do problema do ser humano no mundo, sua relação consigo mesmo - com seus semelhantes, com a natureza e com o mundo. O processo quase irreversível de destruição do nosso habitat, que iniciou com a auto-destruição corpo-mente-espírito no próprio ser humano, desfigurado e adoecido pelos mesmos artefatos por ele construídos, no afã de conquistar o mundo e a natureza. Agora, antes que seja tarde, ao descobrir que necessita do que abafou e menosprezou - o feminino (arte, religião, filosofia, poesia, música, fé, natureza) latente em suas entranhas e na ancestralidade da natureza-mãe, volta-se para

reconstruir o belo, tornando-se o jardineiro do quintal cósmico que lhe foi entregue. É a grande e urgente chance para arrumar o espaço onde mora, antes que a "Arca de Noé" possa explodir.

O redescobrir do feminino - o religioso, o místico, o poético, mesmo num ambiente tão violentado e entre corpos embrutecidos, dá-nos a certeza de que apesar de uma existência violentada, podemos plantar flores embelezando a nós e a tudo que nos rodeia.

"A desumanização da qualidade de vida em nível mundial desafia todas as religiões. Será seu teste de autenticidade o posicionamento solidário e libertário que elas assumirem diante dessa anti-realidade. Tempos religiosos foram tempos revolucionários" (p. 72).

Não cremos num movimento religioso ou místico satisfeito consigo mesmo. Ele, por excelência, deve ligar e religar todas as coisas, o mundo com Deus, o consciente com o inconsciente, o mergulho na própria interioridade com a vigilância do curso do mundo, a pureza da mente com a justa ordem das relações societárias. Quando ele for a consciência mais alta do sentido global dos acontecimentos, quando for a indignação mais forte contra as perversidades do poder, quando for o elo mais forte que une a fome de Deus com a fome de pão, então podemos dizer: estamos diante do sacrossanto, do verdadeiro testemunho da presença do Supremo, que nos visita e mora entre nós (p. 72).

A Educação Religiosa abre-nos para uma experiência de plenitude a partir da realidade. Pois, afirma Boff: "A realidade não é vazia. Nem a divindade está longe dela em sua esplêndida transcendência". A realidade enquanto marcada de transcendência está sempre situada sob o signo da manipulação-agressão que o ser humano exerce sobre ela e seus semelhantes. A mudança de postura implica uma mente nova, um coração novo, que impondo limites às suas agressividades, o prepare para o acolhimento do novo que já iniciou: (...) hoje na nova era histórica, caracterizada pela percepção da totalidade, diferenciada, orgânica, masculino-feminino e espiritual, importa recuperar o reencantamento do mundo (p. 78).

Enfim, "As realidades não deixam de ser o que são. Mas pela presença do divino nelas, fazem-se sinais, símbolos e sacramentos do Mistério que as habita, mistério vital, amoroso e comunal" (p. 71).

"Malraux disse certa vez: 'Ou o século XXI será religioso ou não será'. O fenômeno da volta do religioso e do místico apontam-nos para esta convicção: o século XXI será. Oxalá com as realidades com as quais sonham as religiões: a justiça, a paz, a bem-querença, a acolhida do diferente, o perdão, a convivência dos contrários, a união entre os humanos e para com Deus"¹

Este é o espírito, o pano de fundo, o clima, o horizonte de abrangência dos temas do segundo Eixo do Currículo de Educação Religiosa, que dirigem-se primeiramente a nós educadores e, uma vez compenetrados, poderemos partilhá-los com nossos alunos.

À guisa de orientação, apresentamos a seguir a idéia-mestra de cada tema.

ORIENTAÇÃO DOS TEMAS

No tema: **O lugar onde vivemos (2.1)**, levar os participantes ao reconhecimento do lugar onde vivem; os elementos naturais e os transformados pelo ser humano; o progresso e a destruição; os desequilíbrios exteriores como representação da desarmonia interior; a descrença no humano exaltando a eficiência, o consumismo, a fuga. Entretanto nas esquinas do mundo, somos obrigados a parar, para olhar com tristeza e revolta a que ponto chegamos. Ainda há tempo para refazer tudo.

¹ Fonte Inspiradora: BOFF, Leonardo. *Religião, justiça societária e reencantamento da criação*. In: *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993. p. 59-82.

No tema: **O planeta terra - a nossa casa (2.2)**, introduzir a visão científica da evolução do universo e a visão bíblica da criação (cf. Eixo 1.1); a terra como ser que evolui e reage às agressões; habitat; ecossistema; herança da humanidade; e imagem da terra como mãe, evocando a dimensão feminina de Deus; os símbolos que identificam o ser humano com o planeta.

No tema: **Elementos fundamentais (2.3)**, subdivide-se em:

a) **O fogo**, sinal de vida e morte; elemento de purificação; de atração, festa... e medo; o sol como fonte de vida, luz, calor e energia; instrumento de manifestação de Deus.

b) **O ar**, fonte de vida; ação da pessoa na sua conservação e poluição; relação dos seres vivos com o ar, temores e fobias, meio de manifestação divina; sopro de vida; respiração como fator de equilíbrio; de interioridade e como linguagem de subjetividade.

c) **A terra**, lugar de habitação; fonte de vida e alimentos; riqueza do solo e do subsolo; relação das pessoas com a terra; a ação sobre a vida e a cultura; fonte de saúde e equilíbrio; a problemática dos direitos à terra; os mitos da terra.

d) **A água**, fonte de vida; sua relação com o mistério da origem da vida; atração e medo que exerce; saúde e energia; relação das pessoas com a água; elemento de purificação, presente nos rituais dos povos.

No tema: **Interdependência e interação (2.4)**, redescobrir a fantástica parceria com o universo das plantas, dos animais, dos minerais; a ação da natureza: dominação e destruição x convivência e proteção; equilíbrio ecológico e manutenção da vida: a vida que depende da vida.

No tema: **O meio ambiente: ecologia (2.5)**, ressaltar a proteção do meio ambiente fundamental para a preservação da vida; os cuidados essenciais x opressão e depredação; a

consciência ecológica e a postura religiosa: ecologia: ciência e espiritualidade política de desenvolvimento.

No tema: **Os opostos (2.6)**, evidenciar a necessidade e a complementaridade dos opostos para o equilíbrio da vida na natureza e na vida das pessoas (masculino e feminino; dia e noite; inverno e verão; competitividade e cooperação; força e fraqueza, racionalidade e intuitividade, etc); superação da cultura dualista por uma cultura integrativa; Deus = equilíbrio perfeito.

No tema: **A morte, sinal de vida (2.7)**, lições de vida e morte na natureza; o sentido da morte e da vida; formas de transformação da vida e garantia de continuidade da vida; ritos; a morte e as respostas religiosas nas diferentes culturas; a manipulação da vida (engenharia genética).

Os temas e os subsídios propostos, juntamente com a riqueza criativa dos docentes e alunos, representam uma grande oportunidade de crescimento e uma dádiva para os que partilham este universo de ousadia e esperança: que o Espírito penetre onde e como quiser e tudo transforme.

A Equipe Pedagógica

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 01
O LUGAR ONDE VIVEMOS

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

TEMA 1: O LUGAR ONDE VIVEMOS

Como os seres humanos ocupam e organizam os espaços geográficos? Entendemos por espaço geográfico o ambiente natural (habitat) manipulado e construído conforme as necessidades, interesses e valores da própria natureza, mas sobretudo pela atividade da Pessoa Humana.

Que fatores determinam a escolha de alguns lugares (espaços geográficos) para ocupação humana? Como surgiram as cidades, vilas, bairros, favelas? Sua família OPTOU pelo espaço geográfico que ocupa?

Historicamente se afirma que os primeiros povoados surgiram em função de necessidades básicas da vida humana. As facilidades de abrigo, abundância de água, minerais, vegetais, fertilidade das terras, pastos, distância de outras paragens são alguns dos fatores que originaram as primeiras vilas, muitas das quais originaram as grandes cidades que hoje conhecemos.

Constatamos na realidade de hoje, que algumas áreas geográficas, embora inóspitas e hostis, são ocupadas na tentativa de garantir um espaço mínimo para sobrevivência. Não é a todos que é dada a possibilidade de escolha de uma moradia condizente com padrões mínimos de dignidade.

O processo de formação das cidades hoje é marcado pela divisão do trabalho que concentra os privilégios e as vantagens a partir de interesses determinados pelas minorias que detém os meios de produção e a influência política. A cidade que hoje se constrói e que habitamos parece cada vez mais distante dos anseios, necessidades e aspirações dos seres humanos. É a chamada SELVA DE PEDRA.

O modo como a sociedade se estrutura influencia as relações com o meio ambiente, com os outros, consigo mesmo e com o transcendente.

A organização de nossa sociedade é marcada pela desigualdade, individualismo, discriminação, pela exploração e pela concentração de muito nas mãos de poucos.

Os projetos de urbanização modernos produzem uma transformação rápida e radical na vida dos indivíduos. Os laços entre os habitantes se enfraquecem. Todos estão vinculados e

ligados à massa humana amorfa e desintegrada, profundamente diferente do mundo conhecido e legado pelos nossos avós.

Algumas tentativas políticas visam recuperar a humanização dos espaços urbanos, privilegiando áreas de lazer como parques, ciclovias, calçadas, praças, jardins. Ainda, talvez, que de fachada, parece-nos um início significativo de uma tomada de consciência ecológica mais ampla visando resgatar a integração do ser humano ao meio ambiente.

Apesar das dificuldades próprias de um ambiente violentado, depredado pela ganância humana que nos trouxe sérios desequilíbrios, reflexos desta mesma realidade, existe a possibilidade concreta de construir um novo espaço mais digno e criativo para qualquer ser humano, apesar de sua condição existencial. Isto implica numa opção por certos valores mais humanos que não são privilégios da minoria dominante. Muito pelo contrário. Frequentemente, nas camadas sociais mais populares, a camaradagem, a solidariedade, o respeito, a fraternidade, a sensibilidade, a hospitalidade, a compaixão são também encontrados. O meio influencia a formação dos indivíduos mas não os molda necessariamente. Há um espaço interior em cada pessoa que lhe é próprio, onde ele experimenta a liberdade à qual não se condiciona a situação nenhuma.

A pobreza não é desculpa para relaxamento, haja visto que também em favelas encontram-se canteiros de flores, que tornam um pequeno barraco lugar aprazível e até gracioso. Enquanto luxuosas mansões rodeadas de altos muros e grades assemelham-se a presídios de segurança máxima, mas onde talvez haja muita riqueza material, porém pouca liberdade, alegria e até beleza.

O lugar onde vivemos é o reflexo, "tem a cara" do que somos. Ele irradia os valores fundamentais que norteiam nossa vida. Estes valores básicos como respeito, preservação, limpeza, bom gosto, delicadeza, organização, são aprendidos no ambiente familiar e cultivados na escola. Cabe a esta desenvolver uma sensibilidade, um sentido mais profundo e coletivo desses valores que compõem a relação da pessoa humana com o meio ambiente.

O lixo, a violência, a depredação do ambiente natural são uma decorrência da desumanização que acontece dentro do ser humano.

A experiência religiosa como reflexo do ambiente físico vê traços da divindade em tudo e em todos.

SUGESTÕES DE AULA - I

EIXO TEMÁTICO: A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA: O LUGAR ONDE VIVEMOS

CONTEÚDO: ONDE MORAS?

SÉRIE: 7ª

1. PARTIR DA REALIDADE DA VIDA

Fazer levantamento oral dos tipos de moradia existentes. Cada aluno vai descrever os tipos de moradias que conhece e contar fatos vivenciados relacionados a moradia.

Ex.: Pessoa que perdeu a moradia; pessoas que vivem nas ruas; onde mora; quem é o homem da caverna de hoje; casas que eles admiram; por que admiram.

2. REFLEXÃO:

Analisar com os alunos:

- Por que as moradias são tão diferentes?
- Porque alguns não têm casa?
- Como era antigamente?
- De que são feitas as casas?
- Quem faz as casas e quem mora nestas casas?
- Onde você mora?
- Como é a sua casa?
- Você é feliz na sua casa? Por quê?

3. SENTIDO DA EXPERIÊNCIA

Colocar como referências:

- Estatuto da criança e do adolescente
- Declaração dos direitos humanos
- Constituição Brasileira

- Bíblia

- Poema: "Operário em Construção", *Vinicius de Moraes*

Dividir a sala em grupos, onde cada grupo vai buscar em um referencial o que diz sobre moradia e confrontar com a realidade já vista. Em seguida cada grupo fará a exposição de suas conclusões para a turma.

4. INTERIORIZAÇÃO:

Produzir um texto no caderno individualmente - "A CASA QUE EU SONHO"

5. CELEBRAÇÃO DA VIDA:

Ouvir e cantar músicas que falam sobre "casa"

Ex: Barracão

Construção, *Chico Buarque*

Casa no Campo, *Elis Regina*

Pedras que Cantam, tema da novela "Pedra sobre Pedra"

Utopia, *Pe. Zezinho*

Confeccionar cartões com a "dobradura da casa", escrever mensagens e trocar os cartões entre os colegas.

(Colaboração de Lurizete A. Lima e Maria Edileuza S. Meneguini)

SUGESTÕES DE AULA II:

O LUGAR ONDE VIVEMOS

1º MOMENTO - Explicação sobre a valorização do meio ambiente e a natureza que Deus nos deu com sua grande criatividade. A pessoa como parte da natureza.

2º MOMENTO - Passeio com os alunos (em grupos) até a praça da igreja, lugar propício para observação da beleza da natureza.

3º MOMENTO - Escrever num papel palavras de agradecimento a Deus pela sua criação, que no momento estavam observando.

4º MOMENTO - Leitura individual para os colegas sobre o que escreveram em seus papéis.

5º MOMENTO - De volta para o Colégio, cantando alegremente.

Duração: 50 minutos

Séries: 5ª a 8ª séries

(Colaboração: Professora Marineis Guerra - Apucarana)

1. PONTO DE PARTIDA: Leitura e comentário da música abaixo.

Série: 7ª e 8ª

SAMPA

De: Caetano Veloso

Gravação: Caetano Veloso

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruzo a Ipiranga
E a Avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui
Eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas
Ainda não havia para mim Rita Lee
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruzo a Ipiranga
E a Avenida São João
Quando eu te encarei frente a frente
Não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi
De mau gosto mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E à mente apavora o que ainda não é mesmo
velho
Nada do que não era antes

Quando não somos mutantes
E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és do avesso do avesso do avesso
Do avesso
Do povo oprimido nas filas
Nas ruas das favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas
belas
Da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos e
espaços
Tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
Panaméricas de Áfricas utópicas
Túmulo do samba mais possível
Novo quilombo de Zumbi
E os Novos Baianos passeiam na tua garoa
E novos baianos te podem curtir numa boa.

2. REFLEXÃO

2.1. Comente a letra da música "SAMPA" localizando para quem não conhece as Avenidas Ipiranga e São João como o "coração" de São Paulo, salientando as frases que os alunos acharem mais interessantes.

2.2. Responder:

a) Destaque na letra desta música as frases que retratam o "mal-estar" de quem estranha um novo ambiente.

b) Como você interpreta a frase: "Quando te encarei frente a frente não vi o meu rosto?"

c) Quando é que aquilo que a gente olha tem o rosto da gente?

d) O que quer dizer: "Narciso acha feio o que não é espelho" e "À mente apavora o que não é mesmo velho".

e) Se "SAMPA" é o avesso, do avesso, do avesso, do avesso... Como você imagina a cidade de autor da letra?

f) Qual o trecho da letra que desfigura, ou mostra a maior feiura da cidade?

g) Quando é que o "novo" pode ser curtido numa boa?

h) Você já fez a experiência de sair de seu habitat natural? Como você se sentiu?

Para o professor: esta é uma letra de música bastante densa e por isso fazemos alguns esclarecimentos que facilitem seu trabalho. Caetano Veloso retrata a situação do baiano do interior que imigra para São Paulo e seu espanto diante do diferente, do novo, que desestrutura a maioria das pessoas quando não se identificam com nada do que vêem. É normal esta primeira reação diante do novo, sensação de medo, angústia, insegurança. "À mente apavora o que não é mesmo velho", aquilo que não é conhecido. Em relação à nossa terra natal, a maioria de nós somos narcisistas e achamos feio o que, às vezes é simplesmente diferente.

Oficinas de florestas: entendemos a matéria prima transformada em casas, coisas, etc.

Deuses da chuva: São Paulo é apelidado "cidade da garoa"

Panamérica de Áfricas utópicas: reunião de povos de origem africana que aqui explicitam sua cultura natural revivendo seus sonhos.

Novo quilombo de Zumbi: novo agrupamento de negros (rever o fato histórico).

A capacidade de conviver com o diferente, com o novo sem se sentir agredido é uma conquista. É tarefa para toda uma existência. D. Hélder Câmara diz: "Se tu me contradizes, tu me enriqueces".

3. CONFRONTO: Salmo 137: 1-6

Às margens dos rios da Babilônia nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião.

Nos salgueiros que lá havia pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: entoai-nos algum dos cânticos de Sião.

Como, porém, haveríamos de entoar o canto do Senhor em terra estranha?

Se eu de ti me esquecer, ó Jerulasém, que se resseque a minha mão direita.

Apegue-se a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerulasém à minha maior alegria.

ATIVIDADES

- a) Visualize mentalmente seu habitat "do jeito que você o idealiza".
- b) Faça um elenco das principais dificuldades que impedem esse sonho de tornar-se realidade.
- c) Fazer uma representação mímica do conteúdo da letra da música trabalhada. (Atividades corporais).
- d) Responda em grupo às seguintes questões:
 1. O que, na sua cidade ou no meio ambiente, deve ser conservado como memória histórica ou cultural do povo e o que deve ser mudado?
 2. Que atitudes você e seus colegas podem tomar, assumir, para que as coisas consideradas importantes na vida do povo sejam respeitadas?
 3. Que atitudes você e seu grupo podem tomar para provocar as mudanças necessárias à melhoria da vida em seu ambiente familiar, escolar, etc?

- ATIVIDADES CORPORAIS -

Tema 1: o lugar onde vivemos

"A terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra. Disto temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo quanto agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que fizer à Terra, a si próprio fará". *Chefe Índio Steattle.*

Objetivo:

Relação da pessoa com o meio de forma lúdica para que a criança se sinta como parte da natureza.

Ampliar a consciência do lugar onde vive; do seu corpo, para o universo todo.

Técnicas:

Retomada de brincadeiras infantis que permitam uma integração com a natureza e sua força criadora.

Ex: brincar de estátua imitando as árvores e as aves que nelas habitam, brincar de esconde-esconde usando as árvores como esconderijo, brincar de segue-chefe (se possível em local arborizado), etc.

Tema 2: o planeta terra, nossa casa

"Minha mão era do céu,

Meu pai era da terra.

Mas eu sou do universo".

Yer Blues, Lennon/Mac. Cartney

Objetivo:

Sentir-se integrado com seu próprio corpo, suas emoções, cuidando de sua vida que é parte da vida do planeta.

Técnica:

Uma dança de roda.

Utilizando a roda para simbolizar o universo, cada elemento como organismo vivo, inteligente, que precisa estar bem harmonizado consigo mesmo, para então se harmonizar com os outros. Uma roda bonita, prazerosa e em perfeito funcionamento precisa desta integração.

Obs:

É muito importante a reflexão constante durante todas as atividades, para que se faça a relação com o sagrado.

Se a roda não sair, aproveitar a situação para a reflexão e trabalhar sem pressa para alcançar o objetivo. Cabe lembrar que: "Errar é um exercício profundo de liberdade".

- TEXTOTECA -

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... Levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e a morte. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco.

Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas feições a vida será de violência e tudo será perdido.

Companheiros, não vos entregeis a seres brutais que vos desprezam, que vos escravizam, que arregimentam as vossas vidas, que ditam os vossos atos, as vossas idéias, os vossos sentimentos! Que vos fazem marchar no mesmo passo, que vos submetem a uma alimentação regrada, que vos tratam como um gado humano, que vos utilizam como carne para canhão! Não sois máquinas! Homens é que sois! E, com amor da humanidade em vossas almas! Não odieis! Só odeiam os que não se fazem amar, os inumanos.

Companheiros, não batalheis pela escravidão! Lutais pela liberdade! No décimo sétimo capítulo de São Lucas é escrito que o Reino de Deus está dentro do homem - não de um só homem ou de um grupo de homens, mas dos homens todos! Está em vós! Vós, o povo, tendes o poder - o poder de criar máquinas. O poder de criar felicidade! Vós, o povo, tende o poder de tornar a vida livre e bela... de fazê-la uma aventura maravilhosa. Portanto - em nome da democracia - usemos deste poder, unamo-nos todos nós. Lutemos por um mundo novo...

Extraído do filme "O grande ditador", de *Charles Chaplin*.

MÃE NOSSA

Mãe terra nossa de toda hora
Que estás dentro de cada filho
E também fora

Santificado seja
Teu corpo generoso.
Nosso único mundo
De cujo ventre fecundo
Vem a nós

Teu fruto bendito e saboroso.

Seja feita a reconciliação e limpeza
Para a saúde e beleza
Tanto no corpo teu
Como no meu

A vida nossa de cada dia
Com o seio de tua energia
Tua a amamenta
sustenta
e aumenta

Perdoa a profanação
Do teu templo sagrado
Na medida em que

Resgatamos nosso irmão ultrajado

Não nos deixeis cair
Na neurótica ganância e depredação

Mas livra teus filhos
Da tortura e loucura que isso traz

Pois:

Queremos voltar ao teu regaço
No derradeiro e sagrado espaço
Para o infinito abraço
Da PAZ.

Iris M. Boff Serbena

Rubem Alves

OS IPÊS ESTÃO FLORIDOS...

Thoureau, que amava muito a natureza, escreveu que se um homem resolver viver nas matas para gozar o mistério da vida selvagem, será considerado pessoa estranha ou talvez louca. Se, ao contrário, se puser a cortar as árvores para transformá-las em dinheiro (muito embora vá deixando a desolação por onde passe), será tido como um homem trabalhador e responsável.

Lembro-me disto todas as manhãs, pois na minha caminhada para o trabalho passo por um ipê-rosa florido. A beleza é tão grande que fico ali parado, olhando sua copa contra o céu azul. E imagino que os outros, encerrados em suas pequenas bolhas metálicas rodantes, em busca de um destino, devem imaginar que não funciono bem.

Gosto dos ipês de forma especial. Questão de afinidade. Alegram-se em fazer as coisas ao contrário. As outras árvores fazem

o que é normal - abrem-se para o amor na primavera, quando o clima é ameno e o verão está para chegar, com seu calor e chuvas. O ipê faz amor justo quando o inverno chega, e a sua copa florida é uma despudorada e triunfante exaltação do cio.

Conheci os ipês na minha infância, lá em Minas, os pastos queimados pela geada, a poeira subindo das estradas secas e, no meio dos campos, os ipês solitários, colorindo o inverno de alegria. O tempo era diferente, moroso como as vacas que voltam em fim de tarde. As coisas andavam ao ritmo da própria vida, nos seus giros naturais. Mas agora, de repente, esta árvore de outros espaços irrompe no meio do asfalto, interrompe o tempo urbano de semáforos, buzinas e ultrapassagens, e eu tenho de parar ante esta aparição do outro mundo. Como aconteceu com Moisés, que pastoreava os rebanhos do sogro, e viu um arbusto pegando fogo, sem se consumir. Ao se aproximar para ver melhor ouviu uma voz que dizia: "Tira as sandálias dos teus pés, pois a terra em que pisas é santa". Acho que não foi uma sarça ardente. Deve ter sido um ipê florido. De fato, algo arde, sem queimar, não na árvore, mas na alma. E concluo que o escritor sagrado estava certo. Também eu acho sacrilégio chegar perto e pisar as milhares de folhas caídas, tão lindas, agonizantes, tendo já cumprido sua vocação de amor.

Mas sei que o espaço urbano pensa diferente. O que é milagre para alguns é canseira para a vassoura de outros. Melhor o cimento limpo que a copa colorida. Lembrome de um pé de ipê, indefeso, com sua casca cortada a toda volta. Meses depois, estava morto, seco. Mas não importa. O ritual de amor no inverno espalhará sementes pela terra e a vida triunfará sobre a morte, o verde arrebentará o asfalto. A despeito de toda a nossa loucura, os ipês continuam fiéis à sua vocação de beleza, e nos esperarão tranquilos. Ainda haverá de vir um tempo em que os homens e a natureza conviverão em harmonia.

Agora são os ipês-rosas. Depois virão os amarelos. Por fim, os brancos.

Cada um dizendo uma coisa diferente. Três partes de uma brincadeira musical, que certamente teria sido composta por Vivaldi ou Mozart, se tivessem vivido aqui.

Primeiro movimento, "Ipê-rosa", andante tranqüilo, como o coral de Bach que descreve as ovelhas pastando. Ouve-se o som rural do órgão.

Segundo movimento, "Ipê-amarelo", rondo vivace, em que os metais, cores parecidas com as do ipê, fazem soar a exuberância da vida.

Terceiro movimento, "Ipê-branco", moderato, em que os violoncelos falam de paz e esperança.

Penso que os ipês são uma metáfora do que poderíamos ser. Seria bom se pudéssemos nos abrir para o amor no inverno...

Corra o risco de ser considerado louco: vá visitar os ipês. E diga-lhes que eles

tornam o seu mundo mais belo. Eles nem o ouvirão e não responderão. Estão muito ocupados com o tempo de amar, que é tão curto. Quem sabe acontecerá com você o que aconteceu com Moisés, e sentirá que ali resplandece a glória divina.

ECO... LÓGICO

Carlos Alberto Soares

Eu era um menino...
vi uma árvore crescer,
balancei-me em seus galhos...
caíram frutas e orvalhos.
Eu era um pássaro...
voei por campos verdes,
ultrapassei montanhas, vales,
rios e mares.
Comi das migalhas de pão...
que o menino da árvore,
jovaga no chão.
Eu era uma flor...
fui regada e colhida,
num simples gesto de amor.

Pássaro e o vento...
espalharam meu pólen,
semcando jardins
e os sonhos afins.
Eu era um peixe...
habitava nos rios, oceanos
e lagos...
alimentei o menino que regava
e colhia uma flor.
O tempo passou.
Agora... quem sou?
-Sou quem uma árvore...
derruba,
polui rios e mares,

desencanta montanhas e vales.
- Sou aquele que polui o ar...
e impede o pássaro de coar,
pisoteia as flores e...
sucumbe nas dores.
- Sou quem não ouve o...
Eco
lógico do futuro e pasmem...
sou H O M E M !!.

Gazeta do Povo
Viver Bem, 10/07/94.

NATUREZA

José Corrêia Francisco

O dia é lindo! Tudo está em festa!
Nenhuma nuvem a toldar o céu.
O sol gravita, iluminando ao léu,

A terra, o mar e a colossal floresta.

Do alcantil, a cachoeira empresta

Todo o seu brilho. O seu prateado véu,
Tem o formato de um real troféu.
As aves todas cantam em seresta.

Toda esta festa de real beleza,
Que a mão de Deus ornou a natureza,
A mão do homem busca exterminar!

O rio, na várzea, abraçando a areia,
Correm velozes sempre rumo ao mar.

Gazeta do Povo
Viver Bem, 10/07/94.

Pagela Franciscana

LOUVADO SEJAS, MEU SENHOR, PELA IRMÃ A TERRA.

Nos interiores de nosso país, o agricultor pobre serve-se do poder de sua enxada. A terra é cavada, depositando-se nela a semente do "fruto" da sua vida. A terra é preparada, adubada, semeada, cuidada para que a semente cresça e se transforme em alimento. Milhões de pessoas dependem do contato corpo-a-corpo com a terra. *Uns* pequenos agricultores que chegam, às vezes, a perder sua colheita devido às chuvas ou secas, podem nos ensinar mais do que qualquer um a amarmos a terra. Sua vida com a terra é um nobre risco, onde não podem parar. Quando o esforço é coroado com uma bela colheita, grande é a alegria, pois a vida pode continuar. São estes os donos legítimos da terra, porque nela moram e dela vivem. Diferença encontramos naqueles que fazem uso da terra para se tornarem ricos e poderosos, alegando alimentar melhor a população e desenvolver o país. Destes últimos nunca aprenderemos o que significa "irmã terra".

A CAUSA DA POLUIÇÃO DO MEIO AMBIENTE É O PRÓPRIO HOMEM: O ENVENENAMENTO DO ESPÍRITO, A DESOLAÇÃO DA ALMA.

Chora, mãe terra,
de tanta mágoa pela vida que produziste.
Tu acalentaste a vida silenciosa e oculta em teu seio.
Tu foste fértil em milhões de plantas.

Milhões de animais brincavam sobre a tua pele,
nas verdes campinas e no fundo dos oceanos.
Uma infinidade de pássaros, borboletas e moscas
deixaste brincar nas florestas e prados e dançar nos ares.
Chora, mãe terra,
de pura mágoa pela afronta que os homens te causaram.
Praticaram a mais cruel exploração das matérias-primas,
que necessitam de milhões de anos para se formar em teu seio.
Com mão ávidas, estão matutando para espoliar-te ao máximo,
esbanjar a riqueza dos filhos e netos.

Chora, mãe terra,
de pura mágoa pelos crimes
nos quais o homem se perdeu.

Nossa terra é um planeta maravilhoso. O homem pode ser rei, mas não ladrão. Existe uma estreita e misteriosa conexão entre todas as coisas na criação inteira. Os homens, os animais, as árvores respiram o mesmo ar, vivem do mesmo sol e alimentam-se dos frutos da mesma terra. Cada atentado contra a natureza é um atentado contra o próprio homem. Maltratar animais e extirpá-los é um crime contra o homem. O que hoje acontece com os animais poderá amanhã acontecer com os homens.

Quem destrói o natural equilíbrio da terra, faz de nosso maravilhoso planeta um árido deserto. Mesmo que os animais não tenham voz para se defender, bradam de todas as formas pelos seus direitos.

**QUEM CONSEGUE CONVERSAR COM UMA ÁRVORE, NÃO
PRECISA DE PSQUIATRA. ENTRETANDO, OS HOMENS
JULGAM PRECISAMENTE O CONTRÁRIO**

Eu pensava que as conhecia: a macieira e a pereira, até que um dia descobri o milagre. Elas estavam com os pés no mesmo chão, erguiam a cabeça para o mesmo ar, para o mesmo sol e na mesma chuva. E a macieira fabricava maçãs e a pereira pêras.

"Tudo normal", comentam os homens. Mas eu não queria acreditar nos meus olhos: daquilo que elas tiravam do mesmo chão, do mesmo ar, sob o mesmo sol e a mesma chuva, uma

árvore fazia pêras e a outra, apenas uns dez metros adiante, maçãs. E essas frutas eram em tudo diferentes: na forma, cor, aroma, sabor. Em tal milagre, eu nunca tinha reparado.

Se você quer fazer amizade com uma árvore, observe bem o que ela lhe mostra. Você verá a sua riqueza e sua pobreza: seu despertar e florescer na primavera, seus frutos no verão, seu morrer no outono, sua morte no inverno. Se você quer fazer amizade com uma árvore, então nunca ataque as suas raízes, senão ela morre para sempre. Da mesma forma acontece com os homens.

Como é que nascem ramos na árvore? Porque suas raízes grandes e pequenas procuram silenciosamente alimento. Graças a essas raízes, a árvore pode crescer e tornar-se grande.

**AS FLORES SE ABREM, MESMO QUANDO NINGUÉM AS OBSERVA.
AS ÁRVORES SE COBREM DE FRUTAS,
SEM PERGUNTAR QUEM AS VAI COMER**

A agenda está repleta de compromissos, uma correria luoca de uma reunião para outra. Você está cansado da vida, trancado em um mundo estreito de coisas que são exageradas e supérfluas?

Vá passear na floresta!

Lá se encontra a primavera. Lá esperam árvores magníficas por você. Árvores, que se nutrem silenciosamente da seiva que sobe até as últimas pontas dos galhos. Lá cantam passarinhos para você.

Vá passear na floresta!

Deite-se debaixo de uma árvore e ponha um raminho na boca e goze a feliz ociosidade. Então lhe chegarão as melhores idéias e os mais belos sonhos. Então desaparecerão os problemas que se aninham em seu interior.

Na natureza está escondido um amor fantástico. Para descobri-lo basta contemplar uma vez, com toda a calma, uma flor.

Como sabe a gloxímia que a primavera chegou? Há um ano, levei para dentro de meu quarto uma batata de gloxímia e a coloquei na prateleira à sombra de um livro. Não fiz nada por ela, absolutamente nada. Esperei apenas. Esperei vê-la em suas lindas flores. Um ano inteiro ficou lá. E agora, de repente, ela acorda. Não viu o sol, não recebeu água, nada, senão o meu olhar amoroso. Agora, de repente, sai para me avisar: a primavera chegou!

Quem escreveu isso no seu coração? Quero agradecer ao Invisível que a programou, que a deixou viver intensamente em seu silêncio. Que maravilha! Por mais que se queira explicar cientificamente o seu sono e o seu despertar, continuam sendo um milagre, assim como a mensagem que ela traz: a primavera chegou!

Na natureza reside um mistério de amor. Acho-o fantástico. Veja o bater do meu coração, mais de cem mil vezes ao dia! De graça! Não é para acreditar. Aspiro cada dia vinte mil vezes e, para os cento e trinta e sete metros cúbicos de ar, nenhuma conta me é apresentada.

Eu havia semeado rabanetes, pequeninos grãos de sementes. Mal e mal conseguia segurá-los entre meus dedos. Fui dormir, levantei-me. Estava chovendo, o sol brilhava. Continuei meus trabalhos e esqueci os rabanetes.

Mas, durante três semanas, alguém se preocupou com eles. Recebeu-os com carinho no seio da terra e os alimentou. Agora estavam gordinhos. Umas quinhentas vezes mais volumosos do que os grãos de semente que eu havia deitado na terra.

Durante semanas inteiras pudemos saborear gostosamente frescos rabanetes.

Uma planta é mais do que uma fábrica química. Supera todas as fábricas químicas e laboratórios do mundo. Ela consegue resolver as mais complicadas reações químicas, e a gente nem de longe descobre como ela o faz.

Encontrei-me na vida com muita gente, e, às vezes, perguntei-me se poderia encontrar alguém capaz de fabricar um raminho. Achei pessoas que me explicaram como é formada uma haste de capim, de que se compõe. Encontrei também pessoas que conseguiram fabricar um raminho, mas era sempre um raminho morto.

Um só raminho não alicia a primavera, mas possui tanta força para arrebentar o asfalto morto.

Não posso transformar um deserto em um só dia. Porém, posso começar com um oásis.

TEMOS QUE SEGUIR NOVOS CAMINHOS: O CAMINHO DO GRÃO DE SEMENTE

Cada grão de semente é uma rica promessa, encerra em si um mundo inteiro. Encerra a promessa do trigo em flor nos campos dourados, celeiros cheios de cereais, pão para os homens.

Um grão de semente é como a oração de uma pessoa durante a noite. Ele se abandona a forças misteriosas da mãe terra, onde morrerá num abraço silencioso para prorromper à fertilidade de uma nova vida.

O grão de semente! O grande mistério da vida e da morte, do silêncio, da simplicidade, do recolhimento. Entrega-se à escuridão da terra. Sente o calor do sol. Bebe a bênção da chuva. O grão de trigo não vê a espiga, porém, crê nela. O caminho do grão de semente é o caminho de cada pessoa para a fertilidade e maturidade.

CANÇÃO DOS BICHOS

Os Trapalhões e Angélica

Quero ouvir o canto de mil passarinhos, vê-los voltando sempre pros seus ninhos,
Eu quero ver o pato na lagoa e o jacaré nadando e rindo à toa, sem ter o homem para reáçar
(ameaçar).

Quero ver o meu mar mais cheio de peixinhos, muitas baleias e muitos golfinhos, eu quero vida
prá todas as flores e um arco-íris, um colar de cores, no fim da tarde enfeitando o céu.

Quero mais alegria na nossa festa, muitos bichinhos lá na floresta, o amor gritando de norte a sul,
quero ver as pessoas mais irmanadas, a natureza e o homem de mãos dadas, eu quero ver o
mundo azul.

Eu não sei criticar, mas alguém tinha que falar, 1-2-3, vamos lá, todo mundo tem que cantar:

Quero ver o meu mar...

Quero ouvir o canto...

Quero mais alegria na nossa festa...

Quero ver as pessoas mais irmanadas...

O RIO*César Augusto e Mário Marcos*

O rio vai descendo a serra
Vai molhando a terra seca do sertão
Vai formando uma corrente
Feito uma serpente solta pelo chão
E a água do seu leito
É leite no peito da mãe plantação
E vai eliminar a fome
E matar a sede de toda a nação

O rio vai criando filhos
Vai regando o milho, o arroz e o feijão
Vai seguindo seu caminho
Segue seu destino, sua direção

Depois que vem a colheita
O rio sempre aceita dos canaviais
Um bagaço de alimento
E a sobra de tudo que ninguém quer mais.

Rio que não tem carinho
Qualquer dia destes vão te dar valor
Nasce limpo e morre sujo
Envenenam tudo até o próprio amor
Será que eles não percebem
Que a natureza pede para viver
Enquanto vai morrendo o rio
Nada em sua volta poderá nascer.

1. PONTO DE PARTIDA

Leitura do texto: "Outra Combinação"

Outra combinação



Outro dia, Guta foi com a mãe até uma favela:

- Toda essa gente mora nessas casinhas?
- Mora.
- Mas parece casa de brinquedo, tábua pregada com martelo. Etas têm banheiro?
- Não.
- Têm cano com água?
- Não.
- Quando chove, chove dentro?
- Chove.
- Por que eles não moram numa casa de tijolos?
- Porque não têm dinheiro.
- E a gente não pode mudar isso?

- Pode. Todo mundo querendo a mesma coisa: que todos tenham casa e ganhem um bom dinheiro.
- Sabe mãe, não combina ter criança com roupa bonita e criança com roupa rasgada; pai ganhando dinheiro e pai pedindo esmola.
- Sabe mãe, quando eu crescer, vou fazer outra combinação, as coisas não serão mais como são.

Esta história foi escrita por Lúcia Pimentel Góes e faz parte do livro **Outra Combinação**, da Editora do Brasil.

Debater com os alunos: a questão da moradia nas periferias das cidades brasileiras e dos países em desenvolvimento, questionando o que pode ser feito concretamente por eles.

2. REFLEXÃO

Levar os alunos a questionar as desigualdades e a questão da ocupação do espaço e da moradia sob o ponto de vista: social, político, econômico e religioso, enquanto direito humano para levar uma vida digna, garantida pela Constituição;

- Ver Declaração dos Direitos Humanos Universais e a Constituição Brasileira e Estatuto da Criança e do Adolescente.

3. CONFRONTO

Sugere-se passar da realidade material da casa para a interiorização simbólica da "Minha vida é como uma casa";

Mt 7, 24-27 Como e onde construir esta Outra Casa? É a Casa interior.

A minha vida é como uma casa que devo construir tijolo por tijolo. Iniciando pelo chão (comportamento e ação correta, senso de responsabilidade, auto-controle, disciplina), construindo os alicerces (generosidade, altruísmo, força de vontade, respeito, tolerância),

erguendo as paredes (busca do que é melhor, a não violência, o amor e a compaixão), o teto (cultivar a mente aberta, o coração aberto e a liberdade). A Dimensão da religiosidade que aquece e dá graciosidade ao conjunto.

4. ATIVIDADES

No subsídio para o professor encontra-se esta frase: "O lugar onde vivemos é o reflexo, 'tem cara' do que somos. Ele irradia os valores fundamentais que norteiam nossa vida".

Desenhar tipos de lar. Ex: com janelas fechadas, altos muros, onde deve reinar tristeza e medo; outras pobres e simples com janelas abertas entrando o sol da esperança, o ar da liberdade.

Elaborar textos representando os sonhos de espaços melhores para viver e realizar-se, também no sentido dos valores humanos.

Montar uma maquete representando aspectos de uma comunidade unida.

Celebrar com cantos, danças e dramatização a felicidade de viver em paz e harmonia com a natureza.

Sugestões de Alberto Allodi

O SOBRADINHO DOS PARDAIS

Por muitos dias, Dona Pardoca permaneceu no ninho, deitada sobre os ovos, que ela cobria com suas penas, aquecendo-os com o calorzinho delas.

Dali quase não saía.

Saía somente por uns poucos instantes, para ir comer na chácara ou beber água na cisterna.

Logo, porém, estava de volta, retomando o seu lugar no ninho, de onde via, lá fora, pelo vão do telhado, o Sr. Pardal saltitando no terreiro, sobre os tufo de grama.

Finalmente, aconteceu o mais importante.

E os ovinhos, se trouxeram alegria, foram apenas uma preparação para o que aconteceu.

Um dia, ouvindo novamente cantar Dona Pardoca, o Sr. Pardal voou do terreiro e, com escalas na amurada da varanda e na viga do telhado, chegou ao sobradinho, para ver o que estava acontecendo.

Dois pardaizinhos acabavam de nascer, rompendo, assustados, as cascas dos ovinhos.

Herberto Sales. O sobradinho dos pardais. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

A CASA DE JOANINHA

- Joaquina! Joaquina! - gritou uma voz desafinada.

Na porta do lindo cogumelo amarelo, que era a sua casa, apareceu Dona Joana. Trazia um enorme avental amarrado na cintura, e que cobria quase todo o seu alegre vestido vermelho de pintinhas pretas.

- Joaquina - disse ela à filha, que brincava de pular corda no jardim -, você é um bichinho endiabrado! Eu tenho tanto trabalho em limpar a casa e você traz aqui seus amiguinhos, os mais endiabrados da vizinhança que põem tudo em desordem!

Envergonhada, Joaquina abaixou a cabeça achando que sua mãe tinha razão.

A mãe de Joaquina era ótima dona-de-casa. Seu cogumelo, de tão limpo, brilhava.

Todas as manhãs, Dona Joana varria e espanava tudo. E quando procurava Joaquina para ajudá-la na limpeza da casa, lá estava ela, na janela, sem fazer nada, de nariz para o ar, admirando as borboletas e os passarinhos.

Glorinha de Moura Novaes. E o vento levou o balão de Joaquina.

São Paulo: Melhoramentos, 1978.

João-de-Barro e sua mulher Maria-de-Barro estavam procurando um lugar para construir sua casinha. Uma árvore mandou-lhes um recado.

CONSTRUINDO A CASINHA

"Bom dia, João-de-Barro!
Como vai, Mariazinha?
Amigos, sejam bem-vindos!
O meu nome é Belarvina,
Dou amor, paz e abrigo.
Querem morar comigo?"

Os viajantes aceitaram o convite e foram aos poucos descendo. E ao chegarem bem perto da árvore:

- Obrigado, Belarvina. Nós vamos morar com você!

Depois pousaram na forquilha de um galho para descansar. E enquanto os pássaros dormiam, a noite desceu, cobrindo a fazenda com o silêncio.

Mal raiou o dia, João-de-Barro desceu em vôo ligeiro. Aos pulinhos, chegou até a beira do riacho e começou a trabalhar. Catou um pouco de lama, amassou com os pés, ajeitou com o bico, misturando com a saliva. Assim que formou uma pelotinha, levou-a no bico, com muito cuidado, voando até um dos galhos da árvore.

Enquanto isso, Maria caçava bichinhos para a primeira refeição: aranhas, besouros, moscas e mosquitos.

Durante horas e horas, de pelotinha em pelotinha, João-de-Barro trabalhou na construção. As paredes foram subindo, a portinha apareceu, o teto ficou bem firme. Tudo feito com muito capricho.

Finalmente, após quatro dias, a casinha redonda, com sala e quarto, ficou pronta!

Para comemorar a felicidade, o casalzinho começou a cantar. Seu canto, parecido com uma gargalhada, chamou a atenção dos pássaros vizinhos, que vieram cantar também. E o coro de gargalhadas e gorjeios se fez ouvir na fazenda até o entardecer.

Gilda Figueiredo. Casinha Redonda, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 02
O PLANETA TERRA - NOSSA CASA

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

TEMA 2: O PLANETA TERRA - NOSSA CASA

Extraído de "A Terra é um Ser Vivo" de J. Lutzemberg

"Há pouco tempo Gaia se olhou no espelho pela primeira vez. Células de seu cérebro a fotografaram da Lua. Ela se achou magnífica, azul, verde, diáfana". A frase é do ecólogo e engenheiro agrônomo José Lutzemberg e se refere à Terra. Para ele, Gaia, nome poético que a mitologia grega dava à deusa da Terra, é um ser vivo. Os homens são células, algumas cancerosas, de seu tecido nervoso.

- A ecosfera não é um simples sistema homeostático, automático, químico-mecânico. O planeta Terra é um ser vivo, um ente com identidade própria, o único de sua espécie que conhecemos. Se outras gais existem no universo, em nossa ou em outras galáxias, serão todas parentes. Um ser vivo tão destacado merece nome próprio - justifica Lutzemberg, enquanto explica que esta visão é diametralmente oposta a até agora adotada pela ciência, que coloca os homens como observadores externos da natureza.

Segundo ele, hoje é comum na visão científica a imagem da Terra como uma nave espacial. É uma figura na qual a Terra é apenas o palco da vida e, para nós humanos não passa de recursos aproveitáveis.

- Mas a nave espacial engana. Uma nave tem passageiros. Em Gaia não há passageiros, tudo é e todos somos Gaia.

O ecólogo gaúcho começa a explicar o conceito de Gaia pela interação. A relação profunda entre todos os elementos do planeta. Uma visão quase religiosa da vida. Distante da doutrina cartesiana, reducionista, que durante séculos norteou o pensamento científico, ele convida para um "experimento mental" e pergunta:

"SERIA POSSÍVEL UM PLANETA, COMO O NOSSO, CHEIO DE VIDA MAS SEM PLANTAS? IMPOSSÍVEL. SERIA POSSÍVEL UM PLANETA SÓ COM PLANTAS MAS SEM ANIMAIS? IMPOSSÍVEL. OS ANIMAIS NÃO PERMITEM QUE ELAS MORRAM DE FOME."

A vida, afirma o cientista, jamais poderá ser compreendida nos termos de Descartes, que via nos seres vivos, com exceção dos humanos, simples máquinas, relógios ou autômatos. Só uma visão sistêmica, unitária, sinfônica, poderá nos aproximar de uma compreensão do que é o nosso maravilhoso planeta vivo. Atualmente, diz Lutzemberg, sobram biólogos, mas está cada vez mais difícil encontrar naturalistas. A diferença entre eles está na veneração. Para o naturalista, a natureza não é um simples objeto de estudo e manipulação. "Ela é algo divino, e nós humanos somos apenas parte dela". O naturalista procura a integração, a harmonia, a preservação, o esmero, a contemplação estética.

CÂNCER DE GAIA

No organismo de Gaia nós, humanos, individualmente somos apenas células de um de seus tecidos. Um tecido que hoje se apresenta canceroso, mas ainda tem cura, lembra Lutzemberg. Já somos os olhos de Gaia. Hoje atravessamos um momento decisivo na vida de Gaia, profetiza o ecólogo. O homem, conhecendo demais, cego de orgulho e com gula incontrolável, desencadeou um processo de demolição que supera as crises anteriores.

A sociedade industrial já está interferindo na concentração de gás carbônico na atmosfera, contrariando as tendências de Gaia em um de seus importantes sistemas de controle. Conseguimos aumentá-la de 0,025% antes da explosão industrial para 0,030% em menos de 200 anos. Uma variação de 20 por cento.

Outro sistema de controle de temperatura encontrado por Gaia após a última glaciação está ameaçado. O sistema foi o alastramento das florestas tropicais úmidas no que hoje chamamos Amazônia, Congo, Índia, Sri Lanka, Bangladesh, Indochina, Indonésia, Oceania, Austrália. Estas florestas têm uma fantástica evapo-transpiração. São gigantescos aparelhos de ar-condicionado que exercem influências direta nos climas dos dois hemisférios porque estão na linha do Equador.

Mais uma vez o homem está contrariando os desígnios de Gaia. Em todo o mundo estão sendo demolidas as florestas tropicais úmidas, num ritmo que alcança cem mil quilômetros quadrados por ano. No caso da Amazônia, se for devastada no Pará, o que parece certo logo após o ano 2000, poderá ser desencadeado um processo de colapso da grande floresta.

Com os olhos dos astronautas e nas imagens de satélites, Gaia, pela primeira vez, viu-se a si mesma em toda sua singela beleza, diz o cientista. Brancos véus espiralando, ora tapando, ora revelando o azul profundo dos oceanos, o amarelo dos desertos, as diferentes tonalidades de verde: ora confundindo-se com os pólos. Poucos, pouquíssimos, dão-se conta do monumental, não somente em termos da história humana, mas em termos de história de vida, que representa aquela primeira foto de Gaia, ou aquela outra de Meia Gaia subindo solitária no firmamento, negro como o piche, da lua.

Este é um fato totalmente novo! Um momento decisivo na vida de Gaia. Uma situação faustina. Se continuar a cacofonia atual, o desastre será total para nós. Talvez nem tanto para Gaia, profetiza Lutzemberg. Gaia tem muitos recursos, tem muito tempo. Com novas formas de vida encontrará saída. Sobram-lhe ainda uns cinco bilhões de anos até que o sol, em sua penúltima fase evolutiva, ao tornar-se "gigante vermelho", venha a expandir-se até aqui antes de apagar-se lentamente. Gaia será recirculada nos gases incandescentes do sol, assim como cada um de nós seremos recirculados no solo.

- TEXTOTECA -

UMA HISTORINHA MUTTO REALISTA

Imagine que, um dia, o nosso mundo seja surpreendido pela visita de seres extraterrenos do planeta Kronk. Esses Kronkianos são fisicamente iguaizinhos a nós, humanos, mas são superavançados em tecnologia militar.

Os Kronkianos saltam da nave e lançam um olhar de desprezo prá gente, bocejam depois "avisam" que acabaram de descobrir um "novo planeta": O nosso! Ou seja, a partir de agora, eles se considerar no direito de mandar aqui.

São desagradáveis. Caçoam da gente e nos tomam por primitivos, próximos a macacos. Amarram os homens e as mulheres e os escravizam. Todos nós, sejamos brasileiros, ugandenses, indianos ou búlgaros, vamos ser obrigados a falar o idioma Kronkiano e a venerar os seus deuses. Nossas cidades são arrasadas, para que eles instalem o que chamam de "benfeitorias". O Oceano Atlântico é transformado em pântano, porque suas águas foram enviadas para os aquários do Imperador Kronk X. É um quadro terrível.

Continuemos o pesadelo. Passaram-se os séculos. Quase todos os humanos foram mortos pelos ocupantes. Os que sobraram tentam sobreviver na única área permitida a eles: o deserto do Amazonas.

Nas escolas Kronkianas, os estudantes aprendem que, um dia, no ano de 1208 d.K. (depois dos K.), os bravos pioneiros descobriram o planeta azul nº 03. Foram grandes os heróis ao submeter os selvagens humanos. Trouxeram a civilização, a TV mostra uma grande descoberta dos cientistas; está totalmente comprovado que as famílias humanas sempre tiveram o hábito de assar alguns filhos para serem devorados pelos próprios pais no ritual dos deuses. Os Kronkianos ficam horrorizados, e quando algum Kronkiano suja a rua ou rasga as poltronas do cinema, comentam: "Isso é coisa de humano". Adoram fazer gracinhas do tipo: "Quando humano não faz na entrada, faz na saída" ou, então, "humano é macaquito".

Até que descobrem ricas jazidas minerais no deserto amazônico. Áreas de reserva humana. Não importa, as grandes empresas Kronkianas se deslocam para lá e não exitam em agredir os últimos humanos. Os jornais, contudo, falam que "O progresso chegou à região".

O ANTI-GÊNESIS E O PRANTO DE DEUS

No final o homem destruiu a terra.

A terra tinha sido bela.

Pois sobre ela pairou o Espírito do homem
e destruiu todas as coisas.

E o homem disse: sejam as trevas.

E pareceu ao homem que as trevas fôssem
boas,

e denominou as trevas "segurança"
e dividiu a si mesmo em raças, religiões e
classes.

Não houve tarde nem houve manhã
no sétimo dia antes do fim.

E o homem disse: haja um governo forte
(autoritário),

para governar sobre nós nas nossas trevas...

hajam exércitos para matarem-se
com ordem e eficiência nas nossas trevas;
persequimos e destruimos,
aqui e até aos confins da terra

aqueles que nos dizem a verdade,
porque nós amamos as nossas trevas.

Não houve tarde e nem houve manhã
no sexto dia antes do fim.

E o homem disse: hajam misseis e bombas
para melhor matar e mais rapidamente.

E houveram fornos e câmaras a gás
para completar o trabalho.

E era o quinto dia antes do fim.

E o homem disse: hajam drogas
e outras formas de evasão,
pois, um leve e constante incômodo
- a realidade -

nos perturba, na nossa acomodação.

E era o quarto dia antes do fim.

E o homem disse: hajam divisões entre as
nações para que possamos saber quem é o
nosso inimigo.

E era o terceiro dia antes do fim.

E, como última coisa, o homem disse:

Façamos Deus a nossa imagem,

segundo a nossa semelhança,

e não haja um outro Deus

a competir conosco.

No último dia houve

um grande estrondo sobre a face da terra;

o fogo expurgou o belo planeta,

e houve silêncio.

E o Senhor Deus viu

Digamos que Deus pensa como nós pensamos

que odeia como nós odiamos

e que mata como nós matamos.

E era o segundo dia antes do fim.

tudo aquilo que o homem tinha feito,

e no silêncio

que envolvia aqueles restos fumegantes

Deus chorou.

Texto Anônimo traduzido do italiano por Alberto Allodi (revista: *Confronti*)

O RELÓGIO DA TERRA

Podemos imaginar a idade da terra como o rodar de um relógio. Inicialmente havia uma nuvem de gás rodando sobre si mesmo. Formou-se um núcleo, o sol e os planetas ao redor dele. Quando o relógio chegou às 2:40 horas da madrugada, havia se formado a crosta terrestre e surgido os oceanos. Durou 6 bilhões e 600 milhões de anos. Seguiram-se mais 400 milhões de anos para aparecerem os primeiros sinais de vida. O relógio apontava 3:30 horas. Quando o relógio chegou às 23:30 horas haviam surgido todas as espécies de vida. Os dinossauros reinaram por 135 milhões de anos. Quando o relógio marcava 23:50 horas apareceram os mamíferos, há 65 milhões de anos atrás. Quando o relógio marcava 23:58 horas emergiu o ser humano. Isso já fazem 4 milhões de anos. Somos os últimos a chegar. estamos unidos a um imenso processo anterior sem o qual não teríamos condições de existir. Somente Jesus ressuscitado assim o cremos nós cristãos, chegou às 24:00 horas, culminando o processo da criação boa de Deus. Em toda a caminhada estava a mão de Deus trazendo para si o inteiro universo.

Leonardo Boff

POEMA DAS REFORMAS

É preciso reformar a casa,
Abrir as janelas;
Que o vento penetre
Em todos os cantos.
É preciso destruir as cercas,
Que as crianças entrem,
Pisem nos canteiros,
Construam a sua alegria.

É preciso reformar a rua,
Que todos andem por ela.
As lojas, os bares, os cinemas
Nos mantenham assim
Unidos e em paz.

É preciso reformar a cidade.
É preciso, antes e sempre,
Reformar o homem
É preciso despi-lo,
É preciso mostrar
Que todos somos irmãos.

É preciso um novo dilúvio.
É preciso reescrever os livros
É preciso reencontrar a terra
É preciso que uma torrente
Invada todos nós
E lave nossa alma.

Cláudio Murilo (Poesia Viva)

A natureza Nossa Mãe e Irmã: uma relação de dominação ou parceria?

Está escrito: "crescer e dominar a natureza?". Mas como os filhos podem dominar a sua mãe que lhes dá a vida, os faz crescer e os acompanha?

Outras fontes culturais revelam um destino cósmico primordial que une evolutivamente a corporeidade orgânica do Homo-Sapiens à força motora que movimenta todas as espécies e famílias, animais, vegetais, minerais...

Quando nos detemos na contemplação das riquezas naturais em nosso país, ficamos deslumbrados com o que a Natureza moldou ao longo dos milhões de anos. Tudo tão admiravelmente plasmado, espontaneamente posto para o nosso benefício!

Uma natureza que traz em si o gênio do Criador, desperta entre os humanos gratidão, encantamento e estupor.

Está em nossas mãos a determinação que leva a impedir a continuação da relação dominação-depredação-destruição da Natureza, para restaurar nela um imenso jardim.

Nunca uma única espécie - o Homo-Sapiens - destruiu tantas outras espécies em tão pouco tempo, como ocorreu na última década. Mas ainda é possível modificar esse quadro, principalmente com a participação ativa dos jovens e das crianças, e provar que o ser humano, muito mais que um ser destruidor, pode ser um gênio transformador; esta transformação, contudo, deve brotar de dentro do seu coração aberto e de sua mente em paz: **HOMO SERVIENS!**

Colaboração de *Alberto Allodi*

TERRA: NATUREZA DO HOMEM

A natureza é o horizonte do homem.

Sua explicação

Seu fundamento

Sua medida.

Lutar pela preservação das espécies, é assumir
uma irmandade feita de folhas

penas

ventos

peles

pétalas

brilho, cores, movimento e VIDA.

- A asa que desenha sua liberdade sobre puros tons de azul não deixa rastros no céu.
- Uma queimada escreve sua destruição na terra.
- A água que corre seus cristais entre campos protegidos e férteis, vira nuvem e chove nova fertilidade sobre os prados onde o homem colhe a continuidade de sua existência.
- Ao manchar um oceano, o homem turba a própria nitidez do seu caminho no mundo.
- Ao ferir uma floresta, ele estabelece sobre si mesmo uma sentença de morte.
- Ao desrespeitar a pureza do vento, a transparência do ar, ele envenena seu próprio direito de caminhar sobre a TERRA.
- Assim a infinidade da VIDA cobra de cada um ZELO e COMPROMISSO.
- Pequeno entre grandezas, o homem não se deve medir com os horizontes que o cercam, mas respeitá-los.
- Ter com eles uma relação do amigo,
a conduta do irmão,
o desvelo do pai,
a paixão de uma namorada,
a humildade de um servo.
- A vida sabe multiplicar em recompensas essa demonstração de carinho;
- Na grandeza imaculada de seus elementos;
- Na beleza infinita de suas formas;
- Na expressão perfeita do MISTÉRIO, de DEUS.

*Minha mãe era do céu,
Meu pai era da terra.
Mas eu sou do universo.*

Yer Blues - Lennon & Mc. Cartney

Objetivo: sentir-se integrado com seu próprio corpo, suas emoções, cuidando de sua vida que é parte da vida do planeta.

Técnica: uma dança de roda. Utilizando a roda para simbolizar o universo, cada elemento como organismo vivo, inteligente, que precisa estar bem harmonizado consigo mesmo, para então se harmonizar com os outros. Uma roda bonita, prazerosa e em perfeito funcionamento precisa desta integração.

Obs: É muito importante a reflexão constante durante todas as atividades, para que se faça a relação com o sagrado.

Se a roda não sair, aproveitar a situação para a reflexão e trabalhar sem pressa para alcançar o objetivo. Cabe lembrar que: "Errar é um exercício profundo de liberdade".

PLANETA MORTO

Tamanha é a sede de lucro
que domina certa classe de pessoas
que elas não hesitam em cometer
todo o tipo de crimes contra a Natureza
que, em breve, tornarão nosso planeta
inabitável.

Nossa ânsia louca de ganhar mais,
florestas inteiras são destruídas,
rios, outrora limpos e piscosos, estão poluídos
e certas espécies animais estão extintas
e outras, em fase acelerada de extinção.
A continuar assim, dentro de breves anos,
não haverá mais pássaros

para alegrar a Natureza
e saudar, com seu cântico puro,
mais um dia que surge.

Num planeta morto, não haverá mais árvores
nem florestas
e os oceanos e mares serão enormes
fossas de dejetos,

neles jogados pelos rios,
e não haverá mais peixes para matar a nossa
fome.

Nesse planeta morto, restará apenas o homem,
só, em meio aos espigões de concreto armado
por ele levantados,
num hino de louvor à própria ignorância.

Galdino Andrade

MISSA DA TERRA SEM MALES

D. Pedro Casaldáliga

Solo

Eu vos dei a beleza do Mar e suas praias,
eu vos dei minha Terra e seus segredos,
os pássaros, os peixes, os animais amigos,
servidores,
o milho da espiga apertada e repartida,
o bulbo generoso da mandioca - o pão de cada
dia,
o guaraná cheiroso da floresta,
o caldo assossegante do chimarrão do Sul,
o remédio da Terra enfermeira,
a canoa voadora nas água,
o Pau-brasil de fogo,
nome do coração do vosso País...

Branco

E nós te depredamos,
desnudando as florestas,
calcinando teus campos,
semeando veneno,
nos rios e no ar.
A Terra generosa,
separando, por cercas,
os homens contra os homens:
para engordar o gado
da fome nacional,
para plantar a soja
da exportação escrava.

Solo

Eu era a Terra livre,
eu era a Água limpa,
eu era o Vento puro,
fecundos de abundâncias,
repletos de cantigas.

Branco

E nós te dividimos
em regras e em fronteiras.
A golpes de ganância
retalhamos a Terra.
Invadimos as roças,
invadimos as tabas,
invadimos o Homem.

Solo

Eu trazia um caminho
cada vez que passava.
Era a terra o caminho
O caminho era o Homem.

Branco

Nós abrimos estradas,

estradas de mentira,
estradas de miséria,
estradas sem saída.
E fizemos do lucro
o caminho fechado
para o Povo da Terra.

Solo

Eu era a Terra inteira,
eu era o homem livre.

Branco

E nós te reduzimos
em Vitrina e Reserva,
em Parque zoológico,
em Arquivo-poeira

Solo

Eu era a Saúde dos olhos,
penetrantes como flechas,
dos ouvidos atentos,
dos músculos harmônicos,
da alma em sossego.

Extraído do livro: Na Procura do Reino, FTD

DEFENDA A NATUREZA: É O JARDIM DA HUMANIDADE!

O FOGO é uma das principais causas da destruição das florestas. Quando estiver em regiões de matas, certifique-se de que apagou as fogueiras e as pontas de cigarros. Lembre-se de que soltar balões também provoca incêndios.

ORAÇÃO PELA TERRA

AGRADECEMOS-TE...

pelo nosso pequenino planeta
que tu fizeste azul espelhando o céu;
pela energia que dele emana e nos faz
ser irmãos da água, do fogo, da terra e do ar;
e pelas primaveras que, deveras,
veraneia o inverno de nossos outonos.

PENITENCIAMO-NOS...

pela profanação hedionda do teu templo esfumaçado,
pela crueldade fétida impingida aos rios e oceanos,
pela ganância estupradora imposta às matas virgens,
pelos desertos-áridos-tornados-terras-malditas
e pelo anti-Éden-de-árvores-atômicas construindo.

COMPROMISSAMO-NOS...

em nome do arco-íris ainda ligando terra e céu,
em nome dos selváticos que ainda pastam solenemente,
em nome dos "peles-vermelhas" sobreviventes ao progresso:
a sentir o Espírito de Cristo presente no vento, na
gota de orvalho, na nuvem que navega, na folha verde;
e a trabalhar como irmãos do Sol e da Lua
para o mundo ver que a natureza é o rosto risonho de Deus.

E assim quando voltarmos, um dia, para o ventre da mãe-terra,
pois somos terra e para lá retornaremos também,
queremos nós ter deixado vivas a esperança e a saudade
de quem esteve, constantemente, em busca do novo céu e da nova terra.

Curitiba, 14 de junho, último dia da Eco 92.

Rev. Carlos Alberto R. Alves

TERRA

Caetano Veloso

Quando eu me encontrava preso
Na cela de uma cadeia
Foi que vi pela primeira vez
As tais fotografias
Em que apareces inteira
Porém lá não estavas nua
E sim coberta de nuvens

Terra, terra
Por mais distante o errante navegante
Quem jamais te esqueceria

Ninguém supõe a morena
Dentro da estrela azulada
Na vertigem do cinema
Manda um abraço para ti pequenina
Como se eu fosse o saudoso poeta
E fosses a paraíba.

REFRÃO

Eu estou apaixonado
Por uma menina terra
Signo de elemento terra
Do mar se diz terra à vista
Terra para o pé firmeza
Terra para a mão carícia
Outros astros lhe são guia

REFRÃO

Eu sou um leão de fogo, sem ti me consumiria
A mim mesmo eternamente e de nada valeria
Acontecer de eu ser gente, e gente é outra alegria
Diferente das estrelas

REFRÃO

De onde nem tempo nem espaço
Que a força mande coragem
Pra gente te dar carinho
Durante toda a viagem que realizas no nada
Através do qual carregas
o nome da tua carne

REFRÃO**MÚSICAS HOLÍSTICO-ECOLÓGICAS**

Letra e música
Walerian Wrosz
Turma: 3-B, nº 208
Assai, PR, CECC.

SAUDAÇÃO A GAIA

Ave bela Gaia, nossa Mãe querida,
o teu rosto é celeste.

Entre os planetas és bem aventurada
e bendita é toda a água
que banha verdes bosques teus.

/: Ó Mãe dos viventes, filha do Sol,
rogai a Deus pela flora e fauna
nos eventos de vida-morte. É Gaia :/ bis

O MISTERIOSO BIOS**Estribilho:**

Salve o Grande Bios, nosso lar seguro!

Os humanos lutam pelo teu futuro!

Vida em comum será sempre um mistério!

/: Graças às águas ergues seu império! :/ BIS

1.

A luz que ilumina verde rosto teu
é o alimento que nos cai do céu.

Fauna e flora vivem de seu favor.

O FUTURO DA VIDA PLANETAR**Estribilho:**

A vida é um grande mistério
do Bios no ecossistema.

Nasce da luz e minérios
nas águas da Terra-Gema!

1.

No murmúrio do vento, nas ondas matinais
passeiam as mensagens de códigos vitais.

Falam pelos sons e gestos das criaturas.

Expressam o amor nos ritos de postura.

Estribilho: A vida...

2.

Toda a planta, os peixes, as aves e animais
recriam belos nichos da casa espacial.

Vencem os degraus e ciclos evolutivos.

Na auto-organização se mostram seletivos.

/: formando grandes reinos de esplendor! :/ BIS

Estribilho: Salve o Grande Bios...

2.

Os bichos e as plantas vivem em comunhão
sonhando juntos na total perfeição.

Todos eventos, vivendo um festim,

/: são o universo que está em mim. :/ BIS

Estribilho: Salve o Grande Bios...

Estribilho: A vida...

3.

O apogeu e a desgraça de toda a evolução
é o bipede humano, tricéfalo canhão!

Poluiu o ar e os mares inacessíveis.

Saqueou os animais e as matas ostensíveis.

Estribilho: A vida...

4.

Só Deus sabe o futuro da vida planetar
das relações do Bios na Comunhão Solar.

O homem viverá no espaço-tempo eterno
se amará a flora-fauna como a si mesmo.

Estribilho: A vida...

Letra e música
Walerian Wrosz
Turma: 3-B, nº 208
Assai, PR, CECC.

QUEIXA DA GAIA

1.

Eu sou celeste Gaia, na rota espiral.
Os fatos do passado desejo lhes lembrar.
Deus me criou, me projetou pra uma vida
longa,
pra ser nutriz e bem feliz de face azul-redonda.
Lá, lá, lá, lá - 3 x -

2.

Agora, muito triste preciso me queixar.
Os males que me atingem destroem vosso lar!
Olhem o mar, cheirem o ar! Sua morte é
violenta.
O ácido cai. O enterro sai. O êrmo só aumenta.
Lá, lá, lá, lá - 3 x -

3.

O fim está chegando. Ninguém quer me
escutar.
Os seres vivos choram na terra e no mar.

Os homens maus, muito cruéis saquearam
meus adornos,

Meus bosques mil e até o capim, queimando-
me no forno

Lá, lá, lá, lá - 3 x -

4.

Os animais nas matas estão pedindo a paz.
As aves, peixes, algas, minhocas e as rãs
querem comer e se manter na estrada do
destino,
com muito sol e meu amor, criando novos
caminhos!

Lá, lá, lá, lá - 3 x -

5.

Que Deus tenha piedade e abra o coração
dos homens egoístas, escravos da razão.
Vocês enfeitar de verde-azul a minha viva saia,
pois sou a mãe de todos vós, Eterna Nobre
Gaia.

Lá, lá, lá, lá - 3 x -

Letra e música
Walerian Wrosz
Turma: 3-B, nº 208
Assaí, PR, CECC.

DEFENDA A NATUREZA: É O JARDIM DA HUMANIDADE

Não mate passarinhos nem rãs. Todos os animais têm uma função definida na natureza, mantendo o equilíbrio ecológico dentro de determinada região. As minhocas, por exemplo, são necessárias para o arejamento do solo.

Participe ativamente da luta pela defesa da Natureza.

Organize na sua escola um "movimento verde" ou filie-se a um grupo ecológico já existente. Escreva a políticos relatando agressões ao meio ambiente. Denuncie!!!

O MUNDO QUE EU QUIS

Não é esta aí a natureza que eu quis
Que tomba indefesa, perdendo a beleza.
Trazendo a tristeza na terra que eu fiz.

Não é esta aí a terra que eu quis.
Desfeita em pedaços por grandes ricos
Por mãos criminosas de homens que eu fiz.

Não é este aí o homem que eu quis.
Que viva oprimido, que anda perdido,
que cai abatido no mundo que eu fiz.

SERÁ QUE EU ERREI, ME DIGAM VOCÊS
SERÁ QUE EU PUZ MUITA ÁGUA NO MAR
SERÁ QUE É O CALOR DO MEU SOL A QUEIMAR
SE ACASO É ASSIM, PERDÃO EU ERREI

Agora lhes digo o mundo que eu quis
As estrelas não brigam,
o sol não se afasta
O mar não soçobra na terra que eu fiz.

Agora lhes digo a terra que eu quis
Sem ódio nem guerra, sem tanta injustiça
Que ferem meu filho o homem que eu fiz.

Agora lhe digo o homem que eu quis
Um homem liberto, fraterno e aberto
Fazendo da vida um canto feliz.

SERÁ QUE EU FALHEI SENDO BOM DEMAIS
SERÁ QUE O AMOR, A JUSTIÇA E A PAZ
NÃO VALEM MAIS NADA NESTE MUNDO MEU
SE ACASO É ASSIM, PERDÃO EU ERREI.

(BIS)

Para refletir e elaborar textos

O SOPRO DA NATUREZA

Quando a Natureza magnânima suspira,
Ouvimos os ventos
Que, silenciosos, despertam as vozes dos
outros seres,
Soprando neles.
De toda fresta
Soam altas vozes. Já não ouvistes
O marulhar dos tons?

Lá está a floresta pendente
Na íngreme montanha:
Velhas árvores com buracos e rachaduras,
Como focinhos, goelas e orelhas,
Como orifícios, cálices,
Sulcos na madeira, buracos cheios d'água:
Ouve-se o mugir e o estrondo, assobios,
Gritos de comando, lamentações, zumbidos
Profundos, Flautas plangentes.

Um chamado desperta o outro no diálogo.
Ventos suaves cantam timidamente,
E os fortes estrondam sem obstáculos.
E então o vento abranda. As aberturas
Deixam sair o último som.
Já não percebestes como então tudo treme e se
apaga?

Yu respondeu: Compreendo:
A música terrestre canta por mil frestas.
A música humana é feita de flautas e de
instrumentos.
Que proporciona a música celeste?
Mestre Ki respondeu:
Algo está soprando por mil frestas diferentes.
Alguma força está por trás de tudo isso e faz
Com que os sons esmoeçam.
Que força é esta?

Fonte: A Via de Chuang Tzu. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 52.

EXERCÍCIO - MEDITAÇÃO DA FLOR DE LÓTUS

Idade: de 3 anos à idade adulta

Tempo: 5 minutos

Feche os olhos e concentre a atenção no seu coração ou na área no centro do peito. Imagine ali uma flor de lótus com pétalas douradas fechadas. À medida que respira dentro do coração, a energia deste lentamente abre as pétalas da flor de lótus (*pausa*) e uma linda luz azul emana do centro da flor de lótus. Você tem todo o tempo de que precisa para abrir a sua flor. (*Pausa de 1 minuto*) À medida que o lótus continua se abrindo, a luz azul se expande, enchendo você de amor e de luz. (*Pausa de 1 minuto*) Observe como a luz azul do seu coração se junta à luz dos corações aqui presentes. (*Pausa*) Agora abandone essa imagem, perceba como se sente e abra devagar, sentindo-se plenamente alerta, embora bem relaxado.

REAÇÕES AO EXERCÍCIO DE "MEDITAÇÃO DA FLOR DE LÓTUS"

A flor era amarela e as pétalas se abriram duas a duas. Era como lava azul saindo do meu coração, e a luz branca vinha do céu. Quando elas se encontraram houve centelhas. Um lado de mim sentiu-se quente e outro frio.

Kevin

Eu pude ver os reféns (no Irã) serem libertados porque os guardas estavam deitados por todos os lados, cercados por uma luz branca e azul, e os deixaram partir.

Sean

Minha flor desenrolava uma pétala de cada vez e ela era de toda as cores. Enviei amor e energia para todos os que precisam.

Denise

Eu estava olhando com suavidade e vi a energia saindo de você. A minha energia foi ao encontro do seu feixe de energia e uniu-se a ele, e ambas foram na direção de Donna (que, naquele instante, estava dando à luz o seu primeiro filho).

Carlos

PARA REFLETIR, DIALOGAR, ELABORAR PRODUÇÕES CRIATIVAS

OS PÁSSAROS CANTAM NO SUL DA CHINA

É concreta...

Certa vez um monge disse a Fuketsu:

- Há uma coisa que certa vez ouvi você dizer que me intrigou: que a verdade pode ser comunicada sem falar e sem permanecer calado. Poderia explicar isso, por favor?

Fuketsu respondeu:

- Quando eu era um rapazola no sul da China, ah!, como os pássaros cantavam por entre as flores, na primavera!

*Penso,
portanto estou inconsciente.
No momento do pensamento
moro no mundo I R R E A L
da abstração
ou do passado
ou do futuro.*

O SAPO NO GRAMADO

Um homem ofereceu dinheiro à filha de 12 anos se ela aparasse a grama. A garota dedicou-se à tarefa com grande zelo e à tardinha todo o gramado estava lindamente aparado. Bem... tudo, menos uma grande faixa de grama num canto.

Quando o homem disse que não podia pagar a soma combinada porque nem toda a grama fora aparada, a garota disse que estava pronta a esquecer o dinheiro, mas não apararia a grama naquele trecho.

Curioso para saber por que, ele examinou o trecho que não fora aparado. Ali, bem no centro do trecho, estava um grande sapo. A garota fora muito compassiva e não tivera coragem de passar por cima dele com o cortador de grama.

Onde existe amor, existe desordem, (dinamismo)

Perfeita ordem faria do mundo um cemitério.

PLANTANDO ÁRVORES PARA A POSTERIDADE

La começar a estação chuvosa e um velho bem velho estava cavando buracos no quintal.

- O que está fazendo? - perguntou o vizinho.

- Plantando mangueiras - foi a resposta.

- Espera comer mangas dessas árvores?

- Não, não viverei o bastante para isso. Mas outros comerão. Ocorreu-me outro dia que durante toda a vida saboreei mangas plantadas pelos outros. Este é um meio de demonstrar-lhes minha gratidão.

O PRISIONEIRO E A FORMIGA

Um prisioneiro vivia há anos na solitária. Não via e não falava com ninguém e suas refeições eram servidas por uma abertura na parede. Um dia, uma formiga entrou em sua cela. O homem a contemplava fascinado, enquanto ela rastejava pelo cômodo. Segurava-a na palma da mão para melhor observá-la, dava-lhe um ou dois grãos e, à noite, guardava-a sob sua caneca.

Um dia, de repente, veio-lhe à mente que levava dez longos anos de prisão solitária para abrir os olhos à beleza de uma formiga.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 03
OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS
ÁGUA - AR - TERRA - FOGO

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

TEMA 3: OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS ÁGUA - AR - TERRA - FOGO

Disse Hipócrates que "existe um fluir comum, e que todas as coisas se harmonizam em simpatia". Assim deveria ser a harmonia de cada um de nós, fluindo interiormente e exteriormente na sua relação com todo o universo. Existe uma teia invisível, que podemos chamar de Eco Sistema que nos une a todos os átomos que compõem esse planeta formando os elementos.

Os antigos diziam que o céu tinha uma ação dominante sobre as forças físicas, os seres vivos e os estados da matéria na terra. Davam assim o nome de terra a tudo o que se encontrava em estado sólido; ao que se encontrava em estado líquido, eles davam o nome de água; ar para o que se encontrava em estado gasoso e fogo o nome de todas as manifestações de força.

O fogo era representado por um triângulo com a ponta voltada para cima.

A água era representada por um triângulo com a ponta voltada para baixo.

A terra era representada por um triângulo com a ponta voltada para baixo cortada por uma linha horizontal.

O ar era representado por um triângulo com a ponta voltada para cima cortada por uma linha horizontal.

O corpo humano nada mais é do que o conjunto dos cinco principais elementos (acrescentando-se o éter) e das propriedades que a ele se relacionam, como os ouvidos, os olhos, o nariz, a língua, o corpo, a forma, o som, o odor, o gosto, etc.

Os quatro elementos simbolizam, no plano material os quatro estados da matéria: sólido (terra), líquido (água), gasoso (ar) e plasma ou energia ionizada irradiante (fogo).

A antiga filosofia grega também baseava-se nas doutrinas dos elementos que eram equacionados com as quatro faculdades do homem: moral (fogo), estética e alma (água), intelectual (ar) e física (terra). Muitas outras culturas também baseiam seus princípios nestes padrões energéticos básicos. É importante mencionar na psicologia, o trabalho da biosíntese, corrente neo-Reichniana, fundada por David Boadella, que utiliza a leitura e o mapeamento energético dos quatro elementos em seu processo terapêutico.

O ELEMENTO TERRA

Não é o planeta terra o que se chama de elemento terra, mas o elemento terra que domina o planeta Terra. Os ossos, a carne, a pele, os nervos e os cabelos se compõem do elemento terra.

A terra é imediata e tangível, ela é a realidade física de nossa vida. É o elemento da gravidade, magnetismo e atração física.

A paciência e a cobiça são seus atributos, a sobrevivência, seu desejo, juntar e economizar são atividades relacionadas com este elemento.

Nos colocamos em ligação com o elemento terra pelo alimento que comemos. O ato de comer é uma "celebração" do mistério da vida.

Da terra provém toda a alimentação física. O 1º passo para uma boa saúde é de ordem cognitiva. O conhecimento do valor nutritivo dos alimentos e do papel dos elementos no organismo constitui uma motivação certa na pesquisa do equilíbrio alimentar e da saúde.

O ELEMENTO AR

O ar contém o combustível que utilizamos a cada momento de nossa vida para levar energia a nossas células nervosas e orgânicas.

A respiração profunda é considerada como um regulador do sistema nervoso e equilibrador das funções corporais.

A corrida, a caça, a utilização da força, a contração e o crescimento do corpo (expansão) se relacionam com o elemento ar. O ar é responsável por todo tipo de movimento dentro e fora do corpo, seja pela circulação do sangue, dos líquidos, da linfa, etc.

A respiração é o sistema básico de suporte e está representada pela propriedade que possui o ato respiratório de produzir determinados efeitos psicoquímicos no organismo.

O ELEMENTO ÁGUA

O sêmen, o sangue, a gordura, a urina, e as mucosidades (saliva e fluidos linfáticos) do corpo pertencem ao elemento água.

A pureza e a união são seus atributos. O conhecer pessoas, seu desejo, os trabalhos pacíficos são a atividade deste elemento, que é de natureza bria.

É através da água que bebemos e do banho que tomamos que entramos em contato com o elemento água.

A água é o elemento purificador e magnetizador do organismo. Toda a absorção ou ablução de água deve ser consciente, isto é, acompanhada de pensamentos e sentimentos apropriados (de gratidão, meditação sobre a pureza e a vida que ela possui)

O ELEMENTO FOGO

A fome, a sede, o sonho, a letargia e a radiação estão relacionados com o elemento fogo. A raiva é seu atributo. Por natureza o que está dominado pelo fogo tem a cabeça quente e está controlado pelo desejo de êxito, vitória e sucesso. O trabalho duro é atividade deste elemento.

Os desejos de sucesso, êxito, renome, imortalidade, são relacionados a este elemento. Fogo é a energia e calor. Usado para cozinhar os alimentos é símbolo da purificação. O fogo é o símbolo da transformação quando usado no desenvolvimento pessoal.

Idéias extraídas do livro "Corpo Essencial" de Matilde Cavalcanti e do texto sobre bioenergia de Ralph Vianna

SUGESTÕES DE AULAS

Objetivos

- Compreender que o que está fora de nós está na mesma medida dentro.
- Perceber os elementos fundamentais que constituem o ser humano e o mundo.
- Traçar relações entre água, terra, fogo e ar interiores e exteriores.
- Buscar a harmonização dos elementos.
- Atingir um novo entendimento sobre as questões ecológicas.

Descrição da aula

Momento inicial: durante uma caminhada fazer com que os alunos sintam o vento batendo no corpo, nas árvores. Perceber o movimento que a circulação do ar provoca.

Sentir o calor do Sol em seus corpos, toquem em pedras para sentir o calor armazenado.

Descalços os alunos devem sentir a terra com os pés e sucessivamente com diferentes partes do corpo.

Pedir que encontrem o elemento água. Este pode ser encontrado no rio, orvalho, torneira na roupa molhada do varal...

Na segunda etapa os alunos identificarão estes elementos em seu próprio corpo através do exercício de relaxamento.

Técnica de relaxamento

Com música suave sentir o peso do corpo no chão (deitados). O professor sugere o relaxamento por partes, sem pressa. Iniciar pelos pés e lentamente conduzir o relaxamento pelas pernas, joelhos, coxas, pélvis, nádegas, abdômen, tórax, ombros, braços, mãos, pescoço e cabeça.

Em cada momento agradecer cada parte do corpo pelo seu perfeito funcionamento.

Existe um fluir comum; todas as coisas se harmonizam em simpatia.

Hipócrates

Se queremos salvar o planeta e a força da preocupação ecológica se faz notar por todos os lados é óbvio que a educação precisa tomar sua posição e realizar seu trabalho de uma forma consciente.

Quando falamos em forma consciente não nos referimos a um modismo ecológico, muito menos à aparência do "bonitinho", turístico ou mesmo comercial. Estamos com uma preocupação séria, que é o desenvolvimento da consciência do ser humano, de sua percepção inteligente do mundo e suas relações.

Somos o microcosmos dentro do Macrocosmos

A salvação da natureza começa pela harmonização do próprio corpo, do próprio eu psicológico. Nós somos constituídos pelos mesmos elementos que a natureza é constituída, como despoluir o ar se estamos cada vez respirando mais superficialmente, se estamos perdendo a capacidade de sonhar, se nos tiramos o direito de passear pelo "mundo da lua".

Como não machucar a terra se desvalorizamos nosso corpo, submetendo-o sempre a padrões exteriores? A paciência e a tenacidade individual perde a voz quando na ânsia agitada de viver "sem sentido" deixamos de respeitar os desejos e aspirações que cada um tem.

Descobrimo a própria energira, o calor do próprio amor e solidariedade, podemos de fato ver a luz e o calor do mundo.

É impossível purificar a água interior se a água exterior estiver impura. Cada elemento interior depende do seu correspondente exterior. Esta é uma descoberta que altera a consciência e o modo de ação de cada ser humano, nesta postura que brota do interior e se reflete no cuidado e respeito consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus (transcendente) é que se faz a verdadeira ecologia.

Ainda no relaxamento o professor induzirá cada um a buscar a sensação do batimento cardíaco, o fluir do sangue, o calor do corpo, a entrada e saída do ar dos pulmões, e por fim imaginariamente o esqueleto, os músculos e a pele que reveste o corpo.

Sugerir situações imaginárias: de devaneio (ar); agitadas e apaixonadas (fogo); paciência e tenacidade (terra); purificação e evolução (água).

Após o exercício que pode ser teatralizado ou ser apenas uma mentalização do próprio relaxamento, segue a conversação, o aprofundamento do tema.

Em outro momento, a retomada se dá através da prática da massagem dos quatro elementos.

Em duplas:

Água - as mãos espalmadas fazem movimentos lentos de vibração, com pouca pressão sobre o corpo, imitando o movimento que a água faz no corpo quando em imersão.

Terra - Massagem muito mais lenta, realizada com paciência. As mãos seguram parte do corpo, com certa pressão, como que limitando o espaço ocupado por esta parte, desta forma,

percorrer várias partes do corpo. Sequência: o massageado fica deitado e o massageador pressiona o peito e assim permanece por alguns minutos, com as mãos sob a pessoa, segura suas omoplatas por alguns minutos, procedendo da mesma forma com as costelas, bacia, barriga, pernas, pés, braços, ombros, cabeça e rosto.

Ar - Enquanto o receptor respira profundamente, o massageador auxilia pressionando levemente o abdômem de seu colega, a cada expiração, voltando a afastar suas mãos durante a inspiração.

Fogo - Movimentos energizantes de fricção, de estimulação de mãos, pés, e de partes frias do corpo.

Obs: os alunos podem sentir o elemento fogo se friccionarem as mãos uma na outra, com força e rapidez.

SEGUNDA ETAPA

Pela observação dos ciclos da natureza, o aluno pode compreender seus ciclos interiores: de inércia e dinamismo, alegria e tristeza, infância, maturidade e velhice, etc... Conhecer melhor a si mesmo e respeitar seus ciclos biológicos e psicológicos.

Referências religiosas

O símbolo do Yin e do Yang

Permitir que os alunos leiam este símbolo de maneira livre. Provocá-los nesta leitura com perguntas. Ex: quando começa a alegria, se estou triste?

Note-se que no auge do branco, surge o ponto negro e vice-versa.

Apresentar a passagem bíblica:

Eclesiastes 3

"Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu:

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que plantou;

tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar;

tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria;

tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

tempo de buscar, e tempo de perder, tempo de guardar, e tempo de deitar fora;

tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

tempo de amar, e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz".

Refletir à respeito do movimento natural das coisas, e trazer a mensagem à nível de compreensão e aceitação de si mesmo.

Trabalho conclusivo

Com a música "as quatro estações" de Vivaldi.

Ouvir, dançar e escrever poesia caracterizando elementos de cada estação.

Primavera: fertilidade da TERRA.

Outono: AR outonal movimentando as folhas secas das árvores.

Inverno: umidade, chuva fria (Água).

Verão: calor abundante (Fogo).

Obs: o professor de primeira a quarta série pode conversar com os alunos à respeito das estações do ano, envolvendo alterações que sofreram, tais como: desmatamento, poluição, queimadas e perceber a manifestação dos quatro elementos em cada estação.

Ex: como está o ar no verão? Como ele estava na primavera?

Utilizar muito a dança, o corpo para vivenciar e expressar os quatro elementos.

- TEXTOTECA -**HOMENAGEM À TERRA: UMA OFERENDA CÓSMICA**

O canto do poeta associa-se intimamente ao sacrifício: proclama a fórmula que liga o homem ao divino; tece relações entre a terra e o céu, entre o homem e Deus. A palavra sacrificial é a palavra cósmica."

OUÇAMOS:

Não nos faças mal, ó Terra,
sobre ti todos os seres se deitam,
Terra, sobre ti dançam e cantam
os homens, sobre ti lutam, falam.
Terra, provedora de germes,
produto do sacrifício e da ação sagrada.
Queira Prajapato, senhor das criaturas,
tornar-nos maternal a Terra,
de horizonte a horizonte, Ela que tudo porta
em seu seio.
Ela, cercada pelo vôo das águias e dos
flamingos,
ela, que o vento percorre
criando espaços perturbados e sacudindo as
árvores.

O recinto eram os espaços.
Tendo dado à Terra a forma de um altar,
criado para o sacrifício,
o Sol disse à Terra:
"Que em ti nasçam todas as coisas,
o que foi e o que será".
Assim nasceu o primeiro sacrifício.
As pedras do lugar esmagam a erva santa.
O ato divino é o sacrifício,
o fio de ouro que liga a terra ao céu;
e tarefa de homem é tecê-lo.
Aquele que sabe ver esse fio estendido da terra
ao céu,
sobre o qual são tecidos os homens,
aquele que conhece a trama e o fio,
saturado de seiva, sem desejos, sábio, imortal,
esse conhece a essência do Brahman".

OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS: FOGO-AR-ÁGUA E TERRA

Existe um fluir comum; todas as coisas se harmonizam em simpatia.

Hipócrates

Objetivo: identificar que o que está fora de nós, está, na mesma medida, dentro.

O fogo, no calor de nosso corpo, nas nossas emoções.

O ar, nos nossos pulmões e nos nossos sonhos (estar aéreo).

A água em nosso sangue e lágrimas.

E a terra, nossa pele e nossa realização.

Técnica

Relaxamento induzido para a identificação dos quatro elementos dentro de si mesmo.

Exemplos: Auto percepção do pulsar e fluir do sangue (água), do calor do corpo e da agitação de nossas emoções, do ar entrando e saindo dos pulmões e dos sonhos, devaneios de cada um, do revestimento do corpo (pele) de onde brotam os pelos (vegetação), nossas idéias realizadas: pés no chão (relação com a terra).

O professor pode trabalhar um elemento em cada exercício de relaxamento, do interior partir para o exterior e a identificação dos elementos da natureza: como estão ligados entre si e como estamos ligados a eles.

A GUERRA DO FOGO

O trabalho consiste em discutir e fazer as regras do jogo, colocando-as na lousa, para que todos as conheçam. Esse trabalho poderá ser feito em duas etapas: primeiro as regras serão elaboradas em grupos menores de alunos, para que todos possam participar; em seguida, serão discutidas as propostas dos grupos e definidas as regras.

Após o jogo, a classe fará uma avaliação das regras, verificando as que funcionaram e as que não funcionaram, aperfeiçoando-as.

A classe é dividida em duas equipes. A primeira representa os homens pré-históricos, que têm um tesouro - o fogo - escondido em um terreno delimitado e vigiado por guardas que cuidam para que não seja roubado pelo outro grupo. A segunda equipe representa os marcianos, que também têm um tesouro - a água - igualmente defendido por guardas, uma vez que os pré-históricos também precisam dela.

Cada equipe tentará roubar o tesouro da outra equipe.

Fichário de jogos. Equipe de Educação Popular e Cultura - Tarea. Lima, Peru.

CIO DA TERRA

Debulhar o trigo. Recolher cada bago do trigo

Forjar do trigo o milagre do pão e se

fartar de pão. Decepar a cana.

Recolher a garapa da cana.

Roubar a doçura do mel se lambuzar de mel.

Afagar a terra. Conhecer os desejos da terra.

Cio da terra propício à estação.

E fecundar o chão.

PLANETA AZUL

Chitãozinho e Chororó

A vida e a natureza

Sempre a mercê da poluição

Se invertem as estações do ano

Faz calor no inverno e frio no verão

Os peixes morrendo nos rios

Estão se extinguindo espécies animais

E tudo que se planta colhe

O tempo retribui o mal que a gente faz

Onde a chuva caía

Quase todo dia

Já não chove nada

O sol abrasador rachando o leito dos rios

secos, sem um pingo d'água.

Quanto ao futuro inseguro

Será assim de norte à sul

A terra nua semelhante a lua

O que será desse Planeta Azul (2x)

O rio que desce as encostas

Já quase sem vida

Parece que chora

Num triste lamento das águas

Ao ver devastada a fauna e a flora

É tipo de pensar no verde

Regar a semente que ainda não nasceu

Deixar em paz a Amazônia

Preservar a vida, estar de bem com Deus...

PÔE A SEMENTE NA TERRA

REFRÃO

Toda semente é um anseio de frutificar

E todo fruto é uma forma de a gente se dar.

Põe a semente na terra não será em vão

Não te preocupe a colheita, plantas para o
irmão (bis)

II

Toda palavra é um anseio de comunicar
E toda fala é uma forma de a gente se dar.

III

Todo tijolo é um anseio de edificar
E toda obra é uma forma de a gente se dar.

PLANETA ÁGUA

Água que nasce da fonte, serena do mundo e
que abre um profundo grotão.

Água que faz inocente riacho e deságua na
corrente do ribeirão. Águas escuras dos rios
que levam a fertilidade do sertão.

Águas que banham aldeias e que matam a sede
da população.

Águas que caem das pedras no véu das
cascatas, ronco de trovão e depois, dormem
tranquilas, no leito dos lagos, nos leitos dos
lagos.

Água dos igarapés onde Iara Mãe D'água é
misteriosa canção.

Água que o sol evapora e o céu leva vai
embora virar nuvens de algodão. Gotas de
água da chuva alegre arco íris sobre a
plantação. Gota de água da chuva, tão tristes
são lágrimas de inundação. Águas que movem
moinhos são as mesmas águas que encharcam
o chão e sempre pro fundo da terra.

Terra, planeta água. (3x)

Guilherme Arantes

CRIANÇA FELIZ; ALEGRE A ESTUDAR

(Música: Criança Feliz)

Criança feliz

Alegre a estudar

no MEIO AMBIENTE

sempre a pensar

Oh! Mãe Natureza

teus filhos fiéis

não vão te ofender

com manobras cruéis.

Nós somos os defensores

da Natureza gentil.

Queremos sempre que o verde

domine todo o Brasil.

Não vamos mais aceitar

incêndio e poluição,

e o triste desmatamento

enfraquecendo o torrão!

Amigos dos passarinhos

felizes lá nos seus ninhos

com seus filhotes brincando

em liberdade cantando.

Os animais bem merecem

respeito e compreensão.

Todos os seres viventes

Tem aqui sua função.

O CICLO DA ÁGUA

Neide e Suzana

BRUMM!!! BRUM !!! TZZZzzz...

Nossa, que barulhão !!! Raios, trovões, chuva e vento...

Assim começa a história de Plim, a gotinha de água.

Um dia Plim e suas irmãs, Plic, Ploc e Splim, acordaram, caindo do céu.

Estavam tão cansadas que, chegando no chão, adormeceram outra vez.

Quando Plim acordou, levou um susto ! ! ! Ela estava sendo puxada para baixo e ia entrando cada vez mais na terra.

De repente, sem saber como, estava dentro da raiz de uma árvore.

Aí foi subindo, subindo, até chegar nas folhas, onde começou a trabalhar.

Que trabalho gostoso!

Plim passava o dia todo fazendo pacotinhos de alimento.

Certo dia, Plim se enfeitou toda com raios de sol.

Foi se sentindo leve, leve, e quando percebeu estava no ar, flutuando, subindo, subindo...

Que legal ! Lá em cima estavam suas irmãs, formando uma bela nuvem.

Quando se encontraram, foi história que não acabava mais.

Cada uma queria contar a sua.

Plic tinha sido engolida por uma vaca...

Ploc tinha rolado até um rio que corria no meio de uma floresta.

Juntara-se a outras gotinhas e com elas tinha ido brincar de escorregar numa cachoeira.

Splim tinha deslizado pela praia e chegado no mar. Lá ela encontrou tanta coisa linda!...

De repente... BRUMM!!! BRUMM!!! TZZZZZZ...

Vai começar tudo outra vez...

Novas aventuras de uma gotinha de água.

PLIM - O CICLO DA ÁGUA

A água é a substância mais abundante da biosfera. Os seres vivos são constituídos por aproximadamente 70% de água. Ela é essencial à vida, pois além dos solventes das substâncias que circulam nos organismos serve-lhes de transporte; participa diretamente de inúmeras reações bioquímicas; é fundamental para a realização da fotossíntese fornecendo os hidrogênios, que constituem matéria orgânica, e o oxigênio, que faz parte da atmosfera.

A água circula continuamente na biosfera. Os seres vivos utilizam-se sob a forma líquida: as plantas, absorvendo-a através das raízes; os animais, ingerindo-a pura ou misturada aos alimentos. Parte dessa água integra-se aos organismos participando de funções diversas e parte é evaporada.

A água do meio físico (rios, mares, lagos) é parcialmente evaporada, constituindo as nuvens, voltando à biosfera em forma de chuva. Ocorre portanto, uma reciclagem da água, cujo fenômeno é CICLO DA ÁGUA.

O ser humano acostumado a receber graciosamente os benefícios da MÃE NATUREZA, há muitos anos, esqueceu-se da fórmula que diz:

- De onde se retira e nada se põe, tende a se acabar.

Esqueceu-se de que todos os seres vivos devem a ela a sua própria vida e subsistência.

A natureza é equilibrada e o homem, na ânsia do poder, está acabando com o seu equilíbrio.

Nós não podemos ficar esperando que apareça uma fórmula mágica para consertar o mundo. Cada um de nós pode e deve ajudar um pouquinho.

Ponha também você a mão na cabeça! É hora de conservar a natureza! Situação atual é assustadora. A destruição do ar, da água, do solo, das plantas e dos animais, em relação com o

crescimento da população humana, está trazendo graves problemas, estando o próprio homem ameaçado.

Porém nem tudo está perdido. Sendo o homem o guardião dos recursos naturais, cabe a ele, como o único ser racional da natureza, a obrigação moral de bem administrar os recursos naturais, visando a sobrevivência dos seres vivos em geral e da própria espécie humana.

Conservemos a natureza, sejamos gratos a ela, utilizando racionalmente e adequadamente a água, o solo, as plantas e os animais.

Você já pensou em dar sua colaboração?

- Plante uma árvore ou cuide da que está plantada.
- Proteja os animais.
- Colabore sempre na conservação dos bens que a Mãe Natureza nos oferece.

"Se o PAI nos colocou no mundo, não foi para que andássemos de olhos no chão, mas o acompanhássemos pelas marcas que deixou em todas as coisas, nos acontecimentos e nas pessoas.

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos do próprio Deus, veríamos que nada no mundo é profano, tudo participa para a construção do Reino de Deus.

Deus nos deu a vida e criou a natureza para servir-nos, cabe a nós a sua utilização e preservação.

Portanto, enquanto vivermos, cuidemos de nossa parte!

SER/CERICAM

Algumas pessoas são dignas de admiração pelo fato de, muitas vezes, deixarem seus interesses pessoais de lado para se ocuparem de outras pessoas ou mesmo de animais - nossos amigos - irmãos. É o caso da personagem principal do texto que vamos meditar.

AS AVES IAM MORRER...

Nas primeiras horas da manhã de ontem, dezenas de pequenas gaivotas começaram a ser jogadas nas praias de Mongaguá, junto à plataforma de pesca. A maioria estava morta e as poucas que sobreviviam tentavam inutilmente vencer a maré alta e retornar a seus ninhos, na distante Ilha das Cobras. Mas seus ninhos haviam sido destruídos e elas não tinham forças suficientes para vencer as fortes ondas e voltar ao lugar de origem.

Em meio a essa luta entre a natureza e as aves, surgiu uma mulher. Uma humilde vendedora de petiscos na praia: Dona Sofia. Ela não se conformou com o espetáculo brutal e a desigualdade da luta. Mas não ficou só nisso: abandonou sua barraca, juntou-se aos filhos, enfrentou o mar bravo e começou a salvar as pequenas gaivotas, uma a uma.

Pouco depois, cerca de dez salva-vidas também se juntaram à tarefa. Por volta das 15 horas, Dona Sofia e seu pequeno exército tinham salvado mais de 500 filhotes. Poderia ter sido mais, não fossem alguns turistas que resgatavam das águas as pequenas aves para comê-las.

Junto à sua barraca de petisco, Dona Sofia alimentou as avezinhas, improvisou uma estufa - puxou um fio de luz e ligou uma lâmpada - e ficou esperando ansiosamente pelo socorro pedido, ainda de manhã, à União Internacional Protetora dos Animais.

Enquanto o socorro não chegava - e já sem a colaboração dos salva-vidas e dos amigos - Dona Sofia e seus filhos continuaram espreitando o mar, numa vigília constante e afiada. A cada

pequeno ponto negro que aparecia boiando, ela e seus pequenos soldados se atiravam às águas e voltavam à barraca com o sorriso dos vencedores: em suas mãos, novas pequenas aves estavam salvas. Ela as enxugava, uma a uma, colocava na estufa improvisada e voltava à vigília, pouco se importando com o movimento de seu comércio.

De vez em quando, triste, ela recolhia do imenso ninho que fizera, as pequenas gaivotas que não resistiam e as enterrava na areia da praia, como num ritual.

A noite já tinha descido em Mongaguá, os turistas já haviam retornado às suas casas, as outras barracas já tinham cerrado suas portas e uma luz ainda brilhava junto à plataforma de pesca: a que iluminava o imenso ninho que Dona Sofia fizera junto à barraca.

- Se não aparecer socorro - disse ela - vou ficar aqui a noite inteira. À noite as ratazanas e os gatos aparecem buscando comida. E eu não posso abandonar essas criaturinhas.

(Jornal da Tarde, 15 de julho de 1992)

Fonte: FARACO & MOURA, Linguagem Nova. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 5ª série.

A
força
que amadurece
o fruto
é a
mesma
força
que faz
brotar,
no coração
do homem
um
gesto de
Bondade

A
Terra
é
uma semente
cós mica
que gerou
a árvore
da vida;
e seu
mais belo
fruto
é a consciência
limpida
de um
Francisco de Assis.

O
despertar
da consciência
é como
o desabrochar
da flor:
- a mais bela
e fecunda
realização
da vida

POR QUE
será que os
pássaros gostam
de fazer
seus ninhos
nos galhos
das árvores?
Será porque
árvores e pássaros
são dois versos
que se rimam
em um mesmo
poema?

BENDITO:
o polem
que
fecunda
a flor.

BENDITA:
a flor
que
gera
o fruto.

BENDITO:
o fruto
que
alimenta
o
homem.

MALDITO:
o homem
que
mata
a árvore.

Pelo uso de
seus despojos
é que se pode
concluir:
- a árvore morta
é mais útil
que muitos
homens vivos.

Até nisso
a árvore
é mais venturosa
que o homem:
- Não tem
problema de cor.
Todas são,
basicamente,
verdes.

*Ah! meu Deus,
 não me deixe morrer
 sem que eu plante
 mais uma árvore.
 Pelo menos
 tenho certeza
 de que viverei
 na lembrança
 dela e ela
 me dará a certeza
 de que a fragilidade
 de minha carne renascerá
 na seiva de seus galhos.*

*MEU sangue
 é seiva
 que circula
 nos galhos
 das árvores.
 Por isso é
 que sinto
 em mim
 a dor
 do machado
 que fere
 e mata
 uma
 árvore.*

*NINGUÉM
 destruirá
 em mim
 a vida,
 e
 nunca morrerei.
 Meu corpo,
 átomo
 a
 átomo,
 volverá à terra
 e será,
 na seiva das árvores,
 um eterno
 hálito de amor.*

*DAI-ME,
 Senhor
 a graça
 de ser enterrado
 meu corpo
 numa floresta.
 Na transubstanciação
 da vida,
 um dia
 ele será
 a flor e
 o fruto
 de uma
 árvore.*

*O mesmo
 átomo
 que se fez
 árvore,
 um dia
 se fez
 homem também.
 Homem e
 árvore,
 tudo é uma coisa só.
 Mas a árvore,
 acima dos homens,
 já possui
 a perfeição
 no amor.*

PRELÚDIO

Raul Seixas

Sonho que se sonha só
 É um sonho que se sonha só
 Mas sonho que se sonha junto
 É realidade

GITA

Raul Seixas / Paulo Coelho

Eu que já andei pelos 4 cantos do mundo procurando	Eu sou as coisas da vida / Eu sou o medo de amar
Foi justamente num sonho que ele me falou:	Eu sou o medo do fraco / a força da imaginação
Ele	O blefe do jogador / Eu sou, eu fui, eu vou
Às vezes você me pergunta	(Gita, Gita, Gita, Gita, Gita)
Por que eu sou tão calado	Eu sou o seu sacrificio / A placa de contra-mão
Não falo de amor quase nada	O sangue no olhar do vampiro / E as juras de maldição
Nem fico sorrindo ao teu lado	Eu sou a vela que acende / Eu sou a luz que se apaga
Você pensa em mim toda hora	Eu sou a beira do abismo / Eu sou o tudo e o nada
Me come me cospe e me deixa	Por que voce me pergunta?
Talvez você não entenda	
Mas hoje eu vou lhe mostrar	
Eu sou a luz das estrelas / Eu sou a cor do luar	

Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar

Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou com você
Mas você não está em mim

Das telhas eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra A tem meu nome
Dos sonhos eu sou o amor

Eu sou a dona de casa

Nos pegue-pagues do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso; largo; profundo

(Gita, Gita, Gita, Gita, Gita)

Eu sou a mosca na sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão

Mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô
O filho que ainda não veio
O início, o fim e o meio
Eu sou o início, o fim e o meio.

O RIO

César Augusto e Mário Marcos

O rio vai descendo a serra
Vai molhando a terra seca do sertão
Vai formando uma corrente
Feito uma serpente solta pelo chão
E a água do seu leite
É leite no peito da mãe plantação
E vai eliminar a fome

E matar a sede de toda a nação
O rio vai criando filhos
Vai regando o milho, o arroz e o feijão
Vai seguindo seu caminho
Segue seu destino, sua direção
Depois que vem a colheita

O rio sempre aceita dos canaviais
Um bagaço de alimento
E a sobra de tudo que ninguém quer mais.

Rio que não tem carinho
Qualquer dia destes vão te dar valor

Nasce limpo e morre sujo
Envenenam tudo até o próprio amor
Será que eles não percebem
Que a natureza pede para viver
Enquanto vai morrendo o rio
Nada em sua volta poderá nascer.

CÂNTICO DO IRMÃO SOL OU DAS CRIATURAS¹

Louvado sejas, meu Senhor!
com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão sol,
que clareia o dia

e que com sua luz nos ilumina.
Ele é belo e radiante,
com grande esplendor,
de ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua e pelas estrelas,
que no céu formaste,
claras, preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão vento,
pelo ar e pelas nuvens,
pelo sereno e todo tempo
com que dás sustento às tuas criaturas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã água,
útil e humilde,
preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo,

¹GARAUDY, Roger. *Apelo aos vivos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

pelo qual iluminas a noite.

É belo e alegre,
vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa irmã, a mãe terra,
que nos sustenta e governa,
produz frutos diversos,
flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
pelos que perdoam, pelo teu amor,

e suportam as enfermidades
e as tribulações;
felizes se conservam a paz,
por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa irmã, a morte corporal,
de quem homem algum pode escapar.
Felizes aqueles que ela surpreenderá
cumprindo tua vontade,
porque poupada lhes será a segunda morte.

QUERO

Luiz Guedes e Thomas Roth

Quero ver o Sol atrás do muro
Quero um refúgio que seja seguro
Uma nuvem branca sem pó nem fumaça
Quero o mundo feito sem porta ou vidraça
Quero uma estrada que leve à verdade
Quero a floresta em lugar da cidade
Uma estrela pura de ar respirável

Quero um lago limpo de água potável
Quero voar de mãos dadas com você
Ganhar o espaço em bolhas de sabão
Escorregar pelas cachoeiras
Pintar o mundo de arco-íris
Quero rodar nas asas do girassol
Fazer cristais com gotas de orvalho

Cobrir de flores campos de aço

Beijar de leve a face da lua

Do disco *Falso Brilhante, Elis Regina*. Gravadora Philips, Rio de Janeiro.

Sugere-se que os alunos continuem escrevendo sob inspiração deste poema, seus sonhos e seus sentimentos, indicando também como pretendem conquistá-los.

EXPANSÃO CRIATIVA

AMIGO PLANETA

Amigo Planeta, eu não sei por que
Tem tanta gente que não cuida de você
Mas agora nós iremos te salvar
As crianças nunca vão te abandonar

Amigo Planeta, volte a sorrir
Sua beleza ninguém pode poluir
As estrelas e as noites de luar
As florestas e o verde azul do mar

Vamos enfeitar nossa cidade
E acabar com a maldade
Que eles fazem com a natureza
Vamos com a força da amizade
Te levar felicidade

E derrotar a malvadeza

Vem viajar, vem viver, vem brincar comigo

Vem, vem brincar de viver, eu sou teu amigo.

FOGO!

1 FAZENDO FOGO

Às vezes, o fogo aparece sem ser produzido pelas pessoas.

Raios podem cair numa floresta e queimar árvores.

Um incêndio pode surgir no mato seco...

Há muito, muito tempo atrás, no início de nossa história, os homens e mulheres primitivos não sabiam fazer fogo. Só sabiam aproveitar o fogo, recolhendo as brasas em incêndios que ocorriam naturalmente nas matas.

E como o fogo era importante para a vida dos homens e mulheres primitivos!

Com o fogo, ficavam aquecidos no frio.

Podiam enxergar à noite, espantar as feras, cozinhar alimentos...

Quando aprenderam a produzir fogo, nossos antepassados fizeram sua primeira grande descoberta.

Índios faziam fogo esfregando duas varetas, uma encaixada na outra.

A vareta de baixo tinha um buraco. Ali eles colocavam folhas secas ou pedaços de algodão natural.

De tanto esfregar uma vareta na outra, apareciam faíscas, que eram sopradas.

E as faíscas, pequenos pontos quentes e luminosos, aumentavam.

Elas se espalhavam e começavam a queimar as folhas secas ou o algodão.

Assim, os índios conseguiam uma pequena chama.

Você conhece outras maneiras de fazer fogo sem varetas, fósforo ou isqueiro?

Pense, investigue e registre suas descobertas.

Fonte: Ciências, descobrindo o ambiente. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1990. p. 109-110.

PARA LER, INTERPRETAR E CANTAR

LUZ DO SOL

Caetano Veloso

Luz do Sol que a folha traga e traduz

Em verde novo

Em folha em graça em vida em força em luz

Céu azul que vem até onde os pés

Tocam a Terra

E a Terra inspira e exala seus azuis

Reza reza o rio

Córrego pro rio, o rio pro mar

Reza a correnteza roça beira doura areia

Marcha o homem sobre o chão

Leva no coração uma ferida acesa

Dono do sim e do não

Diante da visão da infinita beleza

Finda por ferir com a mão essa delicadeza

A coisa mais querida

A glória da vida

Luz do Sol que a folha traga e traduz
Em verde novo

Em folha em graça em vida em força em luz

Do disco *Caetano Veloso*, gravadora Philips, 1986.

Agora responda no caderno: Por que a vida no nosso planeta depende da luz do Sol?

Refleta, também a respeito do sentido sagrado, religioso do "SOL".

CORRESPONDÊNCIA

Menino que mora num planeta
azul feito a cauda de um cometa
quer se corresponder com alguém
de outra galáxia
Neste planeta onde o menino mora
as coisas não vão tão bem assim:
o azul está ficando desbotado
e os homens brincam de guerra.
É só apertar um botão
que o planeta Terra vai pelo ares...
Então o menino procura com urgência

alguém de outra galáxia
para trocarem selos, figurinhas
e esperanças.
Habitante de outra galáxia
aceita corresponder-se com o menino
do planeta azul.
O mundo deste habitante é todo
feito de vento e cheira a jasmim.
Não há fome nem há guerra,
e nas tardes perfumadas
as pessoas passeiam de mãos dadas

e costumam rir à toa.

Nesta galáxia ninguém faz a morte,

ela acontece naturalmente,

como o sono depois da festa.

Os habitantes não mentem

e por isso os seus olhos

brilham como riachos.

O habitante da outra galáxia

aceita trocar selos e figurinhas

e pede ao menino

que encha os bolos de esperanças,

e não só os bolsos, mas também as mãos,

e os cabelos, a voz, o coração,

que a doença do planeta azul

ainda tem solução.

Do livro *Classificados Poéticos*, de *Roseana Muray*,

Editora Miguilim, Belo Horizonte

Que tal escrever uma carta contando das "coisas que não vão tão bem assim" no planeta, mas falando também de suas "esperanças"?

Escolha a quem enviar a carta: pode ser um colega, uma pessoa de sua família ou do governo, um jornal ou revista, ou até mesmo um amigo imaginário, habitante de outra galáxia...

Fonte Ciências: descobrindo o ambiente. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1991. p. 108-109. 3º v.

DING-LING

Quando vi Ding-Ling pela primeira vez, ela me pareceu uma figura de livro de contos de fadas da minha infância.

Apesar da chuva fina que caía e da neblina que cobria o campo me obrigando a usar o limpador de para-brisas do carro, pude ver Ding-Ling em pé, no meio da estrada, vestida de noite, cheia de brilhos.

Ding-Ling pouco se interessava pela vida de dentro de casa preocupando-se muito mais com a vida lá de fora, sondando os segredos da mutação dos ventos, o rumorejar contínuo das quedas d'água. Escalava picos e montanhas com a mesma destreza com que saltava árvores e muros encobertos pelas heras. As águas transparentes do lago exerciam especial fascínio sobre a almazinha leve de Ding-Ling.

Ofereci-lhe água no copo mas Ding-Ling rejeitou-a, preferindo saciar-se da água fresca que fluía entre os dedos, recém-chegada da bica natural.

Ding-Ling plantava e replantava, feria as mãos enquanto cavava, e as recompunha com a saliva. As árvores fertilizavam-se com o toque mágico de seus dedos, e os frutos não tardavam a aparecer. O solo como que reagia à esperança que ela depositava na terra através de beijos de espumas do mar.

Ding-Ling refugiava-se no verde da mata, enfurnava-se nos mistérios dos bosques, até que eu a perdia de vista.

Ding-Ling. Ding-Ling - minha voz percorrendo os campos, ecoando pelas estradas, refugiando-se nas grotas. Depois de tantas andanças, deparei com a pequenina ajoelhada sobre a grama macia, tão macia quanto ela própria, tão perfumada.

Não pude punir Ding-Ling. Porque, punindo Ding-Ling, eu estaria punindo as nuvens, o sol, o poente, as aves cantando, as abelhas, o cheiro das manhãs, os campos floridos. Tudo

aquilo que eu mais amava e que Ding-Ling me havia mostrado, de maneira sutil, coisas que eu nunca conseguira ver e que, no entanto, sempre tinham estado tão próximas a mim.

Extraído do livro "Ding-Ling"
de *Maria do Carmo Brandão*, Editora Lê

UMA HISTÓRIA DE NUVENS

Bem que a mãe costuma dizer:

"Calma, meninas, o céu nasceu para todos".

Mas as quatro irmãs não a ouvem e continuam brigando.

CIRRUS, desde pequena, é uma nuvenzinha operta de topete levantando.

CUMULUS passa os dias comendo algodão doce e talvez por isso esteja cada vez mais gorda. Ela só quer saber de se esparramar pelo céu afora, sem deixar espaço para ninguém.

STRATUS, a cada passo que dá, seu vestido alaranjado se abre, mais cores surgem e se espalham pelo azul.

NIMBUS faz rodopiar no espaço o seu manto pesado e cinzento. E quanto mais alto ele voa, mais e mais se abre, cobrindo a terra de sombra.

Antes que as brigas comecem, a mãe torna a repetir:

"Calma, meninas".

Extraído do livro "História de Nuvens", de *Rosângela Guerra*, Editora Lê.

A SABEDORIA DE UMAS BOAS RISADAS... TAMBÉM ISSO É RELIGIOSIDADE

A SOMBRA SANTIFICADA

Havia antigamente um homem tão piedoso que até os anjos se alegravam quando o viam. Mas, apesar de sua grande santidade, ele não tinha idéia de que era santo. Simplesmente realizava suas prosaicas tarefas espalhando bondade, da mesma forma que as flores espalham fragância e os postes de luz claridade, de forma natural.

Sua santidade estava no fato de que esquecia o passado da pessoa e as olhava como eram agora e olhava além da aparência da pessoa, no íntimo da existência delas onde eram inocentes e puras e ignorantes demais para saberem o que estavam fazendo. Assim, amava e perdoava a todos que encontrava - e não via nada de extraordinário nisso, pois era o resultado do modo como olhava as pessoas.

Um dia, um anjo lhe disse:

- Fui enviado por Deus. Peça o que desejar e lhe será concedido. Gostaria de ter o dom de curar?

- Não - respondeu o homem. - Prefiro que Deus mesmo realize as curas.

- Gostaria de trazer pecadores de volta ao caminho do bem?

- Não - disse ele. - Não cabe a mim tocar os corações humanos. Essa é a tarefa dos anjos.

- Gostaria de ser tal modelo de virtudes que as pessoas sejam levadas a imitá-lo?

- Não - disse o santo -, pois isso me transformaria no centro das atenções.

- Que deseja, então? - perguntou o anjo.

- A graça de Deus - foi a resposta. - Com ela, terei tudo o que desejo.

- Não, você deve pedir algum milagre - disse o anjo - ou será obrigado a aceitar um.

- Bem, então pedirei que o bem seja feito por meu intermédio, sem que eu perceba.

Assim, foi decretado que a sombra do santo homem seria dotada de poderes de cura, sempre que estivesse atrás dele. Em todo lugar onde sua sombra se projetasse - desde que ele

estivesse de costas - os doentes eram curados, a terra tornava-se fértil, fontes jorravam e a cor voltava às faces dos que estavam acabrunhados pelas tristezas da vida.

Mas o santo não ficava sabendo de nada disso, porque a atenção das pessoas estava tão centralizada na sombra que se esqueciam do homem e, assim, seu desejo de que o bem fosse feito por seu intermédio e que ele fosse esquecido foi plenamente realizado.

COMPRANDO SEMENTES, NÃO FRUTOS

Uma mulher sonhou que entrou em uma loja novinha em folha na praça e, para sua surpresa, Deus estava atrás do balcão.

- O que vende aqui? - perguntou ela.

- Tudo o que seu coração desejar - respondeu Deus.

Mal ousando acreditar no que ouvia, a mulher decidiu pedir as melhores coisas que um ser humano podia desejar.

- Quero paz de espírito, amor, felicidade, sabedoria e liberdade sem medo - disse ela.

Então, pensando melhor, acrescentou:

- Não apenas para mim. Para todos na terra.

Deus sorriu:

- Acho que me entendeu mal, minha cara - disse Ele. - Não vendemos frutos, aqui, apenas sementes.

SUGESTÕES DE EXPANSÃO CRIATIVA

Envolver, mente aberta, coração aberto, a graciosidade do corpo. Socializar as experiências de religiosidade subjacentes às sugestões indicadas.

AVENTURA COM A FADA DAS FLORES

Idade: de 3 a 12 anos

Exercício: 5 minutos

Continuação: 5-15 minutos

Às vezes pode-se criar um exercício de imagens mentais dirigidas com base numa história escrita pelas crianças. Depois de ler a história de minha filha Heather, que acompanha este exercício, usei o seu tema para criar este exercício sobre as fadas das flores. Estas imagens mentais permitem que as crianças satisfaçam plenamente seu senso de magia e de aventura.

Feche os olhos e concentre a atenção na respiração. Suavemente, inspire... e expire. Enquanto respira calmamente, o seu corpo se torna cada vez mais relaxado. Imagine agora que está sentado ao ar livre na grama, num belo dia de sol quente. Está se deleitando ao contemplar o desabrochar de novas flores. Sente prazer com as suas cores e aromas. De repente, vê um ser diminuto à sua frente, subindo pela haste de uma linda margarida. Esse ser não é maior do que o seu dedo médio; voltando-se para você, ela faz um sinal de que deve segui-la. Você percebe que também se tornou pequeno e apressa-se a acompanhar sua nova amiga. Você agora tem três minutos contados no relógio, que é todo o tempo de que precisa para realizar uma aventura com esta fada das flores.

(Passados 3 minutos) Agora é hora de despedir-se de sua amiga e voltar para cá, repleto de lembranças de sua aventura. Eu contarei até dez. Junte-se a mim quando eu contar seis, e abra os olhos, sentindo-se alerta e revigorado, quando eu chegar ao dez. Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez.

AS FADAS DAS FLORES

Numa pequena aldeia da Irlanda, vivia uma menina chamada Mindy. Ela morava num lindo chalezinho. Do lado de fora do chalé havia todo tipo de flores que se possa imaginar, e margeando as flores havia caminhos de tijolos. As flores cresciam em toda a volta do chalé numa carreira de quase dois metros de largura. Para lá dos caminhos e das flores, havia um gramado onde Mindy gostava de brincar. Mindy tinha dez anos e compridos cabelos louros. Morava com a mãe, o pai e a sua irmãzinha, Holly.

Um dia Mindy estava sentada no gramado, olhando para todas as flores, quando percebeu um diminuto ser alado de quase dois centímetros e meio de altura, sentado numa graciosa flor branca, conversando com uma joaninha. Dizia: "Ninguém quer brincar comigo, joaninha. Todo mundo está muito ocupado". Mindy assustou a joaninha e a moça quando disse: "Eu brincarei com você; afinal de contas, quem é você?" A menina disse: "Meu nome é Emília. Sou uma fada das flores." O resto do dia Mindy brincou com Emília até que foi chamada para jantar. Depois do jantar, leu para Holly e, em seguida, foi dormir.

No meio da noite, uma torrente de luz brilhou em seus olhos. Quando acordou, viu-se num pequeno leito de pétalas de rosas em lugar do cobertor. Mindy olhou para si e viu que tinha asas. Levantou-se e olhou em redor. Estava num lugarzinho onde havia uma escada que subia até uma porta. Galgou-a e bateu na porta. Emília abriu. "Bom dia", disse ela. Mindy perguntou: "Por que estou tão pequena quanto você?" Emília replicou: "Não há tempo para explicar. Quero que

você conheça o rei e a rainha das fadas das flores." Saíram e estavam numa aldeia onde todas as casas e lojas eram feitas de cogumelos. Foi numa casa de cogumelo que Mindy acordou. Ela nunca as tinha visto quando estava brincando, porque elas ficam muito bem escondidas debaixo das flores.

Foram para o palácio de cogumelo. De início, andavam, mas depois Mindy aprendeu a voar, de modo que fizeram um vôo até chegar ao grande e imponente cogumelo. Ao ver como Emília era pequena comparada ao rei e à rainha, Mindy se espantou; eles tinham quase dez centímetros e Emília apenas uns dois e meio. Mas, por outro lado, Emília não tinha a idade do rei e da rainha. Este ficaram muito contentes em ter Mindy como uma fada das flores. Elas não se demoraram muito, porque Emília estava ansiosa para mostrar tudo a sua nova amiga. Ao voltarem à aldeia, ela apresentou Mindy a seu pai, cujo nome era Tom, à sua irmã, Elizabete, e à sua mãe, Maureen. Todos moravam com Emília, mas não estavam em casa de manhã.

Emília e Mindy brincaram uma com a outra todos os dias e se divertiram de montão até que, um dia, Mindy ouviu sua mãe chorar porque queria que ela tinha ido embora. Dali a alguns dias, Mindy sentiu saudades e quis voltar para casa, mas nenhuma das fadas sabia como fazê-la voltar ao tamanho normal. Um dia Emília saiu de manhã bem cedo para descobrir como fazer Mindy voltar ao tamanho normal. No caminho, encontrou o seu amigo gafanhoto. "Gafanhoto, como posso fazer minha amiga voltar ao tamanho normal?" "Emília, saiba que você pode ter tudo o que quiser se disser o que quer à flor branca silvestre." "Muito obrigada, gafanhoto, adeus", disse Emília. E foi correndo para casa para contar tudo a Mindy.

Quando Mindy ouviu isso, disse adeus a todo o mundo e foi falar com a flor branca silvestre. Murmurava: "Eu gostaria de voltar ao meu tamanho normal, se você deixasse, minha linda flor". Imediatamente viu-se de volta à sua confortável cama. Somente ela e as fadas das flores se lembrarão do maravilhoso passeio de Mindy ao país das fadas.

Heather, nove anos.

O ESCUDO DE PAZ

Idade: de 9 a 18 anos

Exercício: 10-15 minutos

Continuação: 15-30 minutos

Visto que a ação sucede ao pensamento, é importante compreender que cada um de nós é responsável pelos próprios pensamentos e ações em relação ao futuro do planeta. O futuro depende de você, dos seus pensamentos, dos seus sonhos e ações.

É importante pensar sobre que forças e habilidades você traz para o presente, assim como para o futuro. É importante também saber que medos traz consigo porque eles podem influir no modo como você se vê participando na modificação do futuro. Se você tiver medo, será difícil pensar em mudar aquilo de que pode ter medo. É útil também saber quais são os seus desejos em relação a si mesmo, à sua família e amigos, e que atos terá que praticar para tornar realidade esses sonhos.

Hoje iremos fazer um escudo de poder pessoal, que mostra quem somos. Em muitas culturas, inclusive a europeia e a dos norte-americanos, as famílias têm escudos ou brasões que dizem algo sobre elas, seus poderes, seu tótem animal, talvez o seu nome. O seu escudo será dividido em quatro quadrantes, nos quais você desenhará (1) poderes ou habilidades, (2) medos, (3) sonhos futuros, e (4) ações que lhe são necessárias para realizar os seus sonhos.

Feche os olhos e sente-se numa posição confortável. Concentre a atenção na respiração e, ao expirar, solte todas as tensões que possa estar mantendo no corpo. Dê a si mesmo a sugestão de que, a cada expiração, seu corpo se torna cada vez mais relaxado. (Pausa)

Muito bem. Agora continue a respirar no seu próprio ritmo e concentre-se num ponto situado no meio da testa, entre os olhos fechados. Imagine nesse ponto um círculo que começa a

se ampliar lentamente a cada respiração. À medida que continua a respirar, o seu círculo vai crescendo cada vez mais, ficando paulatinamente maior, até que você e o círculo sejam uma só coisa. *(Pausa)*

Agora, nesse círculo, você começa a ver, a perceber e a sentir imagens que representam sua habilidades e capacidades. Elas podem ser habilidades físicas ou mentais efetivas, habilidades artísticas ou musicais ou habilidades de comunicação. Observe o que o faz sentir-se bem em relação ao que você é como pessoa. *(Pausa de 1 minuto)*

Agora comece a ver, a perceber ou a imaginar os seus medos. Sejam eles pequenos ou grandes, você está inteiramente seguro aqui, neste momento. Eles podem ser obstáculos que você está enfrentando na sua vida atual ou medos que você tem em relação ao futuro. *(Pausa de 1 minuto)*

Agora você começa a ver, a perceber ou imaginar seus sonhos para o futuro, relacionados com você mesmo ou com as pessoas amadas por você. Como é que você quer viver sua vida? *(Pausa de 1 minuto)*

Agora, na última parte do círculo, você começa a ver, a perceber ou a imaginar o que você e os outros terão que fazer para realizar os seus sonhos. Que ação deverão praticar? *(Pausa de 1 minuto)*

Logo contarei até dez. Junte-se a mim contando em voz alta a partir de seis, abrindo os olhos em dez, pronto para desenhar as figuras de sua imaginação relativas às suas habilidades, medos, sonhos, e à ação necessária para tornar reais os sonhos. Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez.

AMIZADE NUMA ILHA DESERTA

Idade: de 11 a 17 anos

Exercício: 5 minutos

Continuação: 15-20 minutos

Neste exercício, você escolherá um amigo para ir com você explorar uma ilha abandonada. Observe o que você valoriza nessa amizade.

Feche os olhos e concentre a atenção na respiração. Agora, respire profundamente três vezes, soltando, ao expirar, todas as tensões que traz no corpo. *(Pausa)* Muito bem. Agora dê a si mesmo a sugestão de que, a cada expiração, seu corpo fica mais e mais relaxado.

Imagine que está viajando, através do espaço e do tempo, para uma ilha deserta com um amigo que você escolheu. Os dois chegam e começam a explorar a ilha, observando a vegetação, a vida animal e os pássaros, o clima, os odores, cores, texturas e gostos. Você escolheu esse amigo para acompanhá-lo por um motivo especial. O que você aprecia nessa pessoa? Observe como se relaciona com ela. Observe o que você valoriza nessa amizade. Você terá três minutos contados no relógio, que é todo o tempo de que necessita para explorar essa ilha junto com o seu amigo. Comece. *(Pausa de 3 minutos)*

Agora dê uma última olhada em torno da ilha antes de ir embora, prestando atenção às cores, aos cheiros, aos sons e às texturas. *(Pausa)*

Traga agora suavemente a sua atenção de volta para esta sala. Logo contarei até dez. Junte-se a mim quando eu chegar a seis, abrindo os seus olhos no dez, sentindo-se revigorado e alerta e lembrando-se totalmente da sua experiência. Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez.

Sugestões de expansão criativa- fonte: MAUREEN Murdock. Giro Interior. São Paulo: Cultrix, 1994.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 04
INTERDEPENDÊNCIA E INTERRELAÇÃO

TEMA 4: INTERDEPENDÊNCIA E INTERRELAÇÃO

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

A ARTE DE VIVER EM PAZ COM A NATUREZA

A natureza é uma expressão da energia universal. Como seres humanos, somos parte dela ao mesmo tempo em que ela é parte de nós. Em outras palavras, integramos a natureza ao mesmo tempo em que ela nos integra.

Isso parece muito simples. Mas não é! A "fantasia da separatividade" separou-nos do universo e nos transformou nos principais adversários da vida sobre o planeta.

A arte de viver em paz com o meio ambiente consiste em tornar o ser humano consciente de que ele é parte indissociável da natureza. O objetivo é restabelecer uma visão holística cósmica (transpessoal e universal). Trata-se do último estágio de uma escalada evolutiva que começou pela consciência pessoal egoísta, passou pelo plano social e atingiu a dimensão planetária.

POR UMA PEDAGOGIA ECOLÓGICA

Através de uma pedagogia ecológica se pretende sensibilizar o homem para o fato de que não há fronteiras reais entre a sua natureza e a do universo. É a mesma energia em formas distintas.

Quando a humanidade se der conta desse fato, ela se empenhará na preservação do meio ambiente. Pois perceberá que, se não o fizer, estará matando seus próprios descendentes, meninos e meninas que não suportarão a atmosfera poluída, os rios, lagos e oceanos mortos.

Fixada a meta essencial de uma pedagogia ecológica, vejamos como realizá-la:

Como já fizemos anteriormente, desenvolveremos esse conteúdo a partir das três grandes manifestações da energia no plano da natureza: a matéria, a vida e a informação.

Já sabemos que essas manifestações são indissociáveis, simples variações da mesma energia primordial. Assim, a vida abriga-se na matéria, que serve de suporte à informação.

Como exemplo desse tripé energético, tomemos o caso de uma árvore qualquer. A vida desse vegetal manifesta-se pelo fato de ela nascer, crescer, reproduzir-se e, mesmo, morrer.

Mas essa vida aloja-se em uma estrutura material, composta, nesse caso, de celulose, clorofila, sais minerais, cálcio, gordura e tantas outras coisas que compõem a raiz, o tronco, às folhas, os frutos e as flores.

O aspecto informacional se expressa pelo código genético que as sementes do vegetal carregam. É ele que "informa" às substâncias químicas como elas devem se agrupar para formar uma árvore nova.

Esse mesmo mecanismo ocorre também com o homem: a matéria (carne, ossos, sangue, cartilagens, etc.) é, enquanto tal, inerte. A vida, ao se abrigar nesse conjunto de substâncias, torna-o capaz de crescer e se reproduzir.

Os filhos nascem, como se sabe, em decorrência do encontro de um óvulo com um espermatozóide, portadores das informações genéticas necessárias à formação de um novo ser. Nesse sentido, pode-se dizer que a comunicação - em si mesma - é um processo vital, que encontra sua expressão máxima no amor.

Como afirma David Bohm, a informação é a expressão das leis da sabedoria, que dão ordem ao universo.

A forma mais direta de atingir a paz consiste em fazer com que cada ser humano constate a identidade existente entre suas estruturas psíquica, corporal, vital e física, e os sistemas materiais, vitais e cibernéticos do universo.

Em suma, cabe propiciar a cada homem a possibilidade de ver que os mundos interior e exterior, o sujeito e o universo nada mais são que manifestações distintas da mesma energia.

Torna-se evidente que todo o trabalho começa por "educar o educador". É preciso convencê-lo profundamente da necessidade de escapar da "fantasia da separatividade", na qual a maioria da humanidade está submersa.

A pedagogia ecológica pode ser subdividida em:

- 1) A pedagogia ecológica da matéria.
- 2) A pedagogia ecológica da vida.
- 3) A pedagogia ecológica da informação.

Os ecossistemas são concebidos como manifestações materiais do fluxo de energia num determinado meio ambiente.

Os animais, as plantas, a atmosfera, o solo e o clima se relacionam todo o tempo. Uns crescem à custa dos outros. Uns se alimentam dos outros. E essa troca de energia acontece dentro de parâmetros muito delicados, que garantem a preservação e a manutenção de todos os componentes originais.

Quebrar o equilíbrio energético de um ecossistema é, por isso, a melhor maneira de destruí-lo, como mostra Pierre Dansereau.

Simplificadamente, o fluxo de energia ocorre da seguinte forma: as substâncias contidas no solo e na atmosfera são absorvidas pelas plantas. Estas, por sua vez, são consumidas pelos herbívoros. animais carnívoros devoram os vegetarianos. Ao morrer e se decompor, plantas e animais devolvem ao solo o que dele tomaram para crescer. Para exemplificar a fragilidade desse equilíbrio, tome-se um caso de superpopulação.

Imagine que, no ecossistema citado acima, os animais carnívoros se multipliquem descontroladamente. A consequência imediata será a diminuição do número de animais herbívoros, que podem até se extinguir. Privados de seu alimento natural, os carnívoros também podem vir a desaparecer desse hábitat.

Os primeiros beneficiários de tal situação serão as plantas, porque ficarão livres dos vegetarianos, que delas se alimentam. Mas elas começarão a se multiplicar descontroladamente. Esgotarão o solo e causarão mudanças climáticas na região.

Como se percebe, a mudança de uma peça no xadrez ecológico causa um sem-número de alterações, e a manutenção das condições do equilíbrio ambiental depende da preservação das relações energéticas entre as várias partes do ecossistema.

Não é difícil fazer com que os estudantes percebam que há vida neles e no universo, e que se trata da mesma vida. Uma análise comparativa da evolução do ser humano, das plantas e dos animais pode reforçar esse trabalho.

Relacionar a informação e a inteligência que regem os ecossistemas ao pensamento e à inteligência humana serve para demonstrar que há uma sabedoria imanente ao homem e à natureza.

Mas, no começo do trabalho de sensibilização, essa tese pode esbarrar em resistências teóricas ou mesmo ideológicas. Eis porque a demonstração deverá se realizar no plano da observação rigorosa dos fatos.

A cada estudante caberá fazer analogias e tirar conclusões a respeito. O mestre não deve tentar impor crenças por meio de sua força moral ou de coação. O máximo que ele pode pretender é orientar os passos do aprendiz.

Assim, é possível ao educador propor reflexões como: "Medita sobre a realidade de uma semente. Pense sobre como ela não passa de um programa para a construção de uma árvore que não existe ainda. Reflita sobre a semelhança desse processo com um programa de computador,

que nada mais é que um conjunto de operações visando a construção de algo que não existe ainda. Agora veja se há analogia entre o programa da semente, ou o de um computador, e a informação contida em um óvulo ou espermatozóide. Vá além. Não seria possível pensar nas leis da física ou naturais como programas que regem a construção do próprio universo?

A "fantasia da separatividade", no que diz respeito às relações homem-natureza, pode ser convertida em trabalho de reintegração holística, com a ajuda de uma pedagogia básica que incentive relações harmoniosas com o meio ambiente.

O programa MAB, da Unesco (Men and the Biosphere Programme), é uma fonte de informação para a elaboração desses currículos, além de fornecer métodos de educação e treinamento.

Trata-se de provocar uma atitude de respeito profundo por este planeta, mostrando-o como um prolongamento de nós mesmos. Essa sensibilização pretende abrir aos seres humanos a idéia de que, entre eles e o cosmos (a Terra incluída), existe um cordão umbilical invisível e imprescindível.

A Declaração das Responsabilidades Humanas para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável, da Universidade da Paz da ONU, é um documento que deveria obrigatoriamente fazer parte desse tipo de currículo. Ela fornece apoio teórico e ético a todas as principais idéias que desenvolvemos ao longo deste estudo.

Para encerrar este trabalho, gostaríamos de ressaltar que muito do que foi dito aqui pode ser compreendido com o auxílio exclusivo do cérebro. Cuidado! A compreensão racional de nada valerá se os aprendizes não procurarem integrá-la às dimensões do espírito e do coração.

Se, enquanto estudantes, eles se omitirem em relação à necessária superação da "fantasia da separatividade", continuarão a pensar uma coisa, sentir outra e sonhar com uma terceira. Permanecerão, portanto, imóveis. Paralisados pela contradição.

Acreditamos firmemente que a paz esteja ao alcance da mão, mas é preciso que cada um tente achar sua resposta para a questão: "O que posso e vou fazer a curto e médio prazos pela paz?"

Se isso começar a ser feito já, um amanhã sem guerras estará garantido. Por tudo isso, ao trabalho!

Extraído de "A arte de Viver em Paz", Pierre Weil. p. 82-87.

A ESCURIDÃO DE EL GRECO

Quando um amigo visitou o pintor espanhol El Greco em sua casa, em uma adorável tarde de primavera, encontrou-o sentado na sala, com as cortinas completamente cerradas.

- Venha para o sol, disse o amigo.

- Agora não, retrucou El Greco. "Perturbaria a luz que está brilhando dentro de mim."

- OUTROS SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR -

Percepção de harmonias

O homem moderno, predominantemente urbano, nasce e se cria em ambiente artificial. Suas percepções e seus sentimentos são moldados por circunstâncias que em nada se assemelham àquelas que nos deram origem e em que evoluímos. Em nosso país, aquela outra parte da população, já minoria, o homem do campo, apesar de encontrar-se ainda mais perto da Natureza, com raras exceções, vive numa paisagem devastada, em franca desagregação, uma paisagem que é uma imensa chaga cancerosa onde toda cicatrização está proibida. Como pode uma criança cuja mente se forma em ambiente assim desnaturado, onde tudo que se estrutura só cresce às custas da destruição do mundo natural? Como pode nestas condições, um ser humano em formação, desenvolver percepção significativa da Natureza? O homem moderno, e entre nós mais que em outras partes, tornou-se incapaz de sentir profundamente o belo, não se incomoda com a feiúra, com o lixo e a agressão na paisagem, falta-lhe a ânsia de alcançar harmonia em torno de si.

Não somente o ambiente em que vivemos nos predispõe à alienação diante do mundo vivo, toda nossa filosofia de vida, nossa ética convencional, encontram-se em oposição fundamental às leis da Vida. Assim, confrontados com as mais preciosas formações florísticas, pensamos logo no fósforo para combater o "matagal"; diante da magnificência do pantanal só vemos como "enxugá-lo" para "recuperar" as terras; as mais fantásticas formações geológicas são simples minério para pedreiras ou saibreiras e o mais delicioso dos arroios de águas cristalinos não passa de fita de transporte gratuito para detritos; a majestade da onça é alvo para carabina e manequim de pele.

A tarefa que agora enfrentamos é gigantesca e muito difícil. Talvez já seja impossível antes da queda de nossa cultura atual. Trata-se de inverter um esquema mental profundamente arraigado. Os próprios educadores, os pais, as igrejas, os governos e os meios de comunicação são parte do esquema obsoleto e, consciente ou inconscientemente fazem o que podem para mantê-lo e promovê-lo.

Fundamentalmente, necessitamos *inverter a dessacralização da Natureza*. Nossa cultura atual alicerça-se num erro filosófico que remonta aos tempos bíblicos. Enquanto que no idioma hindu não existe a palavra para designar o que chamamos de "profano", para o silvícola animista tudo é sagrado e para o budista Deus e Natureza são a mesma coisa, nós, na Cultura Ocidental, fazemos questão de excluir de nossa ética tudo o que não se relaciona com o Homem. Quando somos ainda crentes cristãos, judeus ou muçulmanos e acreditamos num deus pessoal, nossa ética se cinde às relações Deus/Homem e homem/homem, se somos ateus ou comunistas, sobra apenas o segundo destes relacionamentos. Em nossa ética e na nossa jurisdição não há lugar para a relação Homem/Natureza. A Natureza como um todo e cada um dos seres que ela contém, são para nós simples objetos, recursos, matéria prima, palco para nossas obras, mas ela não participa de nossa moral, nenhum remorso sentimos quando destruimos a mais magnífica e irrecuperável de suas obras!

O esquema educacional, em todas as suas facetas, terá que se esforçar por conseguir uma revolução filosófica que consistirá na entronização do princípio ético fundamental enunciado por Albert Schweitzer: **O PRINCÍPIO DA REVERÊNCIA PELA VIDA**, em todas as suas formas e em todas as suas manifestações! Dai decorrerá todo um sistema de valores diametralmente oposto ao atual. A nova ética será inclusiva, ela abarcará o Caudal da Vida em sua plenitude. A filosofia será de *visão unitária do Universo*. Em terminologia mais técnica - o Universo como grande sistema racional, e toda as suas partes como subsistema integrados, em complementaridade perfeita uns com os outros. Os limites entre estes subsistemas serão então

arbitrários e abstratos, dependendo apenas de nossa maneira de catalogação, porque, basicamente, a grande Unidade Funcional é uma só, indivisível.

Hoje são raros, muito raros os indivíduos com esta visão. Eles terão que se tornar multidão. Esta visão terá que chegar aos postos de comando enquanto o barco ainda obedece ao timão...

A visão sinfônica do Universo produz atitudes opostas às que caracterizam a Sociedade Industrial. Incutimos em nossos filhos, desde a mais tenra idade, o "instinto" de posse e de concorrência. Mais vale quem mais tem, mais coisa movimenta, mais gente comanda. Nunca nos perguntamos - para quê? A visão sinfônica exclui o domínio, ela conduz à cooperação, à harmonia. Na visão competitiva o "melhor" dominará, mas, se a Natureza assim fosse, ela não teria, após quase quatro bilhões de anos de evolução e seleção produzido esta orquestra de mais de dois milhões de espécies. Uma só teria sobrado, a "melhor". Mas sabemos que isto é impossível. O peixe não é melhor que o mexilhão, a figueira melhor que a palmeira, pois tudo se complementa, as diferenças são a alma da complementação. Nosso futuro pois está na *Cultura Ecológica*, no *Patriotismo Ecosférico*.

As igrejas e todas as organizações religiosas poderão facilmente reconquistar a relevância perdida se conseguirem conscientizar-se desta necessidade. O problema do mundo atual, sendo um problema ético, ninguém mais indicado e obrigado a atacá-lo que as entidades cuja tarefa é zelar pela ética do Homem.

A nova ênfase da educação será não mais na direção do especialista estreito, reduccionista, ignorante fora de sua especialização e sem preocupação ética, mas na direção da cultura geral sólida, do horizonte científico amplo e no sentido de responsabilidade difusa e inclusiva como base para toda atividade humana.

É essencial que desapareça o analfabetismo biológico, tão comum e tão pernicioso entre tecnocratas e burocratas. Mas o ensino da Biologia não poderá limitar-se a simples somatório de

fatos específicos e listas de nomes latinos, deverá dar perspectiva no espaço, no tempo e na forma. Mais fantástica que a mais incrível ciência ficção, a ciência moderna nos apresenta uma fabulosa e extasiante imagem da História da Vida. Desde suas mais humildes e remotas origens naquele caldo primordial de há 3 ou 4 bilhões de anos atrás, quando se formaram as primeiras moléculas orgânicas complexas, capazes de auto-replicação e sujeitas à seleção natural, através dos seres unicelulares cada vez mais complexos e depois pluricelulares, sempre mais diversificados, a invenção da fotossíntese que inverteu nossa atmosfera de redutora para oxidante, possibilitando mais tarde a vida animal e, portanto, a nossa, o desdobramento da Vida, pela infinidade de formas que criou para ocupar a quase totalidade dos ambientes que a Terra apresentava e apresenta, ajustando e moldando-os, por sua vez, às necessidades da Vida, em interação com a evolução geológica, com os movimentos tectônicos e eruptivos, a deriva dos continentes, a hidrologia, meteorologia e sedimentação, modelou e adaptou este Planeta, transformando-o nesta maravilhosa jóia que é. O progressivo esclarecimento desta história constitui a mais nobre e fascinante aventura do Espírito Humano e, por si só, justifica a aventura evolutiva neste rincão do Universo, pois nesta contemplação o Grande Processo se compreende a si mesmo.

Quem esta história não conhece, dificilmente verificará o alcance da dilapidação do processo vital pelo homem moderno, nunca poderá avaliar o imoral de nosso atual comportamento. A Natureza é incrivelmente bela e significativa, mas, assim como a música clássica só fascina quem aprendeu a senti-la, sendo facilmente incompreendida e mesmo desprezada por quem não fez o necessário esforço, só quem sabe perceber harmonias, sejam elas naturais ou artificiais, terá diante da Natureza a atitude de compreensão, respeito e reverência, sem a qual não haverá sobrevivência.

Como podem tantas pessoas que se dizem cultas desconhecer a grande perspectiva? Na fase atual da Sinfonia da Evolução Orgânica esta perspectiva é essencial, porque, se o Homem

em quem a Natureza tão tremendo poder depositou, o poder de tomar em suas mão a direção da continuação da evolução na Terra, ou de liquidá-la (!), se o Homem não se conscientizar em tempo de sua igualmente tremenda responsabilidade, a grande sinfonia entrará em colapso. A decisão está com a espécie à qual nos orgulhamos pertencer. Justifiquemos este orgulho!

Fim do Futuro?

Manifesto Ecológico Brasileiro

José A. Lutzenberger. p. 78-81.

- SUGESTÕES DE AULA -**AS ROCHAS**

Despertar a consciência da interdependência entre todos os seres existentes; incentivar a proteção ao meio ambiente.

Refletir sobre as rochas que constroem o nosso ser.

- Coletar vários tipos de rochas para fazer uma coleção em sala de aula.

- Observar atentamente as rochas e sentir: o formato, a cor, o tamanho, a beleza, etc.

a) Questionamentos:

Por que existem rochas? Para que servem?

b) Leitura do texto:

Sou Rocha

SOU ROCHA

Gazetinha, 1990

Sou essencial. Você pisa sobre mim; você é capaz de me apanhar apenas para jogar onde quer que seja, no rio, no capim ou simplesmente no ar. Você muda-me de lugar. Você usa-me, me ignora, quase sempre nunca nota a minha presença silenciosa e calma.

Você se esconde e se protege atrás de mim, quando sou grande. Você despreza-me quando sou pequena. Você joga-me na lagoa e jamais volta com a intenção de retirar-me. Você

fica furioso quando esbarra o pé em mim. Quero perguntar a você: faz idéia da importância de minha existência?

Sou a mãe do solo; forneço sais minerais, nutrindo e protegendo as plantas. Nos córregos onde estou em grande quantidade, a água é pura e cristalina. Sirvo de habitação e proteção para muitos animais e plantas.

Muitos animais fazem ninhos em mim, como o pinguim, que vive onde não há vegetação.

Muitas plantas aquáticas, como algas e musgos, abrigam-se em mim. Os peixes gostam de depositar seus ovos sobre mim. Sirvo de abrigo para grandes animais no frio e já servi de habitação dos antepassados quando ainda não tinham construído casas.

Sempre dei minha contribuição silenciosa a todos que precisaram de mim e nunca ouviram reclamações minhas, pois eu sou forte e resistente e farei o bem enquanto eu existir, sem pedir nada em troca; apenas que me conserve pedra. Quando você, ser humano, tiver me destruindo irás lamentar profundamente e, afundando na própria tecnologia, irás descobrir, tristemente, que jamais poderás construir algo que possa ser tão firme e perfeito quanto eu.

c) Interpretação:

- 1 - Por que as rochas são essenciais?
- 2 - O que elas fornecem?
- 3 - Quando é que elas se sentem desprezadas e pouco importantes?
- 4 - Ao retirar os minérios do solo, há destruição do Planeta. Isto é válido? Por quê?
- 5 - Por que o ser humano irá lamentar a destruição dos minerais?

A Terra com tudo o que nela existe é importante para a vida. Se alguma coisa nela for destruída provocará desequilíbrio e conseqüentemente a morte. As plantas, os animais, o Ser Humano dependem do solo para viverem.

SUBSÍDIOS PARA CONFRONTO

a) Estudos Sociais

Texto: Extrativismo mineral.

Riquezas do solo e subsolo; utilização do solo na fabricação de objetos e adornos; solo agrícola; extração do ouro no Brasil, cidades surgidas com o ouro; mineração hoje, principais recursos minerais (urânio, petróleo, etc.); (bomba atômica).

b) Ciências - Alimentação

1 - Por que precisamos de alimentos?

O que você normalmente come em casa (pela manhã, à tarde e à noite)?

2 - Experiência com saliva.

3 - Texto sobre alimentos: necessidade de alimentação, nutrientes; a água, o sal; alimentação balanceada; fontes de alimentos.

4 - Digestão: aparelhos, órgãos e função.

5 - Experiência com amidos.

c) Texto Bíblico (Mateus 7. 24-27)

Todo aquele, pois que ouve estas minhas palavras, e as observa será semelhante ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre rocha; e caiu a chuva, e sopraram os ventos, e

investiram contra a casa e ela não caiu, porque estava fundada sobre rocha. E todo aquele que ouviu estas minhas palavras e não as pratica; será semelhante a um louco que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, e transbordaram os rios, e sopraram os ventos, e investiram contra aquela casa, e ela caiu e foi grande a sua ruína.

Questionamentos a partir do texto:

- Quais as rochas que Jesus está se referindo? O que ele quis dizer com o texto?

d) Narração da história "Os três porquinhos" (adaptada)

Havia três porquinhos. Um deles construiu uma casa de palhas, o outro de varas.

Veio o lobo mau (a maldade do mundo: ganância, drogas...) e derrubou a casa deles. O mais velho construiu a sua casa de rocha (amor, justiça, trabalho...) e o lobo não conseguiu derrubá-la.

O mais velho acolheu e ajudou os seus irmãos. Juntos espantaram o lobo mau.

Oração: Espontânea

Redação: construindo minha casa sobre rocha.

Atitudes: revisão constante sobre o próprio agir, para tentar construir a sua casa sobre bases sólidas.

Cada um coloca a pedra que trouxe sobre a mesa dizendo que Rocha ela simboliza (amor, amizade...)

Aula feita por Deisi Baroni, 3ª série.

Assim como uma pessoa se enche de ódio,
que só tem palavras ríspidas e gestos violentos
cria clima de agressividade em casa, no trabalho,
na rua, até nos ambientes de lazer, quem se enche
de compreensão, de boa vontade, de indulgência,
de amor é um instrumento de paz, e atrairá
bênçãos divinas para si e para todos em volta.

D. Hélder Câmara

COMO DISTINGUIR O DIA DA NOITE

Um guru perguntou aos discípulos como sabiam que a noite terminara e amanhecera o dia.

Respondeu um:

- Quando se vê um animal ao longe e se pode perceber se é uma vaca ou um cavalo.

- Não - disse o guru.

- Quando se olha uma árvore à distância e se pode dizer se é uma figueira ou uma mangueira.

- Errado de novo - disse o guru.

- Bem, então, o que é? - perguntaram os discípulos.

- Quando você olha no rosto de qualquer homem e reconhece nele seu irmão: quando você olha no rosto de qualquer mulher e reconhece nela sua irmã. Se não consegue fazer isso, não importa que horas sejam pelo sol, ainda é noite.

OUTRAS SUGESTÕES

Não existe um universo do corpo. Existe um universo e o corpo também é ele. Nossa viagem cósmica será tanto maior quanto mais integrados estivermos no nosso corpo, e em nós mesmos, na natureza, na nossa cultura, sociedade, planeta. Nas forças cósmicas e transcendentais.

Orgon (a cultura da vida)

Objetivo: perceber a unidade das coisas. Os pés fazem uma ligação orgânica com diversos órgãos de nosso corpo, desta forma compreendemos que tudo funciona em relação (homem microcosmos que reflete o macrocosmos).

O massagem dos pés melhora a circulação sanguínea, provoca noites de sono mais restauradoras e maior atenção e dedicação às pequenas coisas, para descobrir a sua importância, e como estas "pequenas" coisas são grandes quando rumamos a Transcendência.

Técnica: pés e mãos limpos. Seguramos primeiramente o pé esquerdo e massageamos dedo por dedo, realizando movimento de rotação. Separamos os dedos, puxamos para trás e para frente.

Massagear com os polegares todo o pé.

Com a mão fechada dar pequenos soquinhos por toda a extensão do pé. Trocar de pé. Podemos realizar o mesmo exercício nas mãos.

Obs: caberia sempre uma reflexão do professor para elucidar o "religioso" desta técnica - valorização de si mesmo, auto-estima, auto-conhecimento...

SUGESTÕES DE AULA

Tema: A Vaca, O Rio, A Árvore

Idéia central:

O senso de sacrifício e o altruísmo que têm a vaca, o rio e a árvore representam a "interdependência e integração" que também eu deveria ter por todos.

A vaca, em troca de um pouco de capim que ninguém comeria, fornece leite nutritivo, que subtrai até mesmo ao próprio bezerrinho.

O rio generoso, no seu percurso para o mar, supera obstáculos, irriga campos, mata a sede das criaturas viventes sem exigir nada.

A árvore nos oferece os seus frutos e a sua sombra mesmo que nós a tratemos mal.

Reflexão:

A natureza é generosa com o homem e sem ela a sua vida é impossível. (...) o senso de sacrifício (sacrifício tem dois componentes: as palavras latinas sacer - sagrado e facere - fazer) e de altruísmo é característico do animal e do vegetal, porque não deveria ser também característica nossa, dado que somos dotados de mais inteligência e discernimento?

Da natureza podemos aprender muitas coisas, ela é a nossa melhor mestra, basta que a observemos e juntemos à observação um pouco de inteligência.

A vaca simboliza perfeitamente o senso de sacrifício.

Quando em vida ela nos fornece o seu leite em troca de capim, e quando morre nos oferece a sua carne e a sua pele!

As vacas podem viver sem nós, mas nós não podemos fazer o mesmo. Quem faz sobreviver o menino cuja mãe fica sem leite? Quantas coisas se pode fazer com o leite?

O rio por acaso pede alguma coisa em troca da vida que nos dá?

O rio recolhe as águas que distribui a todas as criaturas e às colheitas que nos fornecem o alimento para viver. Alguns nos perguntam se quando o rio transborda, comete violência. O rio pela sua natureza dá e não pede nada em troca. Quando transborda é porque ocorreu qualquer desequilíbrio cuja causa não depende dele.

Na maioria das vezes é o homem que provoca indiretamente desastres naturais. Experimentem fazer uma lista de desequilíbrios naturais que o homem causa.

Quanto à árvore, mais que dar bons frutos, ela nos oferece a sua sombra mesmo que nós a tratemos mal.

A vida do ser humano neste planeta depende desta interdependência e integração benevolente, respeitosa, criativa e altruísta. Destruindo a natureza estará destruindo a si mesmo pondo em risco sua sobrevivência no planeta.

Objetivo didático: senso de sacrifício e desapego, respeito pela natureza, altruísmo, interdependência criativa.

Questionamentos:

- O que nos ensina a vaca, o rio e a árvore?
- Sem a vaca, o rio e a árvore, o homem poderia sobreviver?
- O que exige a vaca em troca do seu precioso leite?
- O que exige em troca o rio pela sua água?
- O que exige em troca a árvore pelos seus frutos?
- O que quer dizer senso de sacrifício?
- O que quer dizer altruísmo?
- Você se julga altruísta?
- Você ajuda seus colegas na escola?¹

¹CRAXI, Antonio; SYLVIE. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". Uberaba: Fundação Pierópolis, 1994. p. 170, 171.

TODOS JUNTOS

Chico Buarque de Holanda

Uma gata, o que é que tem?

- As unhas

E a galinha, o que é que tem?

- O bico

Dito assim, parece até ridículo

um bichinho se assanhar

e o jumento, o que é que tem?

- As patas

E o cachorro, o que é que tem?

- Os dentes

Ponha tudo junto e de repente

vamos ver o que é que dá.

Junte um bico com dez unhas

quatro patas, trinta dentes

e o valente dos valentes

ainda vai te respeitar.

Todos juntos somos fortes

somos flecha e somos arco.

Todos nós no mesmo barco

não há nada pra temer

- Ao meu lado há um amigo

que é preciso proteger.

Todos juntos somos fortes

não há nada pra temer

uma gata, o que é que é?

- Esperta

E o jumento, o que é que é?

- Paciente

Não é grande coisa realmente

pr'um bicho se assanhar

E o cachorro, o que é que é?

- Leal

E a galinha, o que é que é?

Teimosa

Não parece mesmo grande coisa

vamos ver o que é que dá.

Todos juntos somos fortes

somos flecha e somos arco

todos nós no mesmo barco

não há nada pra temer.

- Ao meu lado há um amigo

que é preciso proteger.

Todos juntos somos fortes
não há nada pra temer
... E no mundo dizem que são tantos
saltimbancos como somos nós.

Sérgio Bardotti. Tradução e adaptação de
Chico Buarque.
LP "Os Saltimbancos", Philips, 1977..

EXPANSÃO CRIATIVA: RELIGANDO MENTE-CORAÇÃO, GRACIOSIDADE CORPORAL COM A NATUREZA NOSSA MÃE E IRMÃ, POR MEIO DOS EXERCÍCIOS PROPOSTOS²

IMAGENS MENTAIS MULTISSENSORIAIS

Idade: de 8 anos à idade adulta

Exercício: 5-10 minutos

Continuação: 10-15 minutos

No seguinte exercício de imagens mentais, sugerem-se a ambos os hemisférios do cérebro várias imagens sensoriais. Estas abrangem imagens visuais, auditivas, gustativas, olfativas e cinestésicas. é um exercício destinado a tornar as crianças mais conscientes dos seus sentidos.

Sente-se numa posição cômoda. Feche os olhos e concentre a atenção na respiração.

(Pausa).

² Fonte: MURDOCK, Maureen. *Giro Interior*. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 40, 41, 62, 63.

Enquanto respira num ritmo tranquilo, solte todas as tensões do corpo, sentindo-se cada vez mais relaxado. *(Pausa)*.

Concentre, em seguida, a atenção no seu cérebro, e imagine-o como um tobogã aquático muito liso e maravilhoso. Imagine que você está escorregando por toda a sua extensão... para cima e para baixo, em todas as circunvoluções do cérebro. *(Pausa)*

Deixe de lado agora esta imagem. Breve vou sugerir-lhe várias imagens em cada lado do seu cérebro. Mantenha os olhos fechados e olhe para o lado esquerdo do seu cérebro. Do lado esquerdo você enxerga a cor azul. *(Pausa)*

Agora, abandone essa imagem e olhe para o lado direito do seu cérebro. No lado direito você enxerga a cor laranja. Deixe agora essa imagem e, no lado esquerdo, enxergue o vermelho... e, no direito, o verde. Na esquerda, enxerga um esquiador descendo um declive... na direita, um menino vai para trás e para a frente num balanço... Na esquerda, você sente a textura de um macio veludo vermelho... na direita, a textura de casca de árvore. Na esquerda, sente a pele de um recém-nascido... na direita, a textura de uma lixa fina. Na esquerda, sente o cheiro de panquecas assando... na direita, o aroma de um pinheiro. Na esquerda, sente o gosto de um picolé de limão. Na direita, segura na mão um suculento limão. Corta um pedaço dele e apenas encontra a ponta da língua no interior do limão. Na esquerda, sente o gosto de pickles azedo... na direita, o gosto de uma banana bem madura... Na esquerda, ouve o sopro suave das melodias do vento... Na direita, ouve uma ruidosa buzina de ônibus. Na esquerda, ouve o seu primeiro nome... na direita, o último. Na esquerda, ouve o miado de um gatinho; na direita, o ronronar de um gato.

Agora deixe de lado essas imagens e imagine que o seu corpo é tão leve quanto uma pena. E imagine que uma nuvem macia e fofa aparece e levanta o seu corpo imaginário ou cinestésico. Esta nuvem o levará a qualquer lugar que queira ir, numa aventura. Ela o pousará delicadamente e, quando estiver pronto para retornar, a nuvem o trará de volta aqui para o seu corpo físico. Agora você tem um minuto contado no relógio, equivale a todo o tempo de que

necessita para viver uma aventura na sua nuvem. Passado esse minuto, você irá ouvir a minha voz chamando-o de volta. (*Pausa de um minuto*)

Agora é hora de voltar. A sua nuvem pega e traz você de volta para cá, e delicadamente o põe no seu corpo físico. E você se torna consciente do seu corpo físico... Breve vou contar até dez. Quando eu chegar a seis, junte-se a mim, abrindo os olhos no dez, sentindo-se plenamente alerta, relaxado e com o sistema sensorial ampliado. Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez...

Em muitos dos exercícios sirvo-me da frase cunhada pela Dra. Jean Houston: "Você tem agora um (ou dois ou três) minuto(s) contado(s) no relógio, equivalente(s) a todo o tempo de que necessita." Durante um exercício de imagens mentais, a criança vive o "tempo subjetivo". O cérebro processa milhões de imagens em microssegundos, de modo que, num único período de sessenta segundos, as crianças têm, *de fato*, todo o tempo de que precisam para concluir as imagens mentais. Sabendo disso, não têm que se preocupar em relação ao momento em que o exercício terminará. Isso cabe a você.

Passado um minuto, ou o tempo que você tenha estipulado, sugira lentamente que é hora de voltar à plena consciência. Isso dá as crianças tempo para completar as suas imagens. Sugira, então, a percepção do corpo, do rosto e das mãos para que as crianças se sintam firmemente de pés no chão e alertas quando o exercício terminar. O pedido às crianças para que contem com você, quando chegar a seis, intensifica nelas ainda mais o sentido de consciência e o estado de alerta.

REAÇÕES ÀS IMAGENS MENTAIS MULTISSENSORIAIS

Quando eu ouvi o meu último nome, ele ressoou. Eu também ouvi as melodias do vento. E, quando estava escorregando, eu estava do lado esquerdo do meu cérebro.

Adam, nove anos.

Eu consegui ver todas as imagens; só não consegui sentir o veludo. Atravessamos uma porta do tempo para o céu, e havia passeios por todos os lados.

Jenny, sete anos

Me vi no espaço exterior na nuvem e voltei no tempo até antes de a terra existir - até a época em que todo o universo era apenas um grão de poeira. E, quando saí para o espaço, voei de um lado para outro com uma mochila espacial nas costas. Ao voltar à sala de aula, avancei no tempo, começando com o grão de poeira, depois vi partículas da terra, e depois vi dinossauros na terra e depois cidades. A coisa era realmente nítida, e então voltei para cá.

Brooke, oito anos

ANTROPOLOGIA CULTURAL

Idade: de 8 anos à idade adulta

Exercício: 5-10 minutos

Continuação: 15 minutos

Feche os olhos e comece a concentrar a atenção na respiração. Dê a si mesmo a sugestão de que a cada expiração seu corpo fica cada vez mais relaxado. *(Pausa)* Imagine que seu corpo está ficando circular, que você está assumindo a forma de uma bola, de uma esfera ou de um globo. Perceba agora que essa esfera está se movendo e que, de fato, você está se movimentando a uma velocidade muito grande pelas imensas distâncias do espaço, deslocando-se continuamente até ver-se gradativamente diminuindo de velocidade e chegando a uma parada. Seu corpo está readquirindo a forma normal, e você olha em torno para descobrir aonde chegou. Está num país estranho, num mundo novo, e é muito interessante você explorá-lo.

Investigue esse mundo, suas formas de vida, seu meio ambiente. Se houver pessoas nessa terra, comunique-se com elas e descubra tudo o que puder sobre sua cultura, sua vida familiar, o que comem e como vivem. se tiverem música, poderá trazer uma canção do mundo delas. Observe sua arte. Você tem agora alguns minutos contados no relógio, que é todo o tempo de que precisa para fazer suas explorações nesse país. É todo o tempo de que precisa porque pode viver aí dias, semanas, meses ou até mesmo anos antes que seja hora de deixá-lo. Comece. *(Pausa de 3 minutos)*

Agora é hora de voltar. Você lança um último olhar ao redor, observando as cores, formas, sons, cheiros e gostos. Depois você se vê movendo-se rapidamente de novo através do tempo e do espaço, na forma de uma bola, e suavemente desce aqui com seu corpo reassumindo a forma normal. *(Pausa)*

Num instante vou contar até dez. Junte-se a mim quando eu chegar ao seis, abrindo os olhos no dez, sentindo-se relaxado e alerta, pronto para desenhar ou escrever a respeito da visita que fez a uma outra cultura. Um... dois... três... quatro... cinco... seis... sete... oito... nove... dez.

REAÇÃO AO EXERCÍCIO "ANTROPOLOGIA CULTURAL"

Era manhã cedo e eu estava tentando convencer o rei e a rainha de que o mundo era redondo. Quando eu lhes disse isso, começaram a achar que eu era doido; chamaram os guardas e mandaram atirar-me fora.

Fiquei furioso que resolvi prová-lo, mas, antes, teria que encontrar uma tripulação e comprar alguns navios.

Esse, porém, não era o meu único problema; a maior dificuldade era que eu não tinha nenhum dinheiro. Assim, saí à cata de um emprego. Dias depois consegui, finalmente, um trabalho num bar. Não pagavam muito, mas já era alguma coisa.

Passaram-se dois anos e ganhei dinheiro suficiente para comprar cinco navios. Tudo que tinha a fazer era encontrar eu mesmo uma tripulação. Por sorte, eu tinha um amigo chamado Jack para me ajudar e em um mês içamos velas. Custou-me seis meses para tocar em terra. Desembarcamos na praia e lá havia gente. Não sabendo como se chamavam, dei-lhes o nome de índios. Levaram-me a seu acampamento e deram-me um pouco de comida seca, de que não gostei. Ficamos ali três meses e depois tivemos que regressar. Falamos ao rei sobre a nova terra e ele não acreditou em nós, de modo que ficamos com ela para nós mesmos.

Bobby, doze anos.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 05
O MEIO AMBIENTE - ECOLOGIA

TEMA 5: O MEIO AMBIENTE - ECOLOGIA

O QUE É ECOLOGIA?

A palavra *Ecologia* é hoje familiar para a maioria das pessoas. Umhas receberam noções nos cursos que fizeram; outras conhecem o termo através das conversas que ouvem, de programas de rádio e televisão, da leitura de jornais e de revistas.

Nesta atividade vamos comparar definições dadas por diversas pessoas à palavra ecologia. Para poder julgar essas definições, é preciso saber o que essa ciência significa realmente. O texto seguinte fornece as explicações necessárias.

ECOLOGIA

A palavra ecologia vem de duas palavras gregas: oikos - casa e logos - estudo. A palavra oikos é aqui aplicada no sentido de ambiente. Assim, de acordo com a etimologia da palavra, **Ecologia é o estudo do ambiente.**

O termo ambiente inclui os seres vivos e tudo aquilo que os rodeia: o solo, a água e o ar. Assim, o ambiente tem dois componentes: um deles é o conjunto de seres vivos; o outro é o ambiente físico.

Cada ser vivo retira continuamente substâncias do ambiente físico e elimina substâncias para ele. Dizemos, então, que os seres vivos mantêm relações com o ambiente físico. Mas eles também se relacionam com outros seres vivos: os animais comem plantas ou outros animais, portanto, através do alimento, os seres vivos se inter-relacionam. A Ecologia estuda todas essas

relações, quer sejam elas entre os seres vivos e o ambiente físico, quer sejam elas entre os próprios seres vivos. Assim, pode ser definida:

ECOLOGIA é o estudo das relações dos seres vivos entre si e das relações entre os seres vivos e o ambiente físico.

As relações ecológicas provocam alterações no ambiente. Por exemplo, as plantas, quando retiram do solo água e sais minerais, modificam a composição química do solo. Os animais, quando respiram, retiram oxigênio (O_2) do ar e eliminam o dióxido de carbono (CO_2) para ele; portanto, modificam as quantidades de O_2 e de CO_2 do ar. Os herbívoros, ao se alimentarem, diminuem o número de plantas de uma região. De modo geral, todos os seres vivos provocam modificações no ambiente, mas essas modificações geralmente são lentas e pouco profundas e, em pouco tempo, o ambiente volta às condições normais. Há, assim, um equilíbrio entre os seres vivos e o ambiente.

O homem, que é apenas uma espécie entre milhares, com suas invenções e descobertas, age no ambiente de maneira muito mais rápida e profunda do que todos os outros seres vivos. Vejamos alguns exemplos.

O homem, para obter alimento, cultiva algumas espécies vegetais e cria algumas espécies animais, mas, para fazer isso, elimina um grande número de seres vivos. Antes de plantar, é preciso desmatar e, no desmatamento, morrem plantas e animais. Ao proteger as plantas que cultiva, os animais que cria e os alimentos que armazena, o homem combate as espécies consideradas pragas.

Mas não é só para obter alimento que o homem modifica o ambiente profundamente. Com o crescimento da população humana e com a industrialização, o número de cidades

número de habitantes em cada cidade cresce aceleradamente, constroem-se cada vez mais estradas. Os resultados de uma população crescente e do modo de vida das pessoas são problemas como os da poluição do ar, dos rios, dos mares e o esgotamento de recursos naturais não-renováveis (minérios, petróleo).

Com o progresso, o homem esqueceu de que ele também é ser vivo e, como tal, precisa viver em equilíbrio harmônico com o ambiente. Daí os problemas ambientais que ele desencadeou. Fala-se diariamente na poluição causada por indústrias, automóveis, detergentes e esgoto; fala-se na morte de rios, em interditar praias, discute-se e crítica-se a destruição de florestas, enfatiza-se a necessidade de se protegerem reservas florestais. Catástrofes, como secas prolongadas e enchentes, são atribuídas à ação indiscriminada do homem, alterando o equilíbrio da natureza. Assuntos como estes poucas pessoas mencionavam há alguns anos.

Os problemas ambientais criados pelo homem tornaram-se tão sérios que hoje praticamente todas as pessoas são sensíveis a eles. Isto se reflete na maneira como muitos conceituam Ecologia: proteção a plantas e animais, combate à poluição, criação de áreas verdes, etc.

O homem precisa encontrar um modo de vida que lhe permita viver em equilíbrio com o ambiente do qual faz parte. Caso contrário, a sobrevivência da espécie humana estará em perigo. Para que o homem possa voltar a inter-relacionar-se harmonicamente com o ambiente, convém que a maioria das pessoas tenham algumas noções básicas de Ecologia, ou seja: aprendam como os seres vivos interagem com o ambiente, passem a considerar cada ser vivo podendo ter um papel muito importante no equilíbrio da natureza e saibam avaliar as conseqüências que a ação indiscriminada da espécie humana pode acarretar na interação com o ambiente. As pessoas, com esses conhecimentos, poderão atuar de maneira mais lúcida e consciente na comunidade onde vivem.

UMA PESQUISA DE OPINIÃO

Vamos agora organizar uma pesquisa de opinião para saber como diferentes pessoas conceituam Ecologia.

Pesquisas de opinião são feitas freqüentemente para se saber o que as pessoas pensam sobre determinado assunto. Neste tipo de trabalho entrevista-se uma parcela da população, uma vez que geralmente é impossível ouvir todas as pessoas. O número de entrevistas constitui a amostra em que se baseará a pesquisa. Se a amostra for bem escolhida, pode-se generalizar os resultados para toda a população.

Na pesquisa que a classe vai fazer, cada aluno entrevistará 4 pessoas, se possível de diferentes níveis de instrução. Isto fará com que a amostra seja mais significativa, isto é, seja constituída por elementos que representam toda a população.

Caderno de Ecologia. p. 1-3.

Editora Mosaico - CECISP

SUGESTÕES DE AULAS

LIXO QUE NÃO É LIXO

Despertar a consciência de que as pessoas destroem o meio ambiente pela poluição, desmatamento, etc., mas as pessoas também destroem a si mesmas e a outras pessoas.

Descobrir as causas disto e as maneiras de converter estas situações.

- a) Dobradura para formar a palavra **LIXO**;
- b) Pedir aos alunos que digam alguma coisa que acham que seja lixo;
- c) Campanha de separação de lixos na sala (vidros, papéis, lixo orgânico,...);
- d) Texto:

LIXO QUE NÃO É LIXO

Todo mundo na terra da Bicholândia já estava acostumado com lixo por todos os lugares da cidade.

É verdade, que pela manhã os garis ajuntavam os sacos de lixo e, durante o dia, varriam o centro da cidade.

Chegou um tempo, que estes limpadores resolveram fazer uma greve por melhores salários. Passaram-se muitos dias e a cidade ficou suja. Era lixo por todo lado.

D. Onça, vendo a sujeira que se amontoava na rua onde morava, resolve fazer uma reunião com os vizinhos para solucionarem o problema.

Seu Jabuti é que teve brilhante idéia:

- Eu conheço uma fábrica de latas. Que tal, se em vez de jogá-las foram nós vendêssemos as mesmas para a indústria?

Dona Minhoca falou:

- Podemos enterrar as cascas e restos de comida, pois eles se transformam em húmus, deixando a terra fértil.

Seu Sabiá completou:

- E os papéis velhos podem ser vendidos para a fábrica de papelão.

Isto mesmo, quantas árvores a menos serão cortadas, se todo este papel for reaproveitado! - falou seu Bem-te-vi.

É assim que os bichos da Bicholândia descobriram que cada um poderia colaborar para a cidade ser mais limpa e que a maioria do LIXO, NÃO É LIXO, pois pode ser reaproveitada.

f) Interpretação:

1. Como é o nome da cidade?
2. Por que os garís fizeram greve?
3. Qual a idéia de D. Onça?
4. Qual foi a brilhante idéia do Jabuti?
5. Por que foi D. Minhoca que sugeriu enterrar o lixo?
6. Quais as duas descobertas feitas?

g) Questionamentos:

O que é lixo? Como poderemos reaproveitar os diferentes lixos? Que lixos não podem ser reaproveitados? Como estes lixos destroem nosso Planeta?

Que lixos temos dentro de nós? Quais os lixos que atrapalham o nosso relacionamento em nossa turma? No que precisamos transformar esses lixos para melhorar a nós mesmos e o nosso relacionamento?

O ser humano poderá destruir o planeta com os seus lixos, mas muitos destes são provenientes dos lixos que a pessoa tem dentro de si: ganância, orgulho, egoísmo, ignorância, etc.

A pessoa precisa transformar o lixo que tem dentro de si, para poder ter novas atitudes.

SUBSÍDIOS PARA CONFRONTO:**a) Estudos Sociais:**

- extrativismo vegetal: o que é, histórico;
- extrativismo no Brasil e conseqüências;
- Pau-Brasil;
- conservação das matas e reflorestamento (reflorestar não é só plantar árvores, é refazer uma floresta);
- pessoas ou povos que praticam o extrativismo hoje, etc. (a morte de Chico Mendes).

b) Ciências:

- o solo: o que é, para que serve; o que existe no solo, diferentes tipos de solo, adubação (mineral, vegetal e animal), irrigação, drenagem, erosão, poluição, doenças transmitidas pelo solo; horta caseira.

c) Português: leitura do livro: "Se esta rua fosse minha", *Teresinha Éboli*.**d) Video: "A grande ameaça", DIDAK.****e) Textos bíblicos: Relembrar o Salmo 8 e Efésios 4, 22-24:**

- E fostes chamados, segundo a verdade que está em Jesus, a vos despojardes, pelo que diz respeito ao passado, do homem velho o qual se corrompe pelas paixões enganadoras. Renovai-vos pois, no espírito do vosso entendimento, e revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus na justiça e na santidade verdadeira.

- Oração:

- Redação - história em quadrinhos: "Como transformar os lixos que temos dentro de nós".

- Para viver: reflexão constante sobre as próprias atitudes e perseverança em mudá-las para melhor.

RE-CRIAÇÃO

Enjoado de tanta folia

Deus, um dia

Foi brincar com a Matéria

Inerte, informe e vazia

Primeiro, em suas mãos a tomou

Afagou, acariciou, beijou

Assim, Saindo da norma

*Deu-lhe *forma*.*

Depois.

Colocou-a sobre seu coração

E sentiu-lhe a pulsação

Assim. Com esse sentimento

Deu-lhe *movimento*.

Agora:

Contempla-a "tão bela"!

Atraído a vela

Destraído nela se re-vela.

Cai em êxtase

Dá um suspiro

Dessa inspiração
e expiração
A Matéria soprada
Fez-se de Deus cheia

De inerte, informe e vazia.

A Matéria virou ENERGIA.

O brinquedo agora
ficou fundido
e com-fundido com Deus.

Dessa Re-criação surgiu a CRIAÇÃO

Iris Boff Serbena

SUGESTÕES DE AULA

Textos que inspiram estas aulas:

- Preserve o meio ambiente.
- Tudo o que acontecer à terra - acontecerá aos filhos da terra. Carta do chefe Seattle.
- A árvore que fugiu do quintal.
- 7 caminhos da sobrevivência.

ATIVIDADES

1. Fechar os olhos e imaginar-se parte da natureza. Que planta você gostaria de ser? Porquê? (Que fruta, que animal, que mineral...). Sair do espaço da sala e sentir a natureza.

2. Pesquisar na TV, na rádio, nos jornais, revistas, sinais da conservação, da continuidade da vida - sinais do rosto de Deus, sinais da morte, destruição da vida, da natureza - negação do rosto de Deus. Fazer um painel dos sinais de vida - sinais de morte. O que é mais fácil achar no mundo "civilizado" que vivemos? Porque estamos vivendo assim? Foi para isto que Deus nos criou?

Canto: O mundo que eu quiz

O progresso, *Roberto Carlos.*

Somos todos índios, *Fagner.*

O rio, *Chitãozinho e Chororó.*

PRESERVE O MEIO AMBIENTE

O ser humano acostumado a receber graciosamente os benefícios da Mãe Natureza, há muitos anos, esqueceu-se da fórmula que diz:

- De onde se retira e nada se põe, tende a se acabar.

Esqueceu-se de que todos os seres vivos devem a ela a sua própria vida e subsistência.

A natureza é equilibrada e o homem, na ânsia do poder, está acabando com o seu equilíbrio.

Nós não podemos ficar esperando que apareça uma fórmula mágica para consertar o mundo. Cada um de nós pode e deve ajudar um pouquinho.

Ponha também você a mão na cabeça! É hora de conservar a natureza! A situação atual é assustadora. A destruição do ar, da água, do solo, das plantas e dos animais, em relação com o crescimento da população humana, está trazendo graves problemas, estando o próprio homem ameaçado.

Porém nem tudo está perdido. Sendo o homem o guardião dos recursos naturais, cabe a ele, como o único ser racional da natureza, a obrigação moral de bem administrar os recursos naturais, visando a sobrevivência dos seres vivos em geral e da própria espécie humana.

Conservemos a natureza, sejamos gratos a ela, utilizando racionalmente e adequadamente a água, o solo, as plantas e os animais.

Você já pensou em dar sua colaboração?

- Plante uma árvore ou cuide da que está plantada.

- Proteja os animais.

- Colabore sempre na conservação dos bens que a Mãe Natureza nos oferece.

"Se o PAI nos colocou no mundo, não foi para que andássemos de olhos no chão, mas o acompanhássemos pelas marcas que deixou em todas as coisas, nos acontecimentos e nas pessoas.

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos do próprio Deus, veríamos que nada no mundo é profano, tudo participa para a construção do Reino de Deus".

Deus nos deu a vida e criou a natureza para servir-nos, cabe a nós a sua utilização e preservação.

Portanto, enquanto vivermos, cuidemos de nossa parte!

Tudo o que acontecer à terra - acontecerá aos filhos da terra.

Carta do chefe Seattle

A carta abaixo foi escrita em 1855. Nela, o chefe índio Seattle expõe seu protesto ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce "O grande chefe branco de Washington", que pretendia comprar uma imensa faixa territorial de sua tribo prometendo em troca uma "reserva".

"O grande chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas elas não empalidecem. Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra?

Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo. Cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

O homem branco esquece a sua terra natal, quando, depois de morto vai vagar por entre as estrelas. Os nossos mortos nunca esquecem esta formosa terra, pois ela é a mãe do homem vermelho. Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos.

Portanto, quando o Grande Chefe de Washington manda dizer que deseja comprar nossa terra, ele exige muito. O Grande Chefe manda dizer que irá reservar para nós um lugar em que possamos viver confortavelmente. Portanto vamos a tua oferta de comprar nossa terra. Não vai ser fácil. Esta terra é para nós sagrada.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada e terás de ensinar a teus filhos que é sagrada e que cada reflexo espectral na água límpida dos lagos, conta os eventos e as recordações da vida de meu povo. O rumorejar da água é a voz do pai de meu pai.

Os rios são irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendemos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus, e terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a conquistar, ele vai embora. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e nem se importa.

Arrebata a terra da mão de seus filhos e não se importa. Fica esquecido da sepultura de seu pai e do direito dos seus filhos à herança. Ele trata sua mãe - a terra e seus irmãos - o céu

como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando um deserto.

Não. Nossos modos diferem dos teus. A vida de tuas cidades causa tormento aos olhos do homem vermelho.

Não há sequer um lugar calmo nas cidades do homem branco. Não há lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de um inseto. Mas talvez assim seja por ser eu um selvagem que nada compreende. O barulho parece apenas insultar os ouvidos. E que vida é aquela se um homem não pode ouvir a voz solitária do curiango, ou de noite, a conversa dos sapos em volta de um brejo?

O índio prefere o suave sussuro do vento a sobrevoar a superfície de uma lagoa e o cheiro do próprio vento.

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum - os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terá de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida também recebe o seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feito santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adoçado com a fragância das flores campestres.

Assim, pois, vamos considerar tua oferta para comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, porei uma condição; o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos.

Tenho visto milhares de bisões apodrecerem na pradaria, abandonados pelo homem branco que os abatia a tiros disparados do trem em movimento. Sou um selvagem e não

compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante do que um bisão que (nós - os índios) matamos apenas para o sustento de nossa vida.

O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Porque tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si,

Deve ensinar a teus filhos que o chão debaixo de teus pés são as cinzas de nossos antepassados. Para que tenham respeito ao país, conta a teus filhos que a riqueza da terra são as vidas da parentela nossa. Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a terra - fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios.

De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem que pertence à terra. Disto temos certeza.

Todas as coisas estão interligadas, como o ~~aque~~ que une uma família. Tudo quando agride a terra, agride os filhos da terra. Não foi o homem que teceu a trama da vida: ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que fizer à trama, a si próprio fará".

INTERIORIZAÇÃO

Com o Salmista reconhecemos agradecidos que a Terra-Mãe é uma dádiva divina, a devemos cultivar, redescobrir seus mistérios, encantamentos e prodigalidade. A concepção indígena da terra aproxima-se à postura reverente, festiva e agradecida do salmista.

Refletir, vivenciar o espírito do Salmo 64, 10-14.

A ÁRVORE QUE FUGIU DO QUINTAL

Fugi para a montanha, de onde via a cidade toda. Lá em cima, vi a cena mais triste. A terra coberta de asfalto e cimento. Os passarinhos, alguns trazendo no bico os ninhos e filhotes incapazes de voar, fugiam com as borboletas. Um deles pousou em um dos meus galhos e me disse desesperado:

- Não há como viver lá embaixo. Em breve, não haverá como viver aqui, nem em lugar algum deste triste planeta TERRA, que começam a chamar de planeta Cimento.

O passarinho tinha toda a razão.

Tive de fugir novamente à procura de um lugar onde os homens ainda fossem bons e as pessoas ainda vivessem em paz.

Procurei... procurei... andei quase até o final (!): planeta... e nada.

Cimento, postes e fumaça em todos os lugares. Ia desistir. Entregar os pontos. Desmaiar de cansaço.

Foi quando comecei a sentir um cheiro gostoso de mato. Andei mais um pouco. De repente, avistei linda paisagem. Apesar da noite, a lua me mostrava um campo enorme, repleto de árvores grandes e saudáveis. Lá no fundo perto do barulhar das águas de um rio, vi a silueta de uma casa...

E nasceu em mim enorme esperança de ali encontrar crianças.

Enterrei minhas raízes bem devagarinho para não acordar as outras árvores e, aliviada, satisfeita, feliz da vida, dormi até o sol nascer.

Acordei assustada, com uma dor terrível.

Tentei fugir, não havia tempo. Quatro homens me desferiam machadadas, por todo lado. Uma atrás da outra, cada vez mais fortes.

Tudo começou a rodar em minha volta. Minhas folhas e frutos no chão. Meu tronco tombava... tombava...

Em meio a tonteira, um grito de homem, o berro da vitória:

"MADEEEEEIIIRAAAA !!!

No centro de mim, o grito de dor de quem deixa a vida.

Não sei onde estava com meus galhos. Tinha de ter desconfiado.

Aquela casa era uma serraria.

PARA REFLETIR:

- Por que a natureza só poderá ser salva pelo nosso coração?
- Qual a principal causa da destruição que o homem faz na natureza?
- Como transar numa boa com a natureza?
- Por que muitos animais foram exterminados?

7 CAMINHOS DA SOBREVIVÊNCIA

1. O mundo com seus recursos naturais é a fotografia da bondade e beleza de Deus.

Esforce-se para não manchar essa fotografia com a tua prepotência ou suposta superioridade às coisas.

2. Não esqueças da ordem divina que ao mesmo tempo que te autoriza o conhecimento e o domínio sobre a natureza, colocou o homem num jardim para que cuidasse dele.

Lembra-te que o poder de domínio, implica no poder de ordenar e cuidar, preservar e respeitar esse jardim.

3. A providência divina dotou a terra de recursos que garantem a VIDA não só para os homens, mas todos os outros elementos desse ecossistema.

Promova pois o admirável equilíbrio de viver e deixar viver para que seja possível a saúde e a contituidade da VIDA da terra, do homem e demais seres desse planeta.

4. É no trabalho destinado a prover o sustento de todos, que o homem se deve descobrir como irmão não só com os seres de sua espécie mas com os outros e completar, como Deus, a sua obra.

Cuidado! Para que em nome da ciência e do progresso, da inteligência e do trabalho, não se provoque a poluição, a devastação e a depredação. São violências à VIDA.

Lembra-te do ditado: "Deus perdoa sempre, o homem às vezes, mas a natureza - nunca".

Cedo ou tarde virão as suas respostas não de vingança, mas de justiça.

5. O maior bem de Deus ao mundo é o dinamismo e a harmonia na natureza.

Depende de ti as condições que melhoram essa vida em qualidade, equilíbrio e perpetuidade, a fim de que seja possível uma concórdia, justiça, paz não só social, mas cósmica.

6. O poder de conhecer e dominar, delegado por Deus ao homem, ele o usou de maneira abusiva, egoísta e selvagem. O fato de explorar ou sujeitar as coisas a seu serviço, deu-lhe também o

direito de explorar a seu serviço os seres de sua própria espécie. Essa é a mais detestável forma de poluição.

"A vida miserável da maioria dos irmãos está poluída pelas injustiças de uma minoria".

7. Recorda-te que o que dá sentido à vida é mais importante que a própria vida. A natureza não pode garantir apenas o sobreviver, mas também o viver que implica em dignidade e esperança.

Temos uma missão: "Vamos quebrar a mística do progresso material" para evitar o desastre ecológico de dimensões incalculáveis e garantir um direito a vida às futuras gerações."

Irmão sol com irmã luz/ Trazendo o dia pela mão

Irmão céu de intenso azul/A invadir o coração. Aleluia!

REF. Irmãos, minhas irmãs, vamos cantar / Nesta manhã

Pois renasceu mais uma vez / A criação nas mãos de Deus!

Irmãos, minhas irmãs, vamos cantar. Aleluia, Aleluia, Aleluia !

OUTRAS SUGESTÕES DE AULA

O MEIO AMBIENTE - ECOLOGIA

PONTO DE PARTIDA

"Como sou mesquinho quando a vida me dá ouro e eu te dou prata e contudo julgo-me generoso"

Khalil Gilbran

VIVÊNCIA

Perceber o meio ambiente e sua relação com o *eu*, relação de dar e receber.

Sensibilização para o belo do Meio, para o belo do Outro e, para o belo em Si.

REFLEXÃO

Escolher um texto objetivando aprofundar a problemática proposta na vivência.

EXPANSÃO CRIATIVA

Realizar movimentos, como se as partes do corpo estivessem dançando de alegria pela energia da vida.

Primeiramente de olhos fechados, buscar a "música interior", pelos batimentos cardíacos, emoções e pensamentos. Levantar os pés e deixá-los em movimentos livres, alegres, graciosos, dançantes, como se todas as células dos pés estivessem agradecendo a vida pela vida.

Percorrer várias partes do corpo, inclusive órgãos internos (dança imaginária).

Salmo de Júbilo, alegria, dança, ritmo, leveza: Sl 80, 1- 6; 107, 1-7.

COLABORAÇÃO DO SER DE IVAIPORÃ

Em vez de salvar os valores da vida, a ambição dos homens vem estragando cada vez mais esse planeta que é o nosso lar. Reflita sobre o que diz este poema de José Alaby, e depois responda de que tipo de Noé precisaríamos hoje para evitar que estas coisas acontecessem?

O ECO LÓGICO

Se aos pássaros pergutares
quem polui os nossos ares,
onde os pulmões se consomem,
o eco lógico responde:
...homem ...homem ...homem ...

E se aos peixes indagarem
se com usinas nucleares
possuirão a mesma sorte,
o eco lógico responde:
...morte ...morte ...morte ...

E ao húmus do nosso chão,
que resta pro nosso pão,
logo após uma queimada?
o eco lógico responde:
...quase nada ...quase nada ...

O que era o Saara?
A Amazônia o que será?
Um futuro muito incerto?

o eco lógico responde:
...só deserto ..só deserto ...

Que resta desmontando,
o que sobra devastando
ao homem depredador?
o eco lógico responde:
...só a dor ...dor ...dor ...

Que precisa a natureza
pra manter sua beleza
e amainar a sua dor?
o eco lógico responde:
...mais amor ...amor ...amor ...

O vivente que se inspira
na natureza que respira
o que deve ao Criador?
o eco lógico responde:
...mais louvor ...louvor ...louvor ...

- TEXTOTECA -

ORAÇÃO DO MILHO

Cora Coralina

SENHOR, nada valho.
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos
 e das lavouras pobres.
 Meu grão, perdido por acaso,
 nasce e cresce na terra descuidada.
 Ponho as folhas e haste, e se me ajudardes,
 Senhor, mesmo a planta de acaso, solitária,
 dou espigas e devolvo em muitos grãos
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,
 que a terra fecundou.
 Sou a planta primária da lavoura.
 Não me pertence a hierarquia tradicional
 do trigo e de mim não se faz o pão alvo
 universal. O Justo não me consagrou Pão de
 Vida, nem lugar me foi dado nos altares.
 Sou apenas o alimento forte e substancial
 dos que trabalham a terra, onde não vinga
 o trigo nobre.
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos
 bosques, coroados de rosas e de espigas,
 quando os hebreus iam em longas caravanas
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
 quando Rute respingava cantando nas searas
 de Booz e Jesus abençoava os trigais maduros,
 eu era apenas o bró nativo das tabas
 ararándias
 Fui o angu pesado e constante do escravo na
 exaustão do eito.
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno
 sitiante. Sou a farinha econômica do proletário.
 Sou a polenta do imigrante e amiga dos que
 começam a vida em terra estranha.
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.
 O que me planta não levanta comércio,
 nem vantagem dinheiro.
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupa-
 da dos paióis.
 Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia
que amanhece.
Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos
seus ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós,
Senhor,
que me fizeste necessário e humilde.
Sou o milho.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Pode-se organizar uma pesquisa sobre os Índios, descobrimento do Brasil, Tiradentes, dia do trabalho, ressaltando os mais humildes e desvalorizados, mas que, como o milho, tem o seu valor e merecem ser cantados, em prosa e verso ou dramatizados.

ÍNDIOS

Musica: "Os escravos de Jó"

Nossa cultura assim vai acabar
Invadem as terras, não deixam ficar
Nem índios nem costumes, não adianta reclamar.
Nem índios nem costumes, não adianta reclamar.

Bororós, xavantes, tamoios também são
nascidos na terra, merecem atenção

Porque todos os índios fazem parte da nação
(bis).

Terenas, timbiras, cariris, carajás,
Alguns sobrevivem, outros ficam prá trás.
Os índios só reclamam por justiça, amor e paz.
(bis).

TIRADENTES

Música: "A praça"

Eu hoje neste grupo falei muito de você	ficaram tão tristonhos e então reconheceram.
Lembrei o sacrifício que um dia o consagrou,	Aí então surgiu esta canção.
Peguei naquele livro de história só porque	
Foi lá que conheci o seu valor.	um grande sonho de liberdade
	Muitos rumores e o som de um clarim
Senti que no Brasil todos se comoveram	:/ A morte chega, não estou triste
e logo entenderam toda sua devoção	Porque morreste mas não dentro de mim./: (bis)

CANTO NATIVO

Ribamar, PA

Houve um silêncio. Mataram-me a mata...	Veio a chuva.
Com ela, os frutos e neles, o meu filho,	Pintei o meu rosto com a pintura de guerra,
o meu fruto.	e hoje estou lutando pela terra
Houve um nascimento. Tiraram-me da terra...	que é minha.
Com ela, minha história, minha vida.	Cantei para ela mil cantos de luta,
Prometeram-me o dia...	pois índio, luta e terra não se separam
Veio a noite.	nem à força bruta.
Prometeram-me o sol...	

SER/CERICAM

PARA REFLETIR

O índio, no Brasil, de maioria livre e soberana que era há 500 anos atrás, submetido à dura realidade da exploração e da dizimação, passou, hoje, a ser uma minoria de 200 mil pessoas, encurraladas em pequenas reservas, perseguidas e condenadas a desaparecer.

O RIO

César Augusto e Mário Marcos

O rio vai descendo a serra
Vai molhando a terra seca do sertão
Vai formando uma corrente
feita uma serpente pelo chão
E a água do seu leite
É leite no peito da mãe plantação
Que vai eliminar a fome
E matar a sede de toda nação.
O rio vai criando filhos
Vai regando o milho, arroz e feijão
Vai seguindo o seu caminho
Segue seu destino, sua direção
Depois que vem a colheita
O rio sempre aceita nos canaviais
O bagaço do alimento

E a sobra de tudo que ninguém quer mais
Rio que não tem carinho
Qualquer dia desses vão te dar valor
Nasce limpo e morre sujo
Envenenam tudo até o próprio amor
Será que eles não percebem que a natureza pede prá viver
Enquanto vai morrendo o rio
Nada em sua volta poderá nascer.

MENINOS DO BRASIL

Chitãozinho e Xororó

Está vendo aquele menino que pede um trocado
O outro que limpa o vidro de seu lindo carro
Aquele que chora de fome e mora na rua
O filho da mulher que vive no mundo da lua.
Está vendo aquele menino que não tem carinho
Achou um amigo bandido para não ser sozinho
Está vendo aquele que chora com medo da solidão
Dormindo nos campos da vida nos braços do chão.

Estrilho:

Filhos do mundo são eles em busca de paz
Perdidos em tantas esquinas que são seus quintais
Esses meninos são anjos ou são marginais?
Aonde estão seus brinquedos cadê os seus pais?

Está vendo aquele menino com necessidades
Esconde no fundo do peito as suas vontades,
Aquele que tem pele escura e que ninguém quiz
Perdeu o direito de um dia também ser feliz
Está vendo aquele menino que fere e mata
Tem ódio de quem só ofende, machuca e maltrata
Está vendo aquele menino que ainda ninguém deu valor.
Será que um dia terá um pouquinho de amor?

SOMOS TODOS ÍNDIOS

Fagner

Há muito tempo que falo de natureza e amor, das coisas mais simples dos homens de Deus. Canto sempre a esperança, acredito no azul que envolve o planeta toda manhã.

Depende de mim, depende de nós,
Escute o silêncio, ouço a voz,
que vem de dentro de mim e enche de luz
Toda nossa tribo. Somos todos índios,

Tenho pensado na vida, no prazer de viver
das coisas bonitas entre eu e você
meu canto é sempre de luta
por um mundo de paz,
cuidar das florestas e dos animais.

Depende de mim, depende de nós,
Escute o silêncio, ouça uma voz
que vem de dentro e enche de luz
Toda a nossa tribo.
Somos todos índios.

POEMA:

ÍNDIO TRABALHA DURO

Eu, índio, declaro:

Selei convênio com a Mãe Terra:

de manhã índio trabalha duro;

à tarde índio emplumado dança;

à noite recebe sonho de pajelança. (Oh, bonito!)

Eu, índio lamento:

branco rouba o sol e o cocar

Branco tabalha o dia inteiro,

tudo que ele faz é cobiçar.

Branco não dorme, tem pesadelos. (Oh, pesar!)

Eu, índio denuncio:

bancou matou índio.

Mesmo assim minha terra não deixarei.

Ela é sagrada, meu cemitério: morrendo nela Ressuscitarei. (Aiaó, mistério!)

Rubem Alves

Amaromar

Gosto de me assentar à praia para ouvir o mar.

Fico ali, tomado pelo mistério azul.

Ele entre pelos meus olhos, meus ouvidos, meu nariz, minha língua, minha pele. Sinto-me tranqüilamente possuído. E meus pensamentos agitados se acalmam. Existe uma sabedoria na voz do mar. Ela tem o poder de colocar as coisas nos seus devidos lugares.

"Para que correr tanto?

Atrás do vento?

Indo para onde?

Daqui a mil anos sua agitação já não mais será, esquecida e desaparecida com as espumas das ondas.

Mas eu continuarei aqui,

Neste mesmo lugar,

com meu eterno brinquedo,
sem pressa..."

Há um lugar em que ele se arrebenta, imponente e pirotécnico, sobre os rochedos (que um dia serão areia). Assentado ali, invadido por pensamentos de fim de mundo, apocalipses nucleares e devastações ecológicas, o mar me acalmava, dizendo que mesmo depois que tudo tivesse sido

destruído, ele ainda estaria lá, eternamente fiel a si mesmo, para a gestação de novos começos. Um dia, quem sabe, a vida voluntária, o milagre se repetiria... Isto me enchia de alegria. É bom pensar no recomeço da vida, mesmo que não estejamos lá.

Tempo apressado de homens agitados,

tempo eterno de um mar sem pressa.

Mar, símbolo de um outro,

Grande Mar, mistério da vida.

Cecília Meireles:

"Muitas velas, muitos remos,
âncora é outro falar.

Tempo que navegaremos não se pode calcular.

Vimos as Plêiades; vemos agora a Estrela Polar.

Muitas velas, muitos remos.

Curta vida, longo mar".

Gosto de olhar para a praia molhada, ou bem de manhã, quando o sol acabou de nascer, ou bem de tardinha. Tudo fica maravilhosamente luminoso, diáfano, e o ar se enche de uma transparência azul.

É gostoso andar, tranqüilamente, sem querer nada. Lembro-me de Thoreau:

"Quero viver como quem passeia junto ao mar, tão perto do abismo quanto possível".

Mar, Deus azul.

Preciso dele. Ele é parte do meu próprio corpo, mora em minhas fantasias. Lembro-me da carta do Chefe Índio, dizendo da grande solidão que seria o mundo que os brancos criaram com seus rifles, sem búfalos, sem águias, sem antílopes. Apenas o grande deserto deixado pelo progresso. Tenho medo de que algo assim aconteça com o mar, mar petróleo, mar privada de detritos...

Preciso do mar, das florestas, do vento. Há pessoas que, quando se fala em pátria, pensam em paradas militares, aviões de combate e bandeiras. "Auri-verde pendão.. que a brisa do Brasil beija e balança". Mas, e se a brisa tiver o cheiro da decomposição? Então a bandeira será infinitamente triste.

Desejo o mar, para poder ficar mais tranqüilo, e para ter esperança. também isto pertence àquilo que se chama pátria... E agora que se pensa naquilo que desejamos para este novo ano, quero dizer que nada desejo dos homens que fazem guerra. Sei que

nunca transformarão suas espadas em arados. Nada desejo também dos banqueiros. Sei que nunca abrirão mão dos seus lucros, ainda que sua riqueza se faça com a carne dos pobres. Nada desejo também da polícia. Sei que ela nunca amará a virtude da auto-contenção e da mansidão. Mas espero muito do povo, pois é só nele que se gera a renovação da vida - como o mar..

Mas o que vi me despertou horror.

Não, não amam o mar, amam a praia. Se amassem não fariam o que fazem.

Como nas privadas onde as pessoas escrevem obscenidades, sem se dar conta de que ali mesmo, na parede pornográfica, está *uii*. revelação de sua própria alma.

Não vão para ouvir. Trazem consigo os demônios da agitação. Os rádios urram, cada qual a seu modo, sem que ninguém os ouça, sem que ninguém importe. Porque não é a música que se está buscando: é o barulho que silencia o silêncio. Para que as vozes que moram nele não se façam ouvir. E a areia, pele branca e lisa do mar, se cobre de lixo: latas vazias, garrafas eternas de plástico, vidros quebrados, fraldas descartáveis, cascas de frutas, sobras de comida. E ninguém percebia que a areia sentia, que o mar sofria. Espaço invadido por demônios incontroláveis, os mansos perdendo sempre:

chegam os rádios vai-se o silêncio, a correria
põe um fim à contemplação, o lixo se espalha
sobre o branco. Ao fim do dia a praia é um
campo de batalha, coberto de destroços.

Tristeza: ali estava a revelação de
uma alma, pesadelo...

E o povo me pareceu tão feio,
e me senti longe dele...

Mas eu preciso que não seja assim,
que o povo seja belo,
tão belo quanto o mar...

Povo belo, abraçado à volta da
Lagoa,
povo belo, nos comícios,
caminhando e cantando e seguindo a
canção,

povo belo na espera de um presidente
agonizante,
e os seus sonhos
mais bonitos surgindo de onde estavam
escondidos,

povo belo na singeleza do seu
sofrimento,

"é gente humilde,
que vontade de chorar..."

E é isto que eu pediria, para este ano:
que o povo fosse belo, porque então a
esperança renasceria,

e eu amaria o povo, ali na praia,
ao amar o mar.

JORNAL FALADO - ECO 92

COMENTARISTA: Atenção! Inicia-se agora o Jornal falado, ECO - 92.

1ª VOZ: Terminou dia 15 no Rio a grande Conferência Mundial da ECO-92, com a participação de vários países.

2ª VOZ: Alguns países se manifestaram na abertura colocando a situação ecológica em que se encontra.

COMENTARISTA: Veja o que nos diz do Canadá...

1ª VOZ: Canadá! A força do progresso fez com que muitas árvores fossem cortadas. Diante disso uma lei foi implantada: "Em cada árvore cortada, duas serão plantadas". Canadá é o maior produtor mundial de trigo e mesmo assim 52% do país é coberto de florestas.

É possível haver desenvolvimento sem destruição...

COMENTARISTA: Paremos e acompanhemos a mensagem da música: *Planeta Terra*

COMENTARISTA: Continuemos com nossa reportagem. Vamos conhecer um pouco do Japão em Ecologia.

2ª VOZ: Japão! O maior país do mundo em economia e tecnologia. O avanço industrial deixou como conseqüências a poluição dos rios e o desaparecimento das reservas naturais e a preocupação maior: a falta de matéria prima. Com muita técnica tentam recuperar as perdas, mas é muito difícil, apesar de possuir a maior reciclagem de lixo do mundo.

COMENTARISTA: Os artistas nos mostram suas preocupações com a ecologia através da música: *Planeta Azul*

COMENTARISTA: Agora vamos saber o que acontece com o meio ambiente em Portugal.

1ª VOZ: Portugal! Uma das costas mais belas de Portugal foi afetada por grande camada de óleo, causando a morte de muitos animais. 25% das praias estão destruídas e a maior parte das florestas foi destruída pelos incêndios. O ar que respiram não é nada legal.

Dizem os portugueses: Até quando vamos suportar isso?

Defender o Planeta quando se não for agora?

Salvar o planeta é obrigação de todos!

COMENTARISTA: Atenção! Todos devem estar interessados a ouvir alguma coisa sobre o nosso querido Brasil.

2ª VOZ: É fácil falar do Brasil. Basta saber o motivo pelo qual foi escolhido para realizar a Eco-92. Por mais criticado que seja o nosso país, aqui se encontram ainda, as maiores reservas naturais do mundo.

A Eco-92, tem a atenção voltada para a Amazônia, que representa o tesouro universal no qual todos estão interessados. Essa é a maior preocupação de todos os brasileiros.

Um centro de assistência da selva da Amazônia, trabalha na preservação montando um laboratório de pesquisa. Precisamos salvar o que é nosso, pois nós precisamos ser salvos. Não queremos que aconteça como nos outros países.

As queimadas das florestas diminuíram bastante de 1987 até 1992. Mas temos que tomar providências, pois a crise econômica pode provocar a volta da destruição.

COMENTARISTA: Por que a Amazônia é tão importante?

1ª VOZ: Ela é um mistério, que esconde as maiores riquezas do mundo em matéria prima. Mais de 50 mil espécies de plantas se escondem no seu interior, das quais apenas 1% são conhecidas. Os indígenas colaboram na pesquisa desse tesouro escondido. São plantas usadas na fabricação de remédios.

COMENTARISTA: A música nos fala ao coração e nos dá a mensagem que precisamos pois a Natureza é o poema da vida: *Novo Planeta*.

COMENTARISTA: Vamos falar de um dos países mais poluídos do mundo...

2ª VOZ: Estados Unidos! Os Estados Unidos destruiu 90% das florestas e agora se acha com direito de dar palpites sobre as reservas Naturais dos outros. No Noroeste do País em um mês foram destruídas a metade das árvores da floresta úmida e temperada e as madeiras foram transportadas para o Japão.

Os Estados Unidos é o maior produtor de dióxido de carbono do mundo que provoca o Efeito Estufa e destrói a camada de ozônio, provocando doenças e o desaparecimento de muitas espécies. Ao lado dos Estados Unidos também a China com o uso do CF6, na construção de geladeiras, destrói a camada de ozônio.

COMENTARISTA: Bio-diversidade. O que é isso?

1ª VOZ: Bio, quer dizer vida. Diversidade, quer dizer milhares de espécies de diferentes seres vivos. A vida desses milhares de seres vivos precisa ser preservada, pois é deles que obtemos tudo que precisamos para sobrevivermos. Esse tesouro se encontra nas florestas tropicais, principalmente na **Amazônia**.

COMENTARISTA: Eis as últimas notícias:

2ª VOZ: Los Angeles e Tóquio, as duas cidades mais poluídas do mundo!

1ª VOZ: Multi-nacional francesa polui a Baixada Santista, no Brasil!

2ª VOZ: Os países do 1º mundo são os grandes agressores da Natureza!

1ª VOZ: Jorge Bush, presidente dos Estados Unidos, não aceita e não assina a **Convenção Biodiversidade!**

2ª VOZ: Jorge Bush está preocupado com as eleições e o emprego do povo de seu país e não se ligou à Eco-92! (Não reelegeu-se).

1ª VOZ: Países do 1º mundo se negam a ajudar países mais pobres, com a tecnologia, na defesa do planeta! Qual é a intenção?

2ª VOZ: No próximo século o Planeta ficará mais quente e aumentará a miséria e a fome.

1ª VOZ: Em 2050 as florestas serão um deserto, o ar estará envenenado, é a triste consequência da destruição do tesouro do Planeta Terra.

2ª VOZ: Não se pode pensar em preservação do Planeta sem investir na Educação e no resgate dos valores do Ser Humano.

1ª VOZ: Destruir a Natureza é assassinar o próprio homem.

2ª VOZ: Salvar a Natureza é salvar a vida humana. Estamos inseridos nela.

Somos Terra, Água, Ar e Fogo.

COMENTARISTA: Fica aqui uma pergunta:

Quem vai assumir as despesas da preservação da Natureza?

Foi válido investir tanto dinheiro na Eco-92, quando tantas crianças morrem de fome e doenças?

Qual é o eco da Eco-92, e o que você vai fazer para salvar a vida do ser humano e do nosso Planeta?

Música: *Casamento Natural*.

Rita Corsini

Assis Chateaubriand

- POEMAS -

O PROGRESSO

Roberto Carlos

O ouro no ano passado subiu sem parar
Os gritos na bolsa falaram de outros valores.
Corpos estranhos no ar
Silenciosos voadores
Quem sabe olhando o futuro do ano passado.

O mar quase morre de sede no ano passado,
Os rios ficaram doentes com tanto veneno.

Diante da economia

Quem pensa em ecologia

Se o dólar é verde é mais forte que o verde que havia.

O que será o futuro que hoje se faz

À natureza, às crianças e os animais.

Quantas baleias queriam nadar como antes,

Quem inventou um fuzil prá matar elefantes.

Quem padeceu de insônia

Com a sorte da Amazônia

Na lei do machado mais forte do ano passado.

Não adianta soprar a fumaça do ar,

As chaminés do progresso não podem parar.

Quem sabe um museu no futuro

Vai guardar em lugar seguro

Um pouco de ar puro relíquia do ano passado.

O que será o futuro que hoje se faz

À natureza, às crianças e os animais.

Os campos risonhos um dia tiveram mais flores

E os bosques tiveram mais vida e até mais amores.

Quem briga com a natureza,

Envenena a própria mesa

Contra a força de Deus não existe defesa.

O que será o futuro que hoje se faz

À natureza, às crianças e os animais.

LOUVOR A CHICO MENDES

Almir de Araújo/Marquinho Lessa

Chico onde houver uma vida
sua voz será ouvida
como força de oração
do amor pela Terra
que não se encerra num coração
sou mais um nessa guerra
quebrando a serra da devastação

Me abraço à natureza
e a Deus peço Axé
em louvor, a Chico Mendes
sua luta, sua fé
homem simples seringueiro
um valente brasileiro

Que ao mundo fez seu manifesto
um protesto à crueldade
e a Amazônia
das derrubadas das queimadas
é a Amazônia em agonia
que hoje chora a saudade
de Nova York a Xapuri Ô Ô
do Oiapoque ao Chui, XI!!!
Será que as coisas mudam por aqui?
Na Amazônia
a Amazônia tá virando zona
de liquidação
sem cerimônia
matam e metem a mão
na Amazônia

a Amazônia tá virando zona
de liquidação
sem cerimônia
matam sem perdão
um líder

Chico onde houver uma vida
sua voz será ouvida

como força de oração
do amor pela terra
que não se encerra num coração
sou mais um nessa guerra
quebrando a serra da devastação
a meu verde
meu verde não é rabo de foguete
vai tacar fogo no cacete.

TRÊM DAS CORES

Caetano Veloso

A franja da encosta cor de laranja
Capim rosa-chá
O mel desses olhos luz mel cor de impar
O ouro ainda não bem verde da serra
A prata do trem
A lua e a estrela anel de turquesa
Os átomos todos dançam madrugada reluz neblina
Crianças cor de romã entram no vagão
O oliva da nuvem chumbo
Ficando prá trás da manhã
E a seda azul do papel que envolve a maçã
As casas tão verde e rosa
Que vão passando ao nos ver passar

Os dois lados da janela
E janela num tom de azul
Quase inexistente azul que não há
Azul que é pura memória de algum lugar
Teu cabelo preto explícito objeto
Castanhos lábios ou prá ser exato
Lábios cor de acai
E aqui trem das cores sábios projetos
Tocar na central
E o céu de um azul celeste celestial.

PEDRA NÃO É GENTE AINDA

Quem não respeita a natureza,
Não dá força pra beleza,
Não considera a vida
É pedra não é gente ainda.

Quem não constrói com trabalho,
Polui, destrói tudo
Não acredita no amor
Que a gente quer um outro mundo.

Quem não respeita a natureza,
Não dá força pra beleza,
Não considera a vida,
É pedra não é gente ainda.
Eu vou te encontrar
Você vai me levar.
Prá um caminho de luz,
Vem caminho da paz.

Ser feliz prá valer
Prá viver de verdade
Um caminho de luz,
Um caminho de paz.

Você não sabe
O bem que me faz.

ECOLOGIA E ECOSSISTEMA

A palavra ecologia é formada pela reunião de duas palavras gregas: *ioikos* que se transformou em *eco* e tem o significado de casa, ambiente, local onde se vive; e *logos* que significa ciência ou estudo. Logo, ecologia significa ciência ou estudo das relações entre os organismos e o ambiente em que vivem.

Ecólogos modernos preferem defini-la como ciência que estuda os ecossistemas porque se refere ao conjunto formado por um ambiente inanimado (solo, água, atmosfera) e os seres vivos que o habitam.

Em todos os ecossistemas existe um tipo de ser vivo - as plantas - que fabricam seus alimentos a partir da porção inanimada do ecossistema. Também há outro grupo - o dos animais - incapaz de fazer isso.

As plantas, além de fabricarem o seu alimento têm outro papel no ecossistema: produzem oxigênio.

Até certo tempo atrás, o homem acreditava que podia interferir no planeta à vontade. Aos poucos percebeu que os subprodutos de sua indústria ao destruírem os vegetais, diminuíam a quantidade de alimento dos ecossistemas e baixavam a produção de oxigênio; que matando indiscriminadamente insetos com inseticidas, impedia muitas plantas de se reproduzirem, tem

como resultado um massacre das aves que vivem daquelas plantas. Estas mortes traziam novas alterações ao ecossistema, numa cadeia sem fim.

Os esgotos das grandes cidades, os gases das fábricas, o uso irracional da adubação e mais uma infinidade de práticas, modifica o equilíbrio do ecossistema.

O fato é que para viver, os homens dependem tanto dos ecossistemas como da indústria. Os centros urbanos são verdadeiras "fábricas" de substâncias poluidoras.

Enquanto os homens eram poucos sobre a Terra, podiam continuar buscando o interesse imediato. Hoje, não faz mais sentido maltratar e devastar desse jeito a Terra.

CONSEQUÊNCIAS DA DEVASTAÇÃO:

- A retirada da floresta interrompe a reciclagem dos nutrientes, promovendo o empobrecimento do solo;

- A falta de raízes torna a terra frágil e solta, o que facilita a erosão;

- A terra erodida é depositada nos cursos d'água, o que provoca o assoreamento dos rios, lagos e mares;

- Aumenta a ação dos ventos, pois estes não encontram obstáculo;

- O clima é alterado, já que as florestas agem como reguladoras do regime das chuvas e das temperaturas;

- A retirada sistemática de espécies de interesse econômico, medicinal ou ornamental, pode levar à extinção destas espécies;

- Animais desaparecem por perder seu habitat natural.

O manejo sustentado é a melhor forma de preservar florestas, utilizado pelo homem que tem consciência da importância do meio ambiente. Este manejo consiste no seguinte: ao mesmo

tempo em que a madeira é retirada, uma parte da floresta permanece intocada, permitindo que ela se recupere.

A educação ambiental é de fundamental importância na formação do cidadão e o sistema escolar formal é a instituição que melhor oferece condições para implantá-la.

Para que a educação ambiental atinja plenamente seus objetivos, alguns aspectos devem ser considerados: propiciar aos alunos uma sólida base de conhecimentos, que lhes permita obter e usar criticamente informações evitando que possam tomar decisões baseadas em dados errados ou incompletos. Apenas o conhecimento é insuficiente. A base da educação ambiental está no envolvimento e participação. Além de poder proceder devidamente as informações recebidas, o aluno deve também ser capaz de analisar, discutir e tomar posições sobre problemas de valor, ou seja, tomar decisões e agir, pôr em prática em sua vida cotidiana, o que houver aprendido.

Para que a educação ambiental sofra uma transformação é imprescindível que os assuntos tenham um enfoque holístico, global e integrado, considerando os vários ângulos e implicações de um mesmo problema.

"Cada um de nós precisa pensar grande e agir pequeno: pensar grande porque é necessário que cada um perceba que há leis maravilhosamente harmônicas que regem o Universo e agir pequeno pois é na prática diária de ações feitas em harmonia com o meio ambiente que demonstramos nossa coerência".

A consciência ecológica tem atingido parcelas cada vez maiores da sociedade. Um número cada vez maior de pessoas tem aprendido que cada ação sobre o meio ambiente acarreta conseqüências prejudiciais ou não para os equilíbrios naturais de acordo com o tipo e forma de ação.

É preciso que os conceitos se transformem em ação e o indivíduo faça uma reformulação de hábitos de modo a agir em harmonia com a natureza. Viver em harmonia com a natureza não

quer dizer viver na idade da pedra. Significa usar produtos, técnicas e aparelhos que não causem devastação ao meio ambiente.

É importante que propostas de participação individual, coletivas e comunitárias sejam levantadas, discutidas e efetivadas.

Baseadas na experiência da professora Myriam Krasilchik, da USP - sugerimos que em cada escola, professores e alunos envolvidos, elaborem um programa de educação ambiental com atividades a serem desenvolvidas no ano todo. Cada projeto ou programa deve envolver os seguintes requisitos:

- envolver sempre atividades desenvolvidas pelos alunos e supervisionadas pelos professores;
- iniciar sempre com a colocação de problemas ou questões que podem motivar o aluno em relação ao seu ambiente;
- discussão de problemas ecológicos locais e regionais levantados a partir de recortes de jornais;
- as atividades práticas devem se iniciar com experiências controladas a serem desenvolvidas nas escolas envolvendo elementos do meio ambiente como: ar, solo, água, animais e plantas;
- usar atividades integradas com informações de diferentes áreas, promovendo a interdisciplinaridade;
- os resultados de cada atividade devem ser discutidos à luz de conceitos ecológicos conhecidos (reciclagem de materiais, cadeias alimentares, etc.);
- também devem ser levantadas novas questões para que novas atividades derivem delas.

Numa segunda etapa, as atividades práticas e discussões devem envolver a participação ativa dos alunos em relação aos problemas ambientais: água potável, saneamento básico, higiene, lixo, alimento, etc.

- Trabalhar para que no futuro sejam desenvolvidos amplos, intensos e consistente programas de educação ambiental, planejados a longo prazo e que produzam uma população consciente de suas responsabilidades.

Debater com os alunos, de maneira ampla as questões abaixo:

- Você acha que existem interesses e sentimentos escondidos atrás de palavras e projetos ecológicos? Por quê? Justifique.

- Quem é responsável pela destruição do planeta?

- O que você acha mais importante na luta ecológica?

- O que significa mentalidade ecológica?

- Você já ouviu falar em bio-diversidade? O que é? Explique.

- Você pode ajudar na luta pela preservação do planeta? Como?

O MEIO AMBIENTE E A DECLARAÇÃO DE HAIA: ESPERANÇA

"Nosso país é o planeta Terra". Assim se expressaram os representantes dos 24 países reunidos na Holanda na conhecidíssima cidade de Haia, sede mundial dos Direitos Internacionais da Pessoa Humana, e, agora, também do Meio Ambiente. A declaração é tão carregada de esperança, que pela primeira vez em toda a sua história, países participantes de uma busca comum para solucionar seus inúmeros problemas ambientais chegaram a declarar "estamos dispostos a sacrificar parte de nossa soberania nacional para o bem comum de toda a humanidade". Esta posição é, sem dúvida alguma, sinal de muito amadurecimento por parte de alguns governos, que sentem, como nunca, que todos estamos ligados num destino comum como pessoas, e que jamais poderemos ter real qualidade de vida e paz a não ser que entendamos isto.

Mas para nossa surpresa, esta declaração ao invés de ser vista como um gesto de esperança para a melhoria da vida e de sua qualidade a nível mundial, causou em nosso país, gestos ridículos de ressentimentos e desculpas as mais rotas. Largamos o nível da racionalidade e partimos para o da racionalização: ao invés de aprender com os que já erraram, nos comportamos como o adolescente rebelde que diz: "não me dê conselhos, eu sei errar sozinho". Chegamos mesmo a afirmar, e isto o fez o próprio presidente Sarney, que "estes países que já destruíram suas reservas em eras passadas agora se fazem defensores estranhos de nosso subdesenvolvimento". Ainda que pesem razões econômicas sérias de nível internacional, não posso acreditar que esta seja a melhor maneira de se tratar questão tão vital. A miopia presidencial nesta questão é muito mais reflexo dos compromissos internos com a velha filosofia de "desenvolvimento a qualquer custo", que interessa muito mais a certos grupos econômicos nacionais, com os quais o atual governo deve estar, sem dúvida nenhuma, comprometido, do que ofensa ou sentimento dela devido a críticas internacionais contra nossos abusos ambientais.

O que se abre para todos os países envolvidos por esta declaração é o desejo de policiar todos os crimes ambientais, aí se incluindo explosões atômicas, exploração de petróleo nos árticos, cuidados e manejos florestais, especialmente as das chamadas "florestas tropicais úmidas", que são quase impossíveis de serem refeitas após ação predatória do homem, etc. O Mar do Norte também é nosso, tanto quanto a Amazônia é do mundo. O ressentimento manifestado pelo presidente e pela nota do Itamaraty reflete apenas o descompromisso de nossos governantes com a vida, a favor de maiores pastagens e de uso imediato da madeira secular que vive na Amazônia. A única esperança para estas questões reside na organização da sociedade civil. Pense nisto.

Rev. Elias

ECOLOGIA E MOVIMENTO POPULAR

Ruy de Goes Leite de Barros

Ao ouvirmos falar em Ecologia no Brasil de hoje, muitas vezes associamos este tema à defesa de animais em extinção, à visão melodramática da Rede Globo de alguns desvios do sistema que precisam ser corrigidos ou, mais maldosamente, a se pendurar uma samambaia no apartamento. No entanto, a questão é muito mais ampla e é fundamental que se pense mais profundamente nas relações possíveis e necessárias entre o movimento popular e Ecologia.

A confusão começa com a definição do que é Ecologia, enquadrando-se no mesmo campo o pesquisador que estuda a influência do meio ambiente na reprodução das moscas e o participante do Partido Verde alemão que pretende medidas de controle social sobre as usinas nucleares. Na realidade, desde 1866, quando o biólogo alemão Ernest Haeckel propôs o termo "ecologia" para uma nova disciplina que estudasse a relação entre os animais e o seu ambiente, a palavra foi usada com múltiplos sentidos. Não cabe aqui negar a importância dos estudos acadêmicos ou o trabalho dos que lutam pela preservação das espécies, mas sim defender uma visão mais abrangente, que inclua uma análise sobre os desequilíbrios, suas causas econômicas e efeitos sobre a população.

A utopia impossível

Façamos a seguinte suposição: o que ocorreria se os países do Terceiro Mundo chegassem ao nível de "desenvolvimento" e consumo alcançados pelos Estados Unidos? Haveria então na China 1 bilhão de automóveis consumindo gasolina, jogando gás carbônico na atmosfera e utilizando energia e matérias-primas na sua fabricação.

A produção de bens de consumo teria que envolver a criação de novas indústrias capazes de abastecer 5 bilhões de pessoas, demandando áreas agrícolas, fontes de água, matérias de construção, matérias-primas e com o conseqüente aumento da poluição de ar e água decorrentes de sua atividade.

Se pensarmos que hoje "com 13% da população mundial, os países capitalistas industrializados consomem 87% dos recursos energéticos, apropriam-se da metade da pesca mundial, não deixando ao Terceiro Mundo mais do que uma quinta parte. Eles utilizam para se alimentar 20% das superfícies agrícolas do globo, além das suas próprias. Estabelecem no Sahel, em plena forma, uma criação de 150 mil hectares que deve fornecer carne à Europa. Dão 2/3 da colheita mundial de soja à seus animais, enquanto a soja é o primeiro alimento proteínico para 1 bilhão de habitantes da Ásia. Afirmam que a hidrosfera e a atmosfera serão envenenadas pelos resíduos de 8, 12 ou 16 bilhões de homens do próximo século; mas os 500 milhões de habitantes da Europa Ocidental e da América do Norte causam hoje ao meio ambiente tantos estragos como o fariam (se existissem) 10 bilhões de indianos". (Michel Bosquet - *Ecologie e Politique*).

Fica claro que, mantida a noção mais comum de desenvolvimento, é impossível a eliminação da pobreza: não há no planeta recursos suficientes para a extensão a toda a população dos benefícios gozados atualmente pelos países desenvolvidos às custas da exportação da miséria. Sob esta ótica, pode-se ver que os "países em vias de desenvolvimento" nunca serão desenvolvidos. A lógica cruel da repartição desigual das riquezas entre os países pressupõe também uma distribuição injusta.

Rubem Alves

A LIBÉLULA E A TARTARUGA

Uma libélula recém-nascida, que pairava com suas leves asas sobre a água transparente do ribeirão viu, imóvel sobre uma pedra, uma tartaruga que tomava banho de sol. Espantada ante coisa tão feia, pousou sobre uma folha de capim a fim de ver melhor. A tartaruga, achando que a libélula a estava admirando, começou a falar.

- Olá - disse ela.

A libélula levou um susto.

- Pensei que você estivesse morta, de tão parada.

- Já fui como você, minha criança, agitada e voante. Mas aprendi que é perigoso viver assim. Em você tudo é esbanjamento: asas vibrando, ir e vir nas costas do vento, voar sem cessar. Mas tudo isto faz mal. Quem se mexe muito morre logo. A vida é como a vela: há de se economizar, para durar mais. Minha filosofia é simples: nunca ficar de pé quando posso ficar deitada. Para simplificar fico sempre deitada...

A libélula, espantada de que alguém pudesse viver assim ia perguntar se a vida vale a pena. Mas a tartaruga não deu tempo, porque continuou a sua fala:

- Você ainda não aprendeu a lição do peso. Para se voar é preciso ser leve. Mas tudo o que é leve é frágil. As crianças gostam

de empinar papagaios. Mas, para subir no vento, eles têm de ser feitos com varetas finas de bambú e papel de seda, e por isto que sempre acabam enroscados em algum galho de árvore. Mas você nunca viu uma tartaruga enroscada em galho de árvore. Estão sempre fora de enroscos por não se meterem a voar, por serem pesadas e ficarem sempre junto ao chão. Somos prudentes. Voar é perigoso por exigir leveza e fragilidade. Isto é coisa que fascina as crianças. Mas não os adultos. Os adultos são graves. E grave é aquilo que respeita a lei da gravidade, e gosta de ir para baixo. Como eu. Os adultos, quando querem elogiar alguém, dizem que ele é uma pessoa de peso. O contrário do peso? Leveza? Bexiga solta no espaço? Quando se diz que alguém é leviano, isto não é um elogio, é uma ofensa. Leviano, que não leva as coisas a sério, como as crianças. Quanto mais adultas, mais parecidas comigo...

A libélula ia dizer que ser leve é coisa muito gostosa, porque dá sempre uma enorme vontade de rir. Mas se calou, com medo de ser acusada de leviana. A tartaruga não entenderia.

- E há também a necessidade de defesas - continuou a tartaruga. - Veja o seu

corpo, fino como um palito. O bico de qualquer pássaro pode cortá-lo ao meio. E suas asas? Lindas e fracas. Veja agora a minha carapaça. Nem martelo consegue quebrá-la. Você é mole; eu sou dura. Moles são as crianças, os palhaços, os poetas, os artistas. Duros são os generais, os banqueiros, os policiais, as pessoas importantes. Quando as crianças deixam de ser libélulas para se tornarem tartarugas (também eu já fui libélula), os grandes dizem que elas ficaram maduras. Mas é erro de ortografia: o que querem dizer é que ficaram armaduras. Coisa madura é mole, gostosa, boa de se comer, e se se descuidar apodrece e acaba. Já uma armadura é coisa que vara os séculos. Como eu: impenetrável, constante, sempre a mesma. Digna de confiança. Serei amanhã o que sou hoje. Quanto a você, nem sei onde estará. As coisas leves passam. As duras permanecem. Ninguém diz que Deus é vento ou nuvem. Mas dizem que é rocha e fortaleza. Claro que as armaduras criam

certos problemas. Fica difícil brincar. Fica complicado pular corda, nadar, abraçar... Mas este é o preço da sobrevivência".

Mas as coisas não são tão seguras quanto parecem.

O tempo e a água havia feito crescer, sobre a dura pedra em que se encontrava a tartaruga, uma lisa-escorregadia camada de limo. E um mísero quase invisível mosquitinho entrou distraidamente no seu nariz - o que provocou um enorme espirro na tartaruga. Tão grande que ela escorregou e caiu, casco prá baixo, perninhas prá cima. Se fosse uma libélula ou coisa mais leve, teria sido fácil desvirar. Mas ela era pesada demais. Ficou presa de suas próprias defesas. Às vezes as armaduras se transformam em armadilhas. E lá ficou ela, indefesa, até que alguém a levou e a transformou em sopa deliciosa.

A libélula então voou, ao sabor do vento, feliz de que ela fosse assim, sem armaduras, tão leve e tão frágil...

POR QUE O HOMEM DESTRÓI A NATUREZA?¹

Acusar a humanidade inteira como responsável pela destruição do planeta é cometer o erro de generalizar demais, colaborando para ocultar e manter impunes os verdadeiros

¹ Textos extraídos do Almanaque Santo Antonio, 1990.

agressores. O poder não está distribuído de maneira igual, portanto também não pode ser igual a responsabilidade pelo seu mau uso.

Os brasileiros, por exemplo, não decidiram que o Brasil deveria deixar de investir na erradicação da miséria de sua população, para tornar-se o primeiro exportador de armas do Terceiro Mundo. O povo seguramente iria preferir investimentos que garantissem mais casa, comida, educação, saúde e trabalho ao invés de mais armas para matar outras pessoas. Acusar o povo brasileiro por uma decisão desta é cometer o erro gravíssimo de manter impunes as pessoas que decidiram, em nome dos brasileiros, sem estar verdadeiramente autorizadas para isso. E assim acontece em todo mundo hoje. Uma minoria está tomando decisões por todo mundo e, o que é pior, estas decisões nem ao menos são justas, pois não visam beneficiar o povo do planeta, mas privá-lo ainda mais de sua dignidade, segurança e qualidade de vida, apenas para que uns poucos possam continuar mantendo seus privilégios de riqueza e poder.

Vilmar Berna

(Texto de seu livro "Pai, o que é Ecologia?")

ECOLOGIA

O que é ecologia? É o estudo sobre a casa. Oikos em grego quer dizer casa onde moramos. Trata-se aqui da grande casa onde mora a família humana. O teto é o céu, o assoalho é a terra e as paredes são o horizonte infinito. Por isso, quando você ouve falar de ecologia, pensa na grande casa que devemos cuidar para ser um lugar gostoso de se viver.

Dentro de nossa casa há muitas coisas necessárias. Mas o mais importante são os moradores. A mulher que zela pela limpeza e arrumação, o homem que traz a comida, as crianças que perfumam e alegram. A água de nossa cisterna deve ser limpa, o ar renovado e os bichos domésticos no seu lugar. Mas é o morador que faz o sentido da casa. É por isso que a tristeza

invade a alma, quando a gente vê aqueles casarões sempre fechados. Falta vida, falta gente, são casas abandonadas.

Quando você luta e se preocupa com a ecologia, pense primeiro nas pessoas. Gente é a coisa mais importante na luta ecológica. É importante brigar por rios limpos, ar puro, árvores acolhedoras, por animais em extinção. Mas não se esqueça da qualidade de vida do homem. E qualidade de vida só é possível com salários justos que atendam às necessidades de comida, habitação, saúde, educação e lazer. A ecologia é uma cruzada romântica para salvar florestas e animais, mas é sobretudo uma luta política para que o homem tenha condições de viver, se reproduzir e morrer com dignidade.

Deus, quando criou o homem, o colocou num jardim de delícias. Deus sempre pensou na melhor moradia para a gente. Veio, porém, o demônio da ganância, da acumulação, do egoísmo e estragou tudo. Vamos refazer o jardim, mas vamos sobretudo viver dentro de casa como irmãos, sem inveja, opressão e ressentimento.

José Pedro de Alcântara
Petrópolis, RJ

ECOLOGIA

Chegam machados e tratores à selva densa. Tombam jacarandás, castanheiras, perobas, jatobás, cedros, angelins, angicos, jequitibás. Depois o fogo lambe e devora tudo, orquídeas raras e filhotes de onça pintada. A clareira está aberta, ergue-se a casa humana, começa a cultura do campo. Primeiro, o homem entrou na floresta. Sentiu-se ameaçado por ela. Com sua

engenhosidade enfrenta-a e doma-a em sua força primitiva. Agora, ele tem de iniciar com ela um relacionamento amoroso, de respeito e troca mútuos.

Há poucos lugares no mundo que permanecem intocados, virgens, como saíram da mão do criador. Por toda parte, a terra foi domesticada e o homem a está recriando a seu gosto e medida. Recompõe-lhe florestas, rejuvenesce-lhe a pele, alisa-lhe rugas, purifica-lhe as águas, embeleza-lhe o rosto com flores e jardins. O homem não quer a terra como fera bravia, nem como escrava explorada, mas como companheira, mãe e namorada.

Se a gente nutre com a natureza uma relação amorosa, cultivamos com ela também uma relação política. Quando você ouve falar em ecologia, procure saber sempre que sonhos, interesses e sentimentos se escondem atrás das palavras e projetos. Deus criou a natureza para servir e melhorar a vida do homem, sobretudo dos pobres. Este é o critério de julgamento. Todo o empreendimento que prejudique a vida de posseiros, índios e seringueiros não merece nosso apoio. Foi por esta causa que Chico Mendes foi assassinado. A saúde, a cultura, a alegria humanas, principalmente de caboclos e índios, valem mais que o lucro, as leis de mercado, a segurança nacional e os juros da dívida externa. A vida de uma aldeia de posseiros vale mais que todo o ferro de Carajás e a cultura de uma tribo de índios mais que toda tecnologia de Tucuruí. O futuro não se contrói sobre a morte dos pobres e o destino de um povo não será alcançado matando-lhe as raízes culturais. De que adianta uma nação ganhar o dinheiro de todos os bancos do mundo, se deixar que morra a alma de qualquer de seus filhos?

José Pedro de Alcântara
Petrópolis, RJ

ECOLOGIA

A vida na terra é um rio. Começou há 3,5 bilhões de anos como um filete invisível. Micróbios se agitam no perdido dos tempos até formar organismos mais complexos que vão se entrelaçando num abraço cada vez mais complexo. No auge da trama da vida surge o animal que pensa - o homem.

A gente é apenas um elo, um ponto da longa corrente que vem de noite profunda. Em nós deságua a vida em todos os seus estágios: a primitiva, a mineral, a vegetal, a animal para coroar na espiritual. O salmo 8 diz que o homem foi feito um pouco inferior a um ser divino e foi coroado de glória e esplendor. Ele é o rei da natureza. Mas não um rei tirano que domina, castiga, tortura. É um rei benevolente, amigo, serviçal. Ele se sabe membro do grande corpo da terra e ligado à grande corrente da vida. De mãos dadas com o polvo, o macaco, o cipó da floresta e o véu das estrelas, ele dança a ciranda da vida.

Um velho sábio pele-vermelha alertava no século passado um grande chefe branco: "Tudo que fizeres à terra, farás aos filhos da terra, porque tudo está relacionado entre si, numa rede invisível. Se envenenares o ar, se sujares os rios, se abrires criminosamente o ventre da terra para saciares tua ganância, estarás destruindo a tua própria morada e preparando um leito fétido onde morrerás abandonado pela terra que te gerou e pelos animais que em vida afrontaste. Ama e respeita a terra e a vida, como Deus as ama e respeita. Assim poderás viver e morrer entre os teus com alegria e ser recolhido com piedade ao seio dos antepassados".

Amar a vida e a natureza é amar-se a si próprio. Se o ar, a água e a terra morrerem, morreremos com eles. Os sonhos e o futuro morrerão também para nossos filhos.

José Pedro de Alcântara
Petrópolis, RJ

Bibliografia: Textos extraídos do: Almanaque Santo Antonio, 1990.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 06
HARMONIA DOS OPOSTOS

TEMA 6: HARMONIA DOS OPOSTOS

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

A vida redonda em opostos. Tudo o que nós valorizamos ou desvalorizamos, tudo o que decidimos, o que desejamos é sempre uma opção por um elemento, por um pólo de um par de oposto. Todas as dimensões espaciais e direcionais são opostos. Todas as coisas que consideramos sérias e importantes são um pólo de um par de opostos: bem e mal; vida e morte; prazer e dor; Deus e Satã; liberdade e escravidão. Assim, também nossos valores sociais e estéticos são sempre colocados em termos de opostos: sucesso e fracasso, bonito e feio, forte e fraco, inteligente e obtuso. Até nossas mais altas abstrações baseiam-se em opostos. A lógica, por exemplo, preocupa-se com o verdadeiro e o falso; a *epistemologia*, com a aparência e a realidade; a ontologia, com o ser e o não ser. O nosso mundo parece ser uma grande coleção de opostos.

Entretanto a natureza ao que parece, nada sabe desse mundo de opostos no qual as pessoas vivem. A natureza não cria rãs verdadeiras e rãs falsas, nem árvores morais e árvores imorais, nem oceanos corretos ou oceanos incorretos. Não há vestígio algum na natureza de montanhas éticas e montanhas antiéticas. Tampouco existem coisas como espécies bonitas e espécies feias - pelo menos não para a natureza que fica feliz em produzir todos os tipos. A natureza não reconhece o que os seres humanos imaginam ser erros.

É verdade que algumas das coisas que denominamos "opostos" parecem existir na natureza.

Existem rãs grandes e pequenas, árvores grandes ou pequenas, laranjas maduras e laranjas verdes. Mas isso não parece ser um problema para ela. Podem até existir ursos bobos e ursos espertos, mas isso não parece afetá-los muito.

A vida e a morte existem na natureza mas nela não parece existir as dimensões aterrorizantes a ela atribuída entre os humanos.

Embora a dor e o prazer apareçam de fato no mundo da natureza, eles não são fontes de preocupação.

Nós, humanos pensamos ou dizemos que a natureza é boba. Estamos agora redescobrimo a natureza ou olhando-a com outros olhos e constatamos que a natureza é muito mais esperta do que imaginamos. Afinal, ela também produziu o cérebro humano, sua verdadeira obra prima.

Segundo o livro do Gênesis, uma das primeiras tarefas de Adão foi dar nome aos animais e plantas existentes na natureza. Sem dúvida a parte crucial de seu trabalho foi o processo de classificação propriamente dito. Deveria ele traçar uma linha limítrofe mental entre os diversos tipos de animais, pois apenas ao fazer isso é que poderia conhecer completamente os diferentes animais e, portanto, dar-lhes um nome. Iniciou-se assim a construção de linhas divisórias mentais ou simbólicas. Este foi o primeiro cartógrafo, o primeiro demarcador ou diagramador da natureza.

Este primeiro mapeamento da natureza foi tão bem sucedido que até hoje, passamos boa parte do tempo de nossas vidas traçando limites. Toda decisão que tomamos, cada ação nossa, cada palavra nossa é baseada na construção, consciente ou inconsciente, de limites.

É bastante óbvio que, dos incidentes sem importância às grandes crises, das pequenas decisões aos grandes negócios, das leves preferências às paixões ardentes, nossas vidas são um processo de traçar limites.

Fato peculiar acerca de um limite é que, por mais complexo e rarefeito que ele seja, ele de fato define apenas um interior e um exterior.



Os limites dentro e fora não existem em si, até traçarmos o limite do círculo. É a própria linha limítrofe que cria o par de opostos. Assim, traçar limites é produzir opostos. A razão pela qual vivemos num mundo de opostos é precisamente porque a vida como a conhecemos é UM PROCESSO DE TRAÇAR LIMITES.

Vivemos num mundo de conflitos e opostos porque vivemos num mundo de limites. Como toda linha de limite é também uma linha de batalha, eis aqui uma dificuldade humana: quanto mais firmes os limites de uma pessoa mais entrincheiradas serão suas batalhas. Quanto mais me agarro ao prazer, mais necessariamente temo a dor. Quanto mais busco a bondade, mais me atormenta o mal. Quanto mais procuro o sucesso, mais tenho horror ao fracasso. Quanto mais me apego à vida, mais temo a morte. Quanto mais valorizo algo, mais me atormenta sua perda. A maioria dos nossos problemas são problemas de limites e dos opostos que eles criam.

Nosso modo habitual de tentar resolver esses problemas é tentar erradicar um dos opostos. Com o problema do bem e do mal tentamos exterminar o mal. Em filosofia lidamos com opostos conceituais, tentando descartar um dos pólos ou tentando reduzi-lo ao outro. O materialista tenta reduzir a mente à matéria, enquanto o idealista tenta reduzir a matéria à mente. Os monistas tentam reduzir a pluralidade à unidade, os pluralistas tentam explicar a unidade com a pluralidade.

O fato é que sempre tendemos a tratar o limite como real, manipulando os opostos criados pelo limite. Raramente questionamos a existência do limite. Devido ao fato de acreditarmos que o limite é real, imaginamos firmemente que os opostos são irreconciliáveis, separados, para sempre apartados.

Supomos que a vida seria perfeitamente desfrutável se simplesmente pudéssemos erradicar todos os pólos negativos e indesejados dos pares de opostos. Muitos concebem o paraíso como o local onde estão acumuladas todas as metades positivas dos pares de opostos e o inferno é o local das metades negativas ao invés de transcendência de todos os opostos.

Isolar os opostos e depois se fixar nas metades positivas parece ser uma característica distintiva da civilização ocidental progressista - sua religião, sua medicina, sua indústria.

A raiz de todo o problema é a nossa tendência de considerar os opostos como irreconciliáveis, como completamente separados e divorciados uns dos outros. Até mesmo os mais simples dos opostos, tais como comprar e vender são considerados como dois acontecimentos diferentes e separados. É verdade que comprar e vender são num certo sentido diferentes, mas também são - e essa é a questão - completamente inseparáveis. Comprar e vender são dois extremos de um único acontecimento, isto é, a transação comercial propriamente dita. Embora os dois extremos da transação sejam "diferentes", o acontecimento simples que eles representam é único e o mesmo. O que chamamos "sujeito" e "objeto" são, como comprar e vender, apenas dois modos diferentes de abordar um único processo.

Assim, todos os opostos compartilham uma mesma identidade implícita.

O fato de que todos os opostos - tais como massa e energia, sujeito e objeto, vida e morte - se identificam a ponto de serem perfeitamente inseparáveis ainda parece inacreditável para a maioria de nós. Mas isso é porque aceitamos como real a linha limítrofe. A função das linhas limítrofes é separar e também unir. As linhas juntam e unem tanto quanto dividem e separam. Há uma enorme diferença entre uma linha e um limite.

Todos os opostos surgem simultaneamente e mutuamente. Como o côncavo e o convexo:

SUJESTÕES DE AULAS

"Se a dualidade é uma ilusão, então a unidade não será estabelecida. Ambas possuem seus valores e, sem dualidade, a unidade não tem substância. Ambas são naturais, ambas são verdadeiras. Essa é a natureza do mundo. Como luz e escuridão, as contradições existem, estão lá. O polo norte está lá, como também está o polo sul".

Maharishi

OBJETIVO

Refletir sobre o movimento natural da vida (dia e noite, alegria e tristeza) e entender a necessidade da existência dos opostos e sua integração.

TÉCNICAS

Força e fraqueza

Formar grupos de 5 alunos, um fica no meio da roda e deixa o corpo mole (pés firmes no chão), cair para frente, para trás e para os lados (João Bobo). Os colegas o recebem com segurança e conduzem o aluno para lá e para cá, apoiando-o todo o tempo.

O professor enfoca o sentido da amizade, da confiança e da entrega.

Competitividade, cooperação

O professor deverá trabalhar com os alunos de forma que eles experienciem estas duas formas e percebam como o cooperativismo pode ser agradável e útil.

SUGESTÕES DE AULA

Tema: Um ramo, duas flores¹

Idéia central: "Minha mente, como o ramo, é uma só, mas as suas atitudes, como as flores, podem ser diversas, segundo as circunstâncias: felicidade e sofrimento. A mente é um feixe de desejos que produz alegria e sofrimento".

REFLEXÃO

Alegria e tristeza dependem da minha mente apenas. Para tirar a prova não me resta senão experimentá-lo.

A nossa mente tem suas raízes no coração e está representada por um ramo do qual nascem duas flores. Imaginamos que este ramo produz duas flores: uma que sorri, a mente positiva; outra que chora, a mente negativa.

Trata-se de um exemplo que demonstra a dualidade da mente por meio da qual sentimos e visualizamos a realidade circundante, feita de opostos, de diferentes enquanto desafios intrigantes que guardam em seu bojo a complementaridade e daí a harmonia. Entender esta dialética é viver a vida mais criativamente e de maneira despreendida.

Como se apresenta esta dinâmica dos opostos? Já observou um pêndulo ou um balanço?

A energia mental, que tem sua fonte no coração, produz na sua parte superficial o movimento pendular: direita-esquerda, positivo-negativo, adiante-atrás, sem parar. Olhando mais amplamente observamos: noite-dia, sol-chuva, frio-calor, terra-céu, masculino-feminino, força-fraqueza, violência-doçura... e assim adiante. Uma dimensão evoca seu contrário complementar

¹ Fonte: CRAXI, A.; SYLVIE. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". Uberaba: Pierópolis, 1944. p. 40, 41.

afirmando ou negando. Há o oposto complementar, há o oposto que normalmente permanece oposto: bem-mal, paz-guerra, saúde-doença... Contudo também destes opostos é possível tirar lições de vida.

ATTITUDE DE VIDA

Deus é harmonia, para alcançá-la preciso unificar minha mente e meu coração, numa oferenda agradecida feita dos pequenos gestos e atos do meu dia-a-dia. Assim percebe-se o crescimento em direção à unidade, ao equilíbrio, à pureza do coração, à paz de espírito e ao encantamento. Tudo depende de conquistas, mas vale a pena.

O ADULTO DO ANO 2000

O educador olha para seus educandos e questiona:

- "O adulto do ano 2000

Espanto ou Primavera do Amor?

Triunfo do Ser Humano ou ruína da humanidade?"

E dos educandos dos anos 70-80-90, clamam:

- "Senhos, salva-nos!"

SALMO pelo ano 2000 !

Senhor,
eis-nos diante
do mundo que criamos,

e de Ti, Mestre,
de quem o poder de ensinar herdamos,
Sentimo-nos,

envergonhados de nossas consciências em
fragmentos

frágeis e com nossos corações em pedaços.

Perdão,

pela natureza violentada,

pelas flores assassinadas,

pelos rios envenenados,

pela bomba atômica,

pela máquina,

pelo homem automatizado de nossas

décadas.

Ajuda-nos a criar o mundo

humano e habitável

no ano 2000

Arranca-nos: - da acomodação

- da asfixia do coração

- da insuficiência do amor

Inspira-nos mais a sanar os males da educação,

que a querer os sucessos obter.

Inspira-nos mais ao compromisso com o adulto

do futuro,

que com os louros do presente.

Inspira-nos mais a semear

que a querer colher.

Faze de cada dia,

a vida inteira,

que na esperança e nos desafios,

sejamos irmãos,

irmãos sem fronteiras,

Que a tua bondade floresça,

na justiça e na paz.

Que a civilização hoje, martirizada

pelo ódio, pela violência, pelo poder e pelo

aparecer,

desabroche num mundo novo.

Que as crianças do Ano 2000

Nasçam na esperança

Cresçam na paz,

vivam na luz,

que hoje os educandos descobrem em nossas

escolas.

Sustenta-nos,

para que acreditemos num mundo

novo,

para que continuemos assumindo o

Ensino Religioso,

como o desafio, não apenas dos 22

anos da ASSINTEC,

mas como o vislumbrar de uma Nova

Aurora!

A M É M

- TEXTOTECA -**RETORNO AO CENTRO - CONHECIMENTO DA VERDADE***Bede Griffiths*

Quem sou eu então? Deixe-me tentar dar uma resposta. Eu sou esta pessoa aqui sentada, meditando. Estou cômico de mim sentado, a pensar e meditar. Meu corpo ocupa espaço em minha cela, olha para as flores no jardim e os pássaros que cantam, e ao mesmo tempo estou cômico da minha mente...

Mas eu sou muito mais que isto. Tenho uma longa história, agora de mais de 80 anos em que meu corpo e mente passaram por inúmeras mudanças. Meu corpo formou-se originalmente de um óvulo e esperma no ventre de minha mãe, e estas sementes formaram-se da matéria que entrou em circulação de meu pai e mãe proveniente do mundo exterior. Meu corpo é plasmado da matéria do universo, e por meio dele estou ligado às estrelas mais remotas no tempo e espaço. Meu corpo passou por todos os estágios da evolução que a matéria vem atravessando há milhões de anos. Eu estava presente quando a matéria primeiro começou a agregar-se em átomos e moléculas, e quando apareceram as primeiras células vivas, passei também por todos os estágios que vão do protoplasma original ao peixe, e das várias formas de animais ao homem.

Se eu pudesse conhecer integralmente, conheceria a matéria e a vida, pois todos eles estão contidos em mim. E em toda esta longa evolução minha mente vem se desenvolvendo com meu corpo. Já havia mente latente na matéria dita inerte, latente na célula viva, que foi surgindo gradualmente até dar consistência humana.

Assim, minha mente como que recapitulou todos os estágios desta consciência humana, desde os estágios mais primitivos até ao de que gozo agora. Mas a maior parte desta mente jaz

enterrada em meu inconsciente. Meu conhecimento consciente é apenas a ponta do iceberg, mergulhado até as profundezas do abismo de que minha existência surgiu.

Como é que eu posso conhecer-me? Não pelo pensamento, pois este só reflete meu consciente, mas pela meditação. A meditação vai além do consciente e penetra no inconsciente. Nela eu me torno cômico do substrato de meu ser na matéria, na vida, na consciência humana. Posso experimentar minha solidariedade com o universo, com a estrela mais remota do espaço exterior e com as partículas mais ínfimas do átomo. Posso experimentar união com todas as coisas vivas, com a terra, com estas flores e coqueiros, com os pássaros e esquilos, com todos os seres humanos. Posso ir além de todas as coisas no tempo e espaço, e descobrir o substrato de onde provêm. Posso conhecer o Pai, a Fonte e Origem, além do ser e não ser, o Uno sem segundo da filosofia indiana. Posso conhecer o nascimento de todas as coisas deste Substrato, sua emergência no Verbo. Surgem não no tempo e espaço, mas eternamente, além do tempo. O verbo é a manifestação do Pai e o SER de todas as coisas - terra, flores, pássaros e outros animais.

(Trecho tirado das páginas 42 e 43).

HOMEM-CÍCLICO

O homem é terra, barro, água, lodo, pó... bagaço
poeira, pedra, pau, pasta, resto... só batume
areia, cal, cimento, tijolo, ferro... construção e aço
fraqueza, feto, temor, pudor, fedor... morte e perfume.

O homem é poço seco, rio, musgo... pleno de mistério
olho d'água, capim, verme, resto, recomeço... mundo
dor, Tabor, Calvário, amor, suor... esperança e despautério
acerto, lama, visgo, erro... mar profundo.

O homem é choro, riso, primavera... estilo
toco, louco, soco, sufoco, velhice... metagênese e grito
noite, sol, vapor, calor, energia, menino... outono e frio
nuvem, guerra, vento, azul, cor e paz e céu infinito.

O homem é cloro, cálcio, carne, casca... bronze e argila
fruto, caroço, polpa, semente... morte e escuridão de breu
mal, sabor, ressurreição... vida verde e clorofila
bem, flor, jardim, palmeira, canário... canto de Deus.

O homem é caminho, ninho, dúvida, pensamento... encanto imensurável,
afago, paixão, afeto, ódio, confiança e ciúme
ponta, lasca, reboque, toque, proteína... massa reciclável
música, silêncio, metamorfose... poesia e vagalume.

O homem é sopro, salto, precipício, passagem, brisa... vento nos cabelos
broto, pétala, inconsciência, salto, pasmo, cisco... precipitação e espinho
pernas, pés, cabeças, túnel, tudo, nada, mergulho... pulo e cotovelos
estrelas, espanto, infinito, cometa, queda, vôo livre, fé, viagem...

eterno passarinho.

CAVALGADA

Botei sela na poesia
 prá cavalgar as estrelas
 e no rabo do cometa
 eu fui fazendo careta
 para as estrelas que choviam.

Vi que as crinas Via-Lácteas
 estavam todas intactas
 na palma da minha mão
 e de repente e aos pinotes
 ali perdi meu chicote
 e me acordaram no chão.

VIAGEM

Saltei na cacunda do vento
 na agilidade dum gato
 e chacoalhei todas mangas
 e derrubei as pitangas
 no trilho estrito do mato.

Saltei na cacunda do vento
 prá assobiar para os tocos
 e pra você no terreiro
 eu sacudi o coqueiro
 e derrubei todos cocos.

Saltei na cacunda do vento
 se quiser venha comigo

derrubar as grevilhas
 e derrubar as ervilhas
 e derrubar todo o trigo.

Saltei na cacunda do vento
 e ondulei o riacho
 fiz bolhas na cachoeira
 e do seu pé de roseira
 despeniquei todo o cacho.

Saltei na cacunda do vento
 e soprei pó do caminho
 fiz estourar as taquaras

arranquei penas de araras
e girei redemoinho.

Saltei na cacunda do vento
mas não virei furacão

soprei apenas de leve
pois a minha vida é tão breve
pra pôr desgraças no chão.

Saltei na cacunda do vento

só prá secar seu suor
e por este mundo afora
saí chutando as amoras
jogando pólen de flor.

Levei na cacunda do vento
seu barquinho de papel
fiz chover lá no sertão
inflei de sonho um balão
puxei sua pipa pro céu.

A CIGARRA E AS FORMIGAS

Monteiro Lobato

I - A FORMIGA BOA

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu - *tique, tique, tique...*

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? - perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

- E que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

- Eu cantava, bem sabe....

- Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

- Pois entre amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Fonte: RERY, A.; et. alii. *Ponto e contraponto português: homem ser social*. São Paulo: Editora do Brasil, 1990, v. 2, p. 103.

MIKAI KAKÁ

Era uma vez um índio de cabelo liso e preto, cor de pele diferente, olhos espertos, chamado Mikai Kaká.

Vivia com seus pais e irmãos na aldeia do povo Maxacali, no vale do Mucuri, às margens do rio Umburanas.

Na "Casa da Religião", sem paredes, coberta com folha de aricana, que ficava no centro da aldeia, os índios mais velhos ensinavam os meninos a rezar, cantar, fazer arco e flecha, matar a caça e pintar o corpo com urucum.

O que Mikai Kaká gostava mesmo era de nadar e mergulhar nas águas do Umburanas.

O dia mal começava a nascer, o sol com a sua metade alaranjada aparecendo, e Mikai Kaká já corria em direção ao rio.

O Umburanas era um rio de água gostosa e de muitos peixes.

Com os olhos esbugalhados debaixo d'água, Mikai Kaká mergulhava e ficava fascinado com a quantidade de peixes que via. Tentava pegá-los todos com as mãos, mas não conseguia nunca. Os peixes n'água são sempre espertos e ágeis.

Um certo dia, depois de muito nadar e mergulhar, descansava Mikai Kaká nas margens do rio quando apareceu um pequeno jacaré de barriga amarelinha.

Os dois conversaram tanto que pareciam amigos antigos. O jacaré ficou sabendo quase tudo sobre o povo Maxacali e Mikai Kaká quase tudo sobre os jacarés, inclusive que eles botam ovos.

Mikai Kaká convidou o pequeno jacaré para morar com ele na aldeia. O jacaré aceitou o convite e tornaram-se amigos inseparáveis.

O jacaré insistia com Mikai que ele só conseguiria fazer uma pesca de muitos peixes com o uso de uma rede.

Todas as vezes que o jacaré dava com o rabo n'água, Mikai Kaká atirava a rede. Aos poucos, a pescaria tornava-se muito farta.

Mikai Kaká pediu a sua mãe que trançasse para ele uma rede de pesca.

No dia seguinte, cedinho, o jacaré foi ensinar Mikai Kaká a pescar no Umburanas. Ele era quem entrava primeiro no rio, batia algumas vezes com o rabo n'água, e pedia para Mikai jogar a rede bem aberta. Depois era esperar um pouco e puxar. A rede voltava cheinha de peixes, que aos saltos brilhavam contra a luz do sol.

Mikai Kaká pulava de alegria e batia palmas para o amigo jacaré, repartia igualmente os peixes com o jacaré, que com fome os comia.

Na aldeia, Mikai distribuía o restante dos peixes entre os índios Maxacali. Nunca faltava peixe.

Hildebrando Pontes

Mikai Kaká

aricana (ou uricana): espécie de palmeira

esbugalhados: muito abertos

fascinado: encantado

urucum: corante vermelho tirado de uma planta

A BORBOLETA E A FLOR

A borboleta voava pelo jardim.

Ela viu uma florzinha branca chorando.

a) - Porque você chora? - perguntou a borboleta.

b) - Sou muito infeliz - respondeu a flor. - Estou presa no chão. Não posso respirar o ar fresquinho, nem gozar da luz do sol. O chão é úmido. Cheira mal. Só vejo sombras.

- Ora... ora... não adianta chorar. Vamos dar um jeito nisso.

A borboleta ficou quietinha, pousada na pétala da flor, depois falou:

- O jeito é você ir se esticando... esticando até bem alto. Assim você sai da sombra, da umidade e fica quentinha ao sol.

Assim elas fizeram.

Todos os dias a borboleta ia ajudar a flor a se esticar.

O caule foi crescendo... crescendo...

As outras plantas também ajudaram.

- Encoste em mim que eu seguro você - disse a roseira.

- Enrole seu caule fino no meu galho forte - disse o jasmim.

Com o auxílio de todos do jardim, ela foi crescendo e se enroscando, até que um dia viu o sol.

Ela ficou tão contente! Suas pétalas ficaram vermelhas ao calor do sol.

Continuou crescendo, se esticando, se enrolando, encheu-se de flores vermelhas, transformando-se numa linda trepadeira chamada Primavera.

Esther Peixoto Mello Gonçalves

Elos de esperança, Celiju/FLE

auxílio: ajuda

pousada: parada

trepadeira: planta que sobe e se prende em outras plantas, em cercas ou em grades próprias.

CORUJA

Durante a noite a coruja sai voando silenciosamente, à procura de roedores e outros animais para se alimentar. Por causa desses vôos noturnos e também por seu piado triste, muita gente chega a acreditar que ela traz azar. Na verdade, a coruja é muito útil, pois persegue ratos e outros animais nocivos ao homem.

Essa ave possui ótima visão, principalmente à noite. Seus olhos estão situados na frente da cabeça e não nos lados, como na maioria das aves.

Para fechar os olhos, a coruja levanta a pálpebra inferior, ao invés de baixar a superior, como fazem as demais aves.

Nas suas caçadas, ela utiliza, além dos olhos, também os ouvidos, que são muito aguçados.

A coruja constrói ninhos em tocos de árvores, tetos de habitações altas ou fendas de rochas.

Existem corujas em quase todo o mundo. Algumas espécies habitam florestas tropicais, outras vivem em desertos, campos ou mesmo na tundra ártica.

No Brasil, elas geralmente têm penas escuras, manchadas, que se confundem muito facilmente com os troncos e as folhas das árvores.

Supermanual do escoteiro mirim.

aguçados: atentos, vivos

fendas: aberturas estreitas

tundra ártica: tipo de vegetação própria de solos rochosos e muito frios

RAPUNZEL

(para teatro)

PARTICIPANTES:

NARRADOR - menino ou menina que conta a história, sem ser visto(a) pelo público.

PAI DE RAPUNZEL - menino de voz grossa, usando roupa de adulto.

MÃE DE RAPUNZEL - menina com aparência mais séria, usando roupa de gravidez.

BRUXA OU FEITICEIRA - menina vestida de forma adequada.

RAPUNZEL - menina loira, de cabelos bem longos. Deve ser simpática e carinhosa.

PRÍNCIPE - menino vestido de forma adequada.

CENÁRIO - caracterizar dois ambientes: uma floresta e a casa (sala, cozinha e quintal) dos pais de Rapunzel. Na floresta, deve aparecer uma torre com uma pequena janela.

NARRADOR - Era uma vez um casal que queria muito ter um filho. Um dia, a mulher teve esperanças de que Deus ia realizar seu sonho. Nos fundos de sua casa morava uma feiticeira que tinha grande poder. A casa da feiticeira tinha uma horta, cheia de lindos legumes e ervas. Tudo

era cercado por um grande muro e ninguém ousava transpô-lo. Uma tarde, a mulher teve um desejo. Ela queria muito comer beterrabas da horta da feiticira.

MÃE DE RAPUNZEL (aflita, falando consigo mesma) - O que eu faço, meu Deus! Estou morrendo de vontade de comer aquelas beterrabas.

NARRADOR - O desejo foi aumentando dia a dia e a mulher começou a enfraquecer, ficando pálida e muito doente.

PAI DE RAPUNZEL (mostrando-se muito preocupado) - Que é que você tem? Por que está assim tão abatida?

MÃE DE RAPUNZEL (falando com voz rouca e fraca) - Ah! Se eu não comer algumas daquelas beterrabas que estão na horta da vizinha, tenho certeza de que morrerei.

PAI DE RAPUNZEL (pensando e falando consigo mesmo) - Antes que minha esposa morra, vou pegar algumas daquelas beterrabas, custe o que custar.

NARRADOR - Ao anoitecer, o homem pulou o muro, apanhou apressadamente umas beterrabas e levou-as para casa. Sua mulher fez logo uma salada e comeu-a inteirinha. Estava tão gostosa que, no dia seguinte, ela desejou, mais do que nunca, comer outras beterrabas. Novamente o homem pulou o muro e apanhou algumas beterrabas. Quando ia voltar, parou horrorizado; a bruxa surgiu à sua frente.

BRUXA (falando alto e muito brava) - Como ousou pular o muro e roubar minhas beterrabas? Você pagará bem caro por essa ousadia.

PAI DE RAPUNZEL (tremendo de medo) - Deixe-me explicar. Não sou um ladrão, apenas queria satisfazer o desejo de minha esposa, que vai ter um filho. Se eu não satisfizesse o desejo dela, acho que morreria.

BRUXA (falando mais calma) - Ah, se o caso é este, permito que leve quantas beterrabas ela quiser, mas imponho uma condição.

PAI DE RAPUNZEL (perguntando assustado) - Que condição é essa?

BRUXA - Você deverá entregar-me a criança que sua mulher vai ter. Essa criança vai ser tratada; cuidarei dela como verdadeira mãe.

NARRADOR - O homem, horrorizado, sem saber o que fazer, acabou concordando. Quando nasceu o bebê, a bruxa apareceu e levou-o consigo. Era uma linda menina, que recebeu o nome de Rapunzel. Logo que a menina completou doze anos, a feiticeira levou-a para uma torre na floresta. Na torre não havia escadas e nem portas. Bem no alto havia uma única janela, por onde a bruxa se comunicava com a menina. A menina tinha cabelos bem longos.

BRUXA (gritando) - Rapunzel! Rapunzel! Jogue sua trança.

NARRADOR - A menina atirava a trança pela janela. A bruxa subia, como se a trança fosse uma escada. O tempo foi passando e Rapunzel, naquela solidão, cantava para exercitar sua voz e não sofrer muito. Um dia, aconteceu que o filho do rei, passeando pela floresta, passou perto da torre e ouviu uma canção muito bonita. Ele ficou tão maravilhado que quis logo subir na torre, mas não encontrou porta, nem escada. Voltou para casa. Mas aquela voz tinha chegado ao seu coração. Retornou à floresta, viu a bruxa aparecer e gritar.

BRUXA - Rapunzel, jogue sua trança.

PRÍNCIPE (escondido atrás de uma árvore e falando consigo mesmo) - Se isto é a escada por onde se sobe, eu também tentarei minha sorte.

NARRADOR - No dia seguinte, ao escurecer, o jovem príncipe foi até a torre e fez o mesmo que a feiticeira.

PRÍNCIPE (gritando) - Rapunzel, jogue sua trança.

NARRADOR - O jovem subiu até a torre. Rapunzel ficou, a princípio, assustada, mas o rapaz falou-lhe como amigo. Ela, então, contou sua história. O príncipe disse que ouviu sua canção e tinha ficado encantado. A partir desse encontro, eles ficaram muito amigos. Até que um dia o príncipe pediu-a em casamento.

PRÍNCIPE (segurando a mão de Rapunzel) - Eu gosto muito de você. Quer casar comigo?

RAPUNZEL - Eu aceito sim. Não sei como descer daqui. Traga-me, todos os dias, uma meada de seda e com ela tecerei uma escada. Quando estiver pronta, descerei e você me levará embora.

NARRADOR - A feiticeira não sabia do encontro dos dois, mas, um dia, Rapunzel fez-lhe uma pergunta meio estranha.

RAPUNZEL - A senhora é mais pesada do que o filho do rei?

BRUXA (gritando, com muita raiva) - Ah! Menina malvada. Pensei que tinha separado você do resto do mundo e você me enganou.

NARRADOR - A bruxa cortou as tranças de Rapunzel, tirou-a da torre e a levou para o deserto, onde a deixou só e infeliz. Quando o príncipe apareceu na torre teve uma surpresa.

PRÍNCIPE - Rapunzel, jogue sua trança.

NARRADOR - A bruxa jogou-lhe as tranças de Rapunzel e ficou aguardando.

BRUXA (rindo) - Ah! Não esperava encontrar-me aqui, não é? Fique sabendo que nunca mais você verá Rapunzel. Levei-a para um lugar onde ninguém a encontrará.

NARRADOR - O jovem príncipe ficou desesperado e atirou-se pela janela da torre. Não morreu, mas caiu sobre uns espinhos que lhe atingiram os olhos, deixando-o cego. A partir desse dia, ficou vagando sem rumo pela floresta. Certa vez, muito cansado, parou para descansar sob uma árvore. De repente, ouviu uma canção. Era a voz de Rapunzel. Ele seguiu em direção à melodia. Aproximou-se e Rapunzel logo o reconheceu.

RAPUNZEL (chorando e rindo ao mesmo tempo, abraçando o rapaz) - É você, meu amor!

PRÍNCIPE - Rapunzel, que bom que a encontrei.

NARRADOR - Enquanto se abraçavam e choravam, duas lágrimas de Rapunzel caíram nos olhos do príncipe e, imediatamente, ele voltou a enxergar.

PRÍNCIPE (segurando a mão de Rapunzel) - Eu estou vendo tudo tão claro! Vamos Rapunzel, vamos juntos para o palácio.

NARRADOR - Os dois foram recebidos com muita alegria no palácio. Uma grande festa de casamento foi realizada e os dois nunca mais se separaram.

Lídia Maria de Moraes,
adaptação para teatro.

MARIA PAMONHA

Certo dia apareceu na porta da casa-grande da fazenda uma menina suja e faminta. Nesse dia deram-lhe de comer e de beber. E no dia seguinte também. E no outro, e no outro, e assim sucessivamente. Sem que as pessoas da casa se dessem conta, a menina foi ficando, ficando, sempre calada e de canto em canto.

Uma tarde, os garotos da fazenda perguntaram-lhe como se chamava, e ela respondeu com um fiozinho de voz:

- Maria.

E os garotos, às gargalhadas, fecharam-na numa roda e começaram a debochar dela:

- Maria, Maria Pamonha, Maria, Maria Pamonha...

Uma noite de lua cheia, o filho da patroa estava se arrumando para ir a um baile, quando Maria Pamonha apareceu no seu quarto:

- Me leva no baile? - pediu-lhe.

O jovem ficou duro de espanto.

- Quem você pensa que é para ir dançar comigo! - gritou. - Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma cintada?

Quando o rapaz saiu para o baile, Maria Pamonha foi até o poço que havia no mato, banhou-se e perfumou-se com capim-cheiroso e alfazema. Voltou para casa, pôs um lindo vestido da filha da patroa e prendeu os cabelos.

Quando a jovem apareceu no baile, todos ficaram deslumbrados com a beleza da desconhecida. Os homens brigavam para dançar com ela, e o filho da patroa não tirava os olhos de cima da moça.

- De onde é você? - perguntou-lhe, por fim.

- Ah, eu venho de muito, muito longe. Venho da cidade de Cintada - respondeu a garota.

Mas o rapaz a olhava tão embasbacado que não percebeu nada.

Quando voltou para casa, o jovem não parava de falar para a mãe da beleza daquela garota desconhecida que ele vira no baile. Nos dias que se seguiram, procurou-a por toda a fazenda e pelos povoados vizinhos, mas não conseguiu encontrá-la. E ficou muito triste.

Uma noite sem lua, dez dias depois, o jovem foi convidado para outro baile. Como da primeira vez, Maria Pamonha apareceu no seu quarto e disse-lhe com sua vozinha:

- Me leva no baile?

E o jovem voltou a gritar-lhe:

- Quem você pensa que é para ir dançar comigo! Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma espetada?

Logo que o jovem saiu, Maria Pamonha correu para o poço, banhou-se, perfumou-se, pôs outro vestido da filha da patroa e prendeu os cabelos.

De novo, no baile, todos se deslumbravam com a beleza da jovem desconhecida. O filho da patroa aproximou-se dela, suspirando, e perguntou-lhe:

- Diga-me uma coisa, de onde é você?

- Ah, ah, eu venho de muito, muito longe. Venho da cidade de Espetada - respondeu a jovem. Mas ele nem se deu conta do que ela estava querendo lhe dizer, de tão apaixonado que estava.

Ao voltar para casa não se cansava de elogiar a desconhecida do baile. Nos dias que se seguiram procurou-a por toda a fazenda e pelos povoados vizinhos, mas não conseguiu encontrá-la. E ficou mais triste ainda.

Uma noite de lua crescente, dez dias depois, o rapaz foi convidado para outro baile. Pela terceira vez, Maria Pamonha apareceu em seu quarto e disse-lhe com aquele fiozinho de voz:

- Me leva no baile?

E pela terceira vez ele gritou:

- Quem você pensa que é para ir dançar comigo! Ponha-se no seu lugar! Ou quer levar uma sapatada?

Outra vez Maria Pamonha vestiu-se maravilhosamente e apareceu no baile. E outra vez todos ficaram deslumbrados com sua beleza. O jovem dançou com ela, murmurando-lhe palavras de amor e deu-lhe de presente um anel. Pela terceira vez ele lhe perguntou:

- Diga-me uma coisa, de onde é você?

- Ah, ah, ah, eu venho de muito, muito longe. Venho da cidade de Sapatada.

Mas como o rapaz estava quase louco de paixão, nem se deu conta do que queriam dizer aquelas palavras.

Ao voltar para casa, ele acordou todo mundo para contar como era bela a jovem desconhecida e, no dia seguinte, procurou-a por toda a fazenda e pelos povoados vizinhos, sem conseguir encontrá-la. Tão triste ele ficou que caiu doente. Não havia remédio que o curasse nem reza que o fizesse recobrar as forças. Triste, triste, já estava a ponto de morrer.

Então Maria Pamonha pediu à patroa que a deixasse fazer um mingau para o doente. A patroa ficou furiosa.

- Então você acha que meu filho vai querer que você faça o mingau, menina? Ele só gosta do mingau feito por sua mãe.

Mas Maria Pamonha ficou atrás da patroa e tanto insistiu que ela, cansada, acabou deixando.

Maria Pamonha preparou o mingau e, sem que ninguém visse, colocou o anel dentro dele.

Enquanto tomava o mingau, o jovem suspirava:

- Que delícia de mingau, mãe!

De repente, ao encontrar o anel, perguntou surpreso:

- Mãe, quem foi que fez este mingau?

- Foi Maria Pamonha. Mas porque você está me perguntando isso?

E antes mesmo que o jovem pudesse responder, Maria Pamonha apareceu no quarto, com um lindo vestido, limpa, perfumada e com os cabelos presos.

E o rapaz sarou na hora. E casou-se com ela. E foram muito felizes.

Verónica Uribe

Contos e lendas de amor.

O PINTINHO QUE NASCEU QUADRADO

(Primeira parte)

Num certo galinheiro, vivia um galo e muitas galinhas...

O galo cantava cedinho e acordava todo o galinheiro.

As galinhas passavam o dia todo a ciscar, ciscar... Aquilo não tinha fim. Parecia que aquelas galinhas só viviam para ciscar. Mas havia outro motivo, é claro. Elas botavam ovos.

Muitos ovos. E assim corria a vida no galinheiro: o galo a cantar, as galinhas a ciscar e a botar ovos. Só.

Porém, havia uma jovem galinha, a Carola, que parecia se chatear muito com aquela vida. Ela não ciscava tanto quanto as outras. Às vezes, encostava-se na grade e ficava olhando, olhando... Ninguém sabia o que ela olhava.

Esta galinha cresceu e chegou a sua época de botar ovos. Era costume no galinheiro todos prestarem atenção no primeiro ovo que uma galinha botasse. E, afinal, chegou o grande dia. Carola retirou-se para o canto mais sossegado do galinheiro e foi botar o seu ovo. Porém, em vez de mostrá-lo, ela ficou ali, quietinha, sem dizer nada a ninguém. Ficou pensativa...

As outras galinhas ficavam em volta dela e diziam ao mesmo tempo:

- Vamos, deixe a gente ver o seu ovo...

- É grande?

- É amarelo?

Carola, tímida, saiu de seu ninho e mostrou:

- Oh, não é possível!

- Um ovo... quadrado?

- Como?

Num instante, todos ficaram sabendo da espantosa novidade e foi convocada uma reunião urgente, porque eles achavam que alguma coisa deveria ser feita, imediatamente:

- Não podemos deixar ovos quadrados aqui conosco - dizia uma galinha.

- Estragaria a nossa reputação - dizia outra.

- E o que é que os vizinhos vão pensar? - cacarejava outra.

- Eu bem que desconfiei que Carola ainda nos traria problemas - disse uma outra galinha, muito invejosa.

Armou-se tamanha confusão no galinheiro que não se entendia mais nada do que diziam.

O PINTINHO QUE NASCEU QUADRADO

(Segunda parte)

O galo era o juiz, e, como tal, tomou a palavra:

- Silêncio! Silêncio! Calem o bico que eu vou falar.

Pigarreou e, depois, falou:

- Distinto público, a situação é grave. Todos concordamos não poder aceitar tal coisa no nosso querido galinheiro. Tragam aqui a mal-educada, quero dizer, a Carola.

Algumas galinhas mais assanhadas foram logo buscar a Carola.

O galo foi logo dizendo:

- Não precisa ficar com medo, minha jovem.

- Eu não estou com medo - disse ela.

Mas, embora Carola fosse uma galinha muito corajosa, não pôde evitar que seus joelhos tremessem.

O juiz continuou, em voz alta:

- Você não tem culpa de ter botado um ovo quadrado. Nós não iremos desprezá-la por isso, desde que você jogue fora o seu ovo, só isso, e viveremos felizes para sempre.

- O quê? - gritou Carola furiosa. - Jogar fora o meu ovo? Nunca, ouviram bem? Nunca.

N-U-N-C-A. NUNCA!

Depois disso, Carola foi correndo proteger o seu frágil ovo quadrado e continuou falando:

- Eu gosto muito do meu ovo, do jeito que ele é. E não vou me separar dele.

As outras galinhas ficaram muito nervosas, uma delas até desmaiou - e o galo, como juiz, bateu com o martelo no caixote, com bastante força, para chamar a atenção geral e disse:

- Muito bem, Carola será considerada uma galinha desordeira. Já que não quer aceitar o regulamento, será expulsa. Nunca mais porá os pés aqui neste galinheiro! De acordo?

A aprovação foi geral. Carola teve que aceitar a decisão. Arrumou as suas coisas, agasalhou bem o seu ovo quadrado e foi embora.

Regina Chamlian,

O pintinho que nasceu quadrado.

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

TEMA 07
A MORTE, SINAL DE VIDA

TEMA 7: MORTE, SINAL DE VIDA

1. SUBSÍDIOS PARA O PROFESSOR:

A idéia da morte, o temor a ela, perseguem a pessoa humana como nenhuma outra coisa. Ela é um dos maiores incentivos da atividade humana - atividade em grande parte destinada a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la, negando de algum modo o destino final do homem.

O homem é o único dos seres vivos que passa a vida inteira com medo de morrer. Este medo o persegue mesmo nos dias mais felizes.

"A criança que tem boas experiências maternas formará em si, um sentimento de segurança básica. Ao crescer e entender racionalmente a morte (com a idade de nove ou dez anos), aceitará esta como parte de sua visão de mundo, mas a idéia não envenenará sua atitude de auto confiança diante da vida", segundo alguns psicólogos da atualidade.

Há quem afirme que "o medo da morte é natural e está presente em todos. Ninguém está imune por mais que possa disfarçar. Alguns dizem que a morte é a aniquilação da consciência; outros com igual confiança, que a morte é a passagem da alma ou da mente para uma outra dimensão da realidade.

Para Ernest Becker (autor de "A negação da morte") o medo da morte tem de estar presente por trás de todo o nosso funcionamento normal, para que o organismo esteja armado para a auto-conservação. Mas o temor da morte não pode estar presente constantemente no funcionamento mental de uma pessoa, pois do contrário, o organismo não funcionaria.

Todas as religiões históricas dedicaram-se com especial empenho à questão da sobrevivência da espécie humana. As respostas por elas elaboradas são diferentes. Para os

cristãos, a resposta é a ressurreição. Tradições orientais sustentam pareceres diferentes. Alguns falam em reencarnação, outros em transmigração.

A resposta a essa pergunta é uma questão de fé que deve ser elaborada a partir da opção confessional - familiar do aluno, saindo, portanto, da competência do professor. Em outras palavras: não é da alçada do professor induzir, sugerir ou impor uma posição determinada por mais que esta lhe pareça correta.

Para Leonardo Boff (escritor de "Vida para além da Morte") a morte se apresenta como a situação por excelência privilegiada de vida, na qual o homem irrompe uma inteira maturação espiritual, onde a inteligência, a sensibilidade, a vontade, a liberdade podem, pela primeira vez, ser exercidas em sua plena espontaneidade sem os condicionamentos exteriores e as limitações inerentes à nossa situação no mundo.

"No momento da cisão entre o tempo e a eternidade, o homem determina o seu destino.

Ninguém é empurrado para o céu ou enxotado para o inferno.

Deus não prepara emboscadas para o homem.

O juízo final começa já em vida.

A decisão final é a floração daquilo que o homem semeou e deixou crescer na vida.

No momento da morte o homem se abre ou fecha totalmente para aquilo que em vida se abriu e se fechou. "

Falar sobre a morte, viver situações relativas à morte direta ou indiretamente nos coloca em confronto com a perspectiva de "nossa própria morte".

Existencialmente a morte permanece um dos maiores mistérios da vida. No aqui e agora, "a morte confere um caráter de seriedade à existência". Como afirma Simone de Beauvoir: "O que foi feito foi feito, não pode ser retomado, nem retocado. Sem este termo, a existência tornar-se-ia um brinquedo, sem alguma seriedade, nem profundidade, sem verdadeira seriedade".

Face à experiência da morte estamos colocados diante de nossas responsabilidades: o sentido da vida individual e coletiva, os problemas da humanidade e as nossas relações com a natureza, pois juntos com ela morremos e vivemos novamente numa miríade de transformações e criações. Aqui encontra-se também a dimensão religiosa e transcendente da morte.

Em suma, como nos lembra Francisco de Assis, a morte é a nossa irmã, no sentido de um parentesco cósmico de Esperança, rumo à moradia do infinito, aonde nos espera o Face-a-Face com o Inefável.

SUGESTÕES DE AULA

1. PONTO DE PARTIDA

Iniciar propondo aos alunos a observação da natureza, possivelmente levando-os num lugar apropriado ou criando em sala de aula um ambiente ecológico utilizando cartazes, ilustrações... outros.

Questionamentos iniciais:

- Como ficam as árvores? Folhas, flores, frutos, sementes... A que ponto se encontram? Para onde vão? Há um recomeçar: vida; há um morrer para viver novamente. Como acontece o ciclo da vida na natureza? E no ser humano, o que observamos? Há notícia de um nascimento? Alguém morreu?

- O significado das estações:

Primavera: florescer, desabrochar, crescer, florir...

Verão: amadurecer, frutificar, produzir, gerar vida...

Outono: amadurecimento interior, perda do externo e valorização do interior...

Inverno: tempo de recolhimento, reflexão sobre as experiências acumuladas, preparação para uma nova vida.

- O significado das etapas humanas: nascimento, infância, adolescência, juventude, vida adulta, velhice: Qual é a primavera, verão, outono e inverno da nossa vida humana? Em que estação vocês se encontram?

2. REFLEXÃO

Analisar que não é só uma questão de idade cronológica, mas de visão de vida, de mundo, da natureza. Trata-se de uma condição da realidade... é um processo de vida-morte, morte-vida contínuo.

Morte: passagem para uma nova vida, transformação, necessária à vida. Todos os povos, através de seus ritos de despedida dos seus mortos (índios, egípcios...) demonstram a espera de vida nova.

3. APROFUNDAMENTO

Vejamos a fita: MORTE - O último limite biológico

FB - 04 - Telecurso 2º grau.

Debate sobre a fita.

- Vida Morte: leitura do poema: "A Lenda do Amor"
- Debater o texto,
- Levantar os tipos de mortes e vida, no texto e na vida real;
- Produzir a sua lenda de amor ou um poema à vida como este:

"Vida - energia que
dorme na semente
renasce na planta
viaja na flor
e triunfa no futuro! -

Amélia Schneiders

4. EXPANSÃO CRIATIVA

Distribuir sementes para que cada aluno possa levá-las para casa e plantá-las, simbolizando assim a festa da vida que recomeça e se expande.

Cantar cantos que falem da vida, de acordo com a turma.

Adaptação da:

Contribuição do SER/Campo Mourão

A LENDA DO AMOR

Era uma vez o amor...

O amor morava numa casa assoalhada de estrelas

e toda enfeitada de sóis.

Mas não havia luz na casa do amor,

porque a luz é o próprio amor.

E uma vez o amor queria uma casa mais linda para si.

- Que estranha mania esta do amor!

E fez a terra,

e na terra fez a carne,

e na carne soprou a vida,

e na vida imprimiu a imagem da sua semelhança.

E a chamou de homem.

E, dentro do peito do homem, o amor construiu a sua casa,

pequenina, mas palpitante,

inquieta, insatisfeita com o próprio amor.

E o amor foi morar no coração do homem

e coube todinho lá dentro

porque o coração do homem foi feito do Infinito.

Uma vez...

O homem ficou com inveja do amor.

Queria para si a casa do amor, só para si.

Queria para si a felicidade do amor,
como se o amor pudesse viver só.

E o homem sentiu a fome torturante
e comeu!...

O amor foi-se embora do coração do homem.

O homem começou a encher seu coração:
encheu-o com todas as riquezas da terra, e
ainda ficou vazio.

E o homem, triste, derramou suor para ganhar
comida.

(Ele sempre tinha fome).

E continuava com o coração vazio.

E uma vez...

Resolveu repartir o seu coração inútil

com as criaturas da terra.

O amor soube...

Vestiu-se de carne e veio também
receber o coração do homem.

Mas o homem reconheceu o Amor e o pregou
na cruz (numa).

E continuou a derramar o suor
para ganhar a comida.

O amor então teve uma idéia.

Vestiu-se de comida, se disfarçou de pão
e ficou quietinho...

Quando o homem faminto ingeriu a comida
o amor voltou à sua casa.

no coração do homem.

E o coração do homem se encheu de plenitude.

SER/CERICAM

(De autor desconhecido)

- TEXTOTECA -

JUÍZO FINAL

Paulo Braga Diniz

- "Pai, acertai-me entre vossos escolhidos..."

- "Assina aqui, filho e fala-me de ti."

- "Pai,

Eu fui político eminente,

Além de excelso professor.

Cursei várias faculdades

E possuí de toda sorte de fortunas.

Muitos títulos eu consegui

Graças à minha rica inteligência...

Privei da classe social mais elevada

E fui Doutor "Honoris Causa"...

Vêde, Pai, que meu currículo

Melhor não poderia ser..."

O Pai, tendo anotado tudo em sua ficha,

Estende-a após ao pretendente, perguntando:

- "Quantas vezes meditastes na desgraça alheia

E socorrestes aqueles que caíram?"

O pretendente, entre surpreso e ainda altivo,

Assim responde:

- "Não sei; talvez nunca, mas,

Isso é importante?"

- "Sim, filho, e tanto, que por isso, hás de apagar

Uma de tuas qualidades antes mencionadas.

E apaga outra

Se nunca em tua grandeza

Trataste os subalternos com justiça e amor...

E ainda outra, se em tuas profissões

Fostes desleal para com teus chefes...

E mais, apaga

Se nos cargos em que empossado fostes

Deles te aproveitastes para encher os bolsos..."

O pretendente,

A um dado instante da intensa atividade,

Percebe na sua ficha quase branca

O que restou:

Apenas os rabiscos que assinaram em vida

Tantos cheques, tantos documentos...

Eleva então os olhos, mudo e envergonhado,
Para ouvir do Pai - Pai de Justiça -
- "Apaga agora o que restou,

Rasga tua ficha e lança-a no infinito
Pois, como vês, não exististes".

PARA OS QUE REALMENTE PASSARAM A VIVER

José Wanderley Dias

Não, eu não chorarei os meus mortos
simplesmente porque a morte não existe e a
vida não pára, a vida continua! Não, eu não me
desesperarei ante o que chamam o eterno
adeus: eu sei que a morte é o parto da
eternidade e, nela, a morte é que morrerá!

Não, eu não pensarei sequer que a
saudade será algo feito para que eu pranteie,
para que eu deplore: pelo contrário.

Dentro da saudade haverá a esperança-certeza
de que um dia virá
em que não será mais preciso ter saudade.

Não, eu não pensarei que a vida
é o intervalo entre duas datas
escritas num pedaço de mármore

com letras feitas de cera
e palavras escritas com flores...

Eu não irei para os jazigos
recitar fúnebres monólogos,
compor frases perdidas
que todas rimarão com o nunca mais:

ali, em silenciosa prece,
eu me entregarei ao diálogo
entre vidas que sabem
que irão reunir-se um dia...

Irei falar, é certo,
de uma falta que não foi suprida,
de uma ausência que não foi esquecida,
mas, por isto mesmo, direi tranqüilo

que o que parece despedida é apenas um até a
vista

um até para sempre e um dia...

A tristeza não será um desespero,
o pranto não será sepultura
a lembrança tortura não será,
porque no fundo do ser,
que espera, que confia, que acredita,
há a crença total
de que os olhos que se fecham para a treva
abrir-se-ão de fato para a luz,
de que o fim é apenas o começo real,
de que a morte é a porta da ressurreição.

O lenço que enxugará meu pranto
será todo feito de nuvens,
além das quais existe a vida
vida que não vai para baixo do chão,
vida que não se transforma em pó,
vida que vivem os que para ela se foram
não sabemos quanto tempo antes de nós,
mas para a qual nos encaminhamos
com a serenidade dos que sabem que não estão
se despedindo,
mas preparando o local e o momento
em que o reencontro feliz se dará!

Fonte: Ave Maria, novembro de 1991.

Veja agora a versão belíssima da mesma notícia:

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina

Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrimas
Sentou pra descansar como se fosse sábado

Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um naufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe

Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio de passeio naufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amor daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Chico Buarque de Holanda

SUGESTÕES DE POEMAS

TEMAS

MORTE

VIAGEM

Morrer não existe.

A morte é uma viagem.

Livre da roupagem,

um vôo maior

para o lado de lá.

Poetisa paranaense.

Autora: Laís Miranda

Livro: Vamos nos encontrar na primavera.

(Poemas da autora).

Todo corpo baixa à cova
cumprindo com sua sorte,
mas a vida se renova
n'outro corpo, após a morte.

Poeta Emílio Sounis (Poeta paranaense)

Livro Cantigas de Saudades

CANTIGA DO NAVEGAR

No barco da vida
no barco da sorte,
navego coa vida,
navego coa morte.

Me leva o destino
de sonhos errantes
vagar sem destino,
por mares distantes.

Mas pode que, leve,
se o vento mudar,

meu barco me leve
pra outro lugar.

E venha meu sonho
seu porto encontrar,
nas águas de sonho
dalém deste mar.

Poeta paranaense

Oldemar Justus

no seu livro "A Alma e o Tempo"

Poema do poeta paranaense

Tasso da silveira

Extraído do livro: "Contemplação do Eterno"

11

Seu eu fosse o gnomo da floresta
corria, corria, corria,
sempre adiante do dia,

e lá - longe pararia
para ver o sol nascer.
Depois, outra vez corria,

corria, corria, corria,
passando adiante do dia
para de novo, lá - longe
ver a alvorada nascer.

E assim muitas outras vezes

de modo que, comovido,
dando a volta inteira ao mundo,
visse o mundo sempre novo,
num claro, fresco, profundo,
num perpétuo amanhecer.

Da poetisa Janske Niemann Schlenker
do seu livro de poemas "Deixa que eu chore"

DEIXA QUE EU BRINQUE

Deixa que eu brinque por aí, à toa;
As aves brincam, brinca a ventania...
Brincam as flores com a luz do dia
E a borboleta que por elas voa...

Deixa que eu brinque, ainda que me doa
Ver escapar-se limpida alegria
Do mesmo olhar, cuja inocência via
Em qualquer coisa alguma coisa boa...

Deixa que eu brinque como se, inocente,
Eu não soubesse que viver é queixa,
É choro apenas... E eu só peço: Deixa...

Deixa que eu brinque levianamente,
Como se tudo - a nossa vida inteira -
Jamais passasse de uma brincadeira...

IDEM IDEM IDEM

BUSCA

Eu me busquei na vastidão dos mares,
Nas ondas verdes sempre a marulhar,
Na espuma branca que se esvai depressa,
Mas não me achei na vastidão do mar...

Eu me busquei na imensidão dos ares,
Em cada estrela que me viu passar,
Busquei-me longe, pelo espaço imóvel,
Mas não me achei na imensidão do ar...

Eu me busquei sem entender quem busco
E ao procurar não sei o que procuro,
Porque ânsia cega meu olhar vendou.

E enfim meu passo, tão errante e brusco,
Pára em mim mesma... e sei que o que procuro
É simplesmente descobrir quem sou...

Da poetisa paranaense Vanda Fagundes Queiroz
do seu livro de poemas "Descortinando"

DISPERSÃO

Do estúdio de Deus
veio um anjo.
Andou pela terra,
punhados de estrelas nas mãos,
derramando beleza.

E brotaram as cores
e nasceram as flores
e despontou a nascente
o ar da tarde calma
o pássaro cantante
a réstea de luz

um som

um sussurro

o riso

um momento...

Não sobrou nada

para certos corações!

Colaboração de Roza de Oliveira

Vanda, loáis, Sounis, Aldemar, e Jauske são membros da sala do poeta a qual presido.

Abrços da Roza de Oliveira

RELÓGIO

Diante de coisa tão doída

conservemo-nos serenos.

Cada minuto da vida

nunca é mais, é sempre menos.

Se é apenas uma face

do não ser, e não do ser.

Desde o instante em que se nasce

já se começa a morrer.

Cassiano Ricardo

SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
 Silencioso e branco como a bruma
 E das bocas unidas fez-se a espuma
 E das mãos espalmadas fez-se o espanto.
 De repente da calma fez-se o vento
 Que dos olhos desfez a última chama
 E da paixão fez-se o pressentimento
 E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
 Fez-se de triste o que se fez amante
 E de sozinho o que se fez contente.
 Fez-se do amigo próximo o distante
 Fez-se da vida uma aventura errante
 De repente, não mais que de repente.

Vinicius de Moraes

COMO DIZIA O POETA

Quem já passou por esta vida e não viveu
 Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
 Porque a vida só se dá para quem se deu
 Pra quem amou, pra quem chorou, pra quem
 sofreu
 Ai, quem nunca curtiu uma paixão
 Nunca vai ter nada não

É melhor que a solidão
 Abre os teus braços, meu irmão, deixa cair
 Pra que somar se a gente pode dividir
 Eu francamente já não quero nem saber
 De quem não vai porque tem medo de sofrer
 Ai de quem não rasga o coração
 Esse não vai ter perdão.

Não há mal pior do que a descrença
 Mesmo o amor que não compensa

Vinicius de Moraes

EU E VOCÊ

*Os teus dias estão contados.
 Tu serás pó muito em breve.
 E os sábios nada te ensinam.
 Mas, ao afagares os longos,
 cabelos de tua amada,
 Terás a felicidade.
 A morte fará nascer rosas
 De nossos corpos mortos!*

*Oh! Morte como é amarga tua
 memória!
 Como é rápida tua vinda!*

*Como é duvidosa a tua hora!
 Como é universal a tua sabedoria!
 Termina a vida com ela terminam
 Nossas dores um punhado de terra,
 Algumas flores.
 E às vezes uma lágrima fingida!*

*A morte é o médico dos desesperados!
 A morte é uma dívida que todos
 temos,
 Que pagar!*

ADEUS

A morte é uma coisa triste
 Tristeza que não se explica
 Se é triste para quem parte
 Mais triste é para quem fica.

A morte não é o fim do destino
 Porque passa a humanidade.
 Nascer é sopro Divino

Morrer é eterna saudade.

Quanto após longas peleja
A morte e vida nos furta.
Por mais comprida que seja
Para nós a vida é curta.

Trouxemos-lhe as nossa flores
Que a amizade de provas
Porque somos trovadores
E nossas flores são trovas.

Ao lhe darmos nossos adeus
Com muito amor e saudade
Rogamos ao nosso Deus,
Abrir-lhe o céu com bondade.

Jorge Luiz Candido, 15.08.94

Nasci chorando de um ventre,
Triste com rosto de um réu,
Mas Deus permita que eu entre,
Cantando versos no céu.

No último dia mais brando
Direi num verso rimado
Que entrei num mundo chorando.

E saio dele encantado.

Quem quer que assista ao meu fim,

Na minha tarde sombria

Não chore nunca por mim

Se não com muita ufania

Qualquer pessoa insuspeita

No bem acima do mal

Sabe que Cristo me espreita

Sem este corpo mortal

Se nasci só morro só

Ao tom dos cânticos meus.

Pois o que é pó desce ao pó

E o que é de Deus volta a Deus.

Seja o meu último instante

O do primeiro sentido.

Se sob a campa rasante,

Jaz o meu corpo sofrido.

Jorge Luiz Candido, 15.08.94

VIVA CADA DIA AO MÁXIMO!

Viva cada dia ao máximo
Aproveite tudo que puder,
cada hora, cada dia
e cada época da sua vida.
Assim você poderá
olhar para frente
com confiança
e para trás
sem ressentimentos.
Seja você mesmo
mas o melhor de você mesmo,
atreva-se a ser diferente
a seguir sua própria estrela...
e não tenha medo de ser feliz.
Desfrute do que é bonito

Ame com todo seu coração
e sua alma.
Acredite naqueles que amam você.
Quando estiver a frente de uma decisão,
tome-a tão sabiamente
quanto puder
e depois esqueça-a.
O momento de certeza absoluta
nunca chega.
Além de tudo, lembre-se que
Deus ajuda aqueles que se ajudam.
Comporte-se como se tudo
dependesse de você
e reze como se tudo dependesse de Deus.

Equipe de Ensino
NRE Apucarana

VIDA E MORTE

Se um povo não teme a morte,
Quem pode então governar
Com pena de morte?

Mas, se teme a morte,
Quem ousaria cometer crime de morte?
Há sempre um juiz que decreta

E execute pena de morte.

Mas, se qualquer um se arvora

Em juiz sobre a vida e morte,

Quando somente Tao é juiz,

Esse se parece com alguém que,

Em vez de um perito

Que sabe usar o machado,

O usa - e se corta a mão.

EXPLICAÇÃO

Nenhum homem pode dar sentença sobre a vida e a morte, porque ignora tanto esta como aquela. Somente Tao, que conhece a vida e a morte, como sendo uma única realidade bipolar e complementar, sabe que a vida não é o contrário da morte, e esta não é o oposto da vida. Mas, para os ignorantes, deve haver leis sobre a vida e a morte.

Quem é inocente? Quem é culpado?

ENFIM TE ENCONTRO

Um dia me perguntaram

Se em Deus eu acreditava

Eu então lhes respondi

Da maneira que eu pensava

Entre a lua e as estrelas

Num galope, num tropel

Pisando nas nuvens brancas

Eu vi Deus passar no céu

Todo dia existe Deus

Num sorriso de criança

No canto dos passarinhos

Num olhar, numa esperança

Na harmonia das cores,

Na natureza esquecida

Na fresca aragem da brisa

Na própria essência da vida

No regato cristalino

Pequeno servo do mar

Nas ondas lavando as praias

Na clara luz do luar

Na escuridão do infinito

Todo ponteadado de estrela

Na amplidão do Universo

No simples prazer de vê-las

No segredo dessa vida

No germinar das sementes

Nos movimentos da terra

Que gira incessantemente
 No orvalho sobre a relva
 Na passarada que encanta
 No cheiro que vem da terra
 E no sol que se levanta.
 Nas flores que desabroçam
 Perfumando a atmosfera.
 Nas folhas novas que brotam
 Anunciando a primavera.
 Deus é a paz, a esperança
 É o alento do aflito
 É o criador do Universo.
 Da luz, do ar, do infinito
 Deus é a justiça perfeita
 Que emana do coração
 Ao perdoar quem o ofende.
 Ele é o próprio perdão
 Será que você não viu
 O rosto calmo de Deus

No colorido mais belo
 Dos olhos dos filhos seus
 Eu sei que não me enganei
 Em tudo que lhes dizia
 Deus é paz, Deus é amor
 Deus é eterna poesia
 Deus é constante, é perene
 É divinal de tal sorte
 Que sendo a essência da vida
 É o descanso da morte
 Não há ida sem volta
 E nem a volta sem ida
 A morte não é morte
 É só a porta da vida
 No ciclo da natureza
 Nesse ir e vir constante
 No broto que se renova
 Na vida que segue adiante
 Em que semeia a bondade

Em quem ajuda o irmão
 Colhendo felicidade
 Cumprindo sua missão
 No suor de quem trabalha
 No calo duro da mão
 No homem que planta o trigo
 No trigo que faz o pão
 Você pode sentir Deus
 Pulsar em seu coração

*"Deus lhe
 deu talento
 a vida lhes
 nega o meio".*

Novela "Renascer"
 Rede Globo

BOAS VINDAS*Caetano Veloso / Gilberto Gil*

Sua mãe e eu seu irmão e eu
 e a mãe do seu irmão
 Minha mãe e eu meus irmãos e eu
 E os pais da sua mãe
 E a irmã de sua mãe
 Lhe damos as boas vindas
 Boas vindas boas vindas
 Venha conhecer a vida
 Eu digo que ela é gostosa
 Tem o sol e tem a lua
 Tem o medo e tem a rosa

Eu digo que ela é gostosa
 Tem a noite e tem o dia
 A poesia e tem a prosa
 Eu digo que ela é gostosa
 Tem a morte e tem o amor
 E tem o mote e tem a glosa
 Eu digo que ela é gostosa
 Eu digo que ela é gostosa
 Sua mãe e eu seu irmão e eu
 E o irmão de sua mãe.

MORTE E VIDA SEVERINA*João Cabral de Melo Neto*

**O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR
 QUEM É E A QUE VAI**

- O meu nome é Severino,

não tenho outro de pia.
 Como há muitos Severinos,
 que é santo de romaria,
 deram então de me chamar

Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da Serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande
que a custo se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar

algum roçado da cinza.

Mas, para que me conheçam

melhor Vossa Senhorias

e melhor possam seguir

a história da minha vida,

passo a ser o Severino

que em vossa presença emigra.

Melo Neto, João Cabral

Morte e Vida Severina, e outros poemas em

voz alta. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

**ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE
EITO E OUVES O QUE DIZEM DO MORTO OS
AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO**

João Cabral de Melo Neto

- Essa cova em que estás,

com palmos medida,

é a conta menor

que tiraste em vida.

- É de bom tamanho,

nem largo nem fundo,

é a parte que te cabe

deste latifúndio.

- Não é cova grande,

é cova medida,

é a terra que querias

ver dividida.

- É uma cova grande

para teu pouco defunto,

mas estarás mais ancho

que estavas no mundo.

- É uma cova grande

para teu defunto parco,

porém mais que no mundo

te sentirás largo.

- É uma cova grande

para tua carne pouca,

mas a terra dada

não se abre a boca.

O VÔO DO TICO-TICO

Naquele leito enfermo e desamparado, ele estava mais uma vez sorrindo. Sorrindo de nós, curiosos também desamparados.

Embrulhado em tiras de pano, o velho moribundo sorria.

Ali, naquele rancho triste, eu via que todos tinham pena dele, pois sabiam que aquele homem sofrido estava mesmo morrendo; se esvaindo nos poucos, se consumindo, às mínguas, às gotas... se apagando também com... o lampião de querosene, enganchado no esteio do telhado, daquele cubículo desassistido e pobre.

O silêncio era lento.

Na cozinha, rechupando a fala molhada, dona Erminha coava-nos um café pálido.

Seu Jilico parecia querer desafiar sua própria morte; e, continuava depenicando o seu palavreado chocho, falando-nos do seu mundo, num esforço imenso de voz engolida. Assim, talvez ele tentasse entreter, por mais uns instantezinhos, aquele seu corpo já gasto e cansado.

Corpo, fiel companheiro da alma! Alma, poço profundo do corpo!...

Seu Jilico era um lavrador antigo dali. Naquela fazenda, ele criara toda a sua família na honestidade de um cabo de enxada. Agora, era a morte quem vinha pegar na sua mão calejada e capinar sua alma... Logo, aquele menino bom que vivera sempre correndo pelos trilhos e preso no mato pelo umbigo, teria mesmo que voltar, de novo, a mamar nos peitos quentinhos da mãe terra.

Seu Jilico suava sem cor, mas ainda falava-nos do canto do peixe-frito, fazia-nos lembrar do guincho da alma-de-gato... Todos ali, escutavam-no chorando por dentro. Eu filtrava os pensamentos daqueles olhos descorados, daquela voz que ficava cada vez mais fininha, e se arrebatava como pingos d'água... Doia-me demorado.

"Estô... fei... to minho... ca aperseguido por cor... reição de fru...miga".

Talvez ele seria mesmo arrebatado pelas suas saúvas, como uma cigarra alegre e seca, que morrera de tanto ciciar nas mamoneiras da roça.

Eu via que aquele homem rústico estaria mesmo, aos poucos, arrancando pedaços do infinito... se juntando às nuvens de garças, que riscavam branco naquele instante o céu frio daquela tarde abençoada de domingo.

... Choram chafarizes da alma! Abrem todas as porteiras! Escacarem todas as suas traves!
Deixem os bois esfomeados da tristeza pisotear o milharal do peito!...

De repente... todos ficamos mudos.

SEu Jilico também ficou quietinho como um pote d'água.

... E sorrindo, fez-se a eternidade.

Raimundo H. Nogueira

PARA REFLETIR

"Certa vez li sobre uma antiga religião japonesa que comemorava a morte das pessoas e lamentava quando nasciam. Entendiam que o nascimento significava que um espírito infinito fora forçado a assumir um foco finito, enquanto a morte significava a libertação de todos os limites e a liberdade para viver toda a abrangência de possibilidades que Deus oferece.

A vida é uma extensão de energias infinitas, um contínuo de amor que se distribui em incontáveis dimensões, uma experiência psicológica e espiritual independente da forma física. Vivemos e viveremos para sempre".

Marianne Williamson, em: Um Retorno ao Amor.

A VIDA NÃO SE TIRA, MUDA-SE

Danilo Vieiro

Em novembro, entre as muitas datas do calendário, uma, geralmente, não gostamos de lembrar. Muito provavelmente porque não lhe apreendemos o significado profundo ou porque nos assusta ou nos deixa meio sem assunto. Refiro-me ao Dia de Finados.

Interessante que em nosso modo de ser e pensar ocidental aprendemos tudo: a ler, a escrever, a ser alguém na vida, mas não aprendemos a morrer. Isso ninguém nos ensina. Diferente do modo oriental em que a morte caminha ao par e a passo com a vida, como a coisa mais natural do mundo. E, na verdade ela o é. Dentro de nossas conjecturas e incessante procura, a morte é a única verdade absoluta e transparente da qual ninguém pode fugir. Já nos demos conta disso? "Morreu, acabou". "Foi para melhor, descansou". São frases comumente ouvidas. Embora cada um tenha sua idéia sobre a morte, todos a temem. Os que têm fé e os ateus. Os primeiros porque não se julgam preparados, os outros, amando a vida, não aceitam o absurdo da morte.

Há milhares de anos, dizia Jo: "Creio que no último dia me levantei da terra. Esta esperança está no fundo de meu coração".

Como aceitar que a morte põe fim a tudo? E a justiça? Homens há que, neste mundo, oprimem, assaltam e matam, enquanto outros sofrem, são discriminados e não têm qualquer oportunidade. Será que fica tudo por isso mesmo? E a vida do aleijado, do débil mental, dos deserdados deste mundo como é que fica? É um sentimento universal. Todos os povos admitem uma justiça superior, insubornável, após a morte, não importando o nome que se lhe dê. Se não, para que e por que ser correto, justo e honesto? - perguntava o profeta Davi. E o mesmo respondia: "A justiça de Deus dá a cada um o que ele merece".

São Paulo Apóstolo afirma: "Se não há ressurreição, se tudo acaba com a morte, então os cristãos são os mais infelizes dos homens porque tudo fazem em função de uma outra vida". E na literatura da Missa de Finados proclama-se: "a vida não é tirada, porém mudada". Com efeito, a morte não pode ser o fim de tudo. O homem é um ser composto de corpo e alma. O corpo é matéria, corruptível, é natural que tenha um fim. A alma, qualquer que seja sua definição, é uma, indivisível, sem células, não sofre a ação dos elementos. É espiritual, por isso não pode morrer. O que morre é o corpo, importa que ele se prepare. Se Deus existe, a alma é imortal e lhe prestará contas um dia. Na pior das hipóteses. Deus é uma crença lógica, sublime, superior a todas as filosofias, a única capaz de tornar a vida nesta terra mais humana e suportável.

Mas, pelo certo, pelo duvidoso, Deus será sempre o sentido da vida humana até que a morte revele o enigma e confirme a fé, pois, "a vida não é tirada, porém mudada".

**PORQUE CALAR SOBRE A MORTE?
DELA PODEMOS APRENDER
A VIVER MAIS MODERADOS E CONTENTES**

O outono chegou. Eu noto na horta, nas árvores e nos bosques.

Eu o sinto no ar e nos próprios membros. O verão se foi irrevogavelmente. Nada pode deter o outono. No entanto, o outono é tão belo e rico em cores! As últimas alegrias da vida são mais silenciosas, porém mais profundas. Por isso espero, tranqüilo, a chegada do outono.

A SEMENTE NÃO VÊ A ESPIGA

O destino dos que geram a vida é precisamente que vão morrer nisso. Tal acontece com a semente do trigo, com a da batata, com cada semente, da qual nasce nova vida. Elas morrem, são alijadas e olvidadas. Assim a pessoa sensata há de lembrar-se sempre de que tudo que produz vida, morre e é silenciosamente rejeitado e se torna dispensável. Reconciliar-se com esta situação é a verdadeira arte de viver, pois nessa reconciliação, no pleno consentimento a esse morrer, está escondido o fruto mais rico, o fruto de uma profunda alegria de viver.

**UM MUNDO, UM PAÍS
COM ROSTO HUMANO:
O ROSTO DO AMOR!**

Quando as luzes dos homens se apagam e o alarde do mundo emudece, descobrimos as estrelas, escutamos o silêncio. Há estrelas na noite que nunca vimos. Quando escurece ainda um pouco mais, elas reluzem. A esperança nasce, uma saída aparece, porque você vê mais longe. E você olha novamente para o alto.

**QUANDO A CRISE TIVER ESCURECIDO TUDO, OS FILHOS
DA LUZ ACENDERÃO AS ESTRELAS**

Os homens conduzem homens à luz, a um novo estilo de vida: homens que se deixam libertar da ganância e do ódio. Homens que não acreditam mais nas armas. Homens que se contentam com o pouco que têm e encontram tempo para as coisas que nada rendem. Homens que não precisam de palácios para viver felizes nem de carteira volumosa de dinheiro para festejar. Homens que contemplam a beleza das flores, ouvem o gorjear dos passarinhos, brincam como crianças e adormecem numa poltrona. Homens amáveis com muita luz em casa, em aldeias e cidades.

Todos nós precisamos de uma nova primavera, de uma primavera do espírito e do coração. É o caso daquele jovem que me escreve que está praticamente morto, porque sua vida perdeu o sentido; daquele homem que não encontra mais paz junto à esposa e aos filhos; daquela mulher que pensa em suicidar-se, porque não acha ninguém que precise dela e por quem possa viver... Enfim, dos muitos que não encontram alegria e, em lugar disso, compram prazeres como gasolina para o automóvel.

Estamos fartos do nosso conforto, entorpecidos! Devemos levantar-nos com um novo espírito e um novo coração. Não com a ajuda da farmácia, com suas pílulas e drágeas, mas com a ajuda dessas misteriosas forças que dormitam no fundo do coração de cada pessoa. Se você está morto em cada alegria, cada amor e felicidade, se você não consegue mais acreditar em si mesmo e nas pessoas, então experimente pôr de lado tudo que é feio, triste, venenoso, sombrio e purifique-se a si mesmo!

Levante-se da noite do seu desânimo e canção de viver para a manhã radiante de sol, repleta do canto dos passarinhos e do perfume das flores. Desperte do sono hibernar, de sua vida lúgubre para uma nova primavera! Levante-se! Deus escreveu "ressurreição" em cada folha de cada árvore. Portanto, certamente também em seu pobre coração humano.

Todos nós estamos no mesmo barco.

Devemos todos viajar juntos.

REDESCOBERTA DA VIDA

De onde viemos, para que viemos, para onde vamos?

São perguntas que freqüentemente nos assaltam e, na grande maioria das vezes, preferimos ignorá-las, considerando que tais reflexões têm a mesma natureza daquelas que envolvem a discussão do "sexo dos anjos".

Entretanto, nada é mais essencial à nossa própria existência do que refletir e buscar respostas para tais perguntas.

Num diálogo do filme intitulado "A Estrela", um dos personagens, desencantado com a vida, não via qualquer sentido na sua existência. O outro, tomando um punhado de areia nas mãos disse:

- "Veja este punhado de areia - cada grãozinho é pequeniníssimo. Especialmente se você olha para as estrelas do céu. Entretanto, eles são de uma enorme importância - ainda que não saibamos qual esta importância - pois, assim como as estrelas, jamais existiriam se não fossem assim tão importantes. E se eles, assim tão pequenos, são tão importantes, o que se dirá de você pessoa humana?"

Todos somos importantíssimos, pois se não o fôssemos, jamais teríamos sido criados, jamais ocuparíamos um espaço tão importante como é este que cada ser humano ocupa no Cosmo, mais especificamente no Planeta Terra!

Mas apesar disso, como compreender que tantas pessoas não atinem com esta verdade tão incrível? Certamente porque se recusam a buscar respostas para aquelas três perguntas tão fundamentais em nossa vida: - de onde viemos, para que viemos, para onde vamos?

Diante de acontecimentos políticos, econômicos e sociais tão deprimentes ou desesperadores, o homem olha em torno de si e não encontra razão para viver, sequer encontra-se a si próprio para justificar-se como ser presente e ocupante de um vital espaço no Universo.

Nestas circunstâncias preocupa-se em buscar uma solução para livrar-se de tudo, abandonar questionamentos sufocantes, libertar-se da opressão da própria realidade do ser. Por isto acabamos por aceitar a morte como sendo essa solução.

Entretanto, isso não corresponde à realidade. Nossas decisões não transformam o falso em verdadeiro, não criam realmente o inexistente.

A morte é o fim de tudo? É voltar-se para o nada? É a aniquilação total do ser humano?

Ao nos referirmos à "extinção do indivíduo" - sua morte, preferimos falar da extinção da vida física, espaço temporal do indivíduo. Assim procedemos porque não vemos correção em se situar a morte como extinção do "indivíduo". O ser humano não se extingue. Ele se transforma, da mesma forma que se transformou ao nascer.

A história mostra, e nela devemos ler nossa realidade, que o homem, na sua mais antiga forma conhecida - o homem de Neanderthal - já tinha consciência intuitiva da transcendência do ser humano. Entre os animais mortos, dava sepultura unicamente aos seus semelhantes. E, mais que isso, enterrava seus mortos acompanhados de objetos de uso pessoal, deixando implícita a clara mensagem de que acreditava em uma existência posterior, já que se preocupava em proporcionar aos que morriam condições para prosseguir sua vida em outras dimensões.

E, em toda história do mundo, desde as mais antigas civilizações, os rituais religiosos e funerários ocupavam parte importantíssima em suas atividades resultando disto as inúmeras obras de arte e literatura encontradas nas ruínas hoje descobertas.

A religião, cujo significado é "religar", ou seja, religar o temporal ao a-temporal, o espacial ao a-espacial, o material ao espiritual, sempre foi um elemento indispensável à própria existência do homem.

Mesmo quando materializado, voltado exclusivamente para obtenção do "ter mais", ele sente dentro de si a chama do transcendental, cedendo por vezes pequenos espaços para superstições e amuletos, que nada mais são do que manifestações dessa transcendentalidade que o incomoda porque não é respeitada, que o alcança especialmente nos sofrimentos e nas dores, porque aí ele se vê diante de total fragilidade do homem-matéria, cultivado no dia-a-dia, porém tão vulnerável, tão destrutível, tão perecível.

Passado aquele momento, esquece-se da realidade tocada, fecha os olhos e o coração ao incompreensível e volta-se uma vez mais aos fatos intangíveis com a razão, com a ciência dita exata, com a frágil lógica das sociedades capitalistas e materialistas, e, em outros lados, dos utópicos ideais comunistas. Até que outro momento venha tocá-lo uma vez mais, a chama da transcendência que bruxuleia, enfraquece, mas nunca se apaga no interior de cada um, pois é ela a única força que realmente mantém vivo cada ser humano.

Revista Humanidades

PINGO DE LUZ

Era uma vez um Pingo de Luz que vivia com seu pai no universo. Seu pai era uma luz muito forte.

Pingo de Luz vivia feliz, brincando com as estrelas e os planetas. Pegava carona na cauda de um cometa, escorregava no arco-íris. Pingo de Luz tinha muitos irmãos e irmãs. Seus irmãos iam à escola e ele ficava com uma enorme vontade de ir também.

A escola é um planeta muito grande e bonito. Ele é todo azul e se chama Terra.

Lá de cima ele ficava observando este planeta e sentia uma enorme atração por ele.

Finalmente chegou o dia de Pingo de Luz partir para a escola, foi acompanhado pelo irmão mais velho e juntos escolheram a sua primeira professora. "Ela cuidará de você com muito amor e carinho. Você a chamará de mãe. Pode ir agora", disse seu irmão mais velho.

Pingo de Luz voou direto para a luz azul e rosa que ele havia escolhido. E se encontrou num lugar gostoso... quentinho... fofinho. Uma delícia!

- Como é espaçoso, pensou ele. Aqui tem muita luz, uma luz alaranjada que me faz muito muito bem. Acho que vou me dar bem aqui.

Pingo de Luz estava começando a gostar da escola. Ele ainda não vira o rosto de sua mãe mas já conversa com ela. E ele ficava muito feliz quando ela conversava com ele.

O tempo foi passando, passando. Pingo de Luz gostava muito do lugar onde ele estava. Mas um dia começou a notar que estava ficando apertado.

Ele não entendia o que estava acontecendo. Teve a impressão de que aquele lugar tão gostoso começara a diminuir. Ele já não podia nadar nem boiar como gostava de fazer. E a cada dia ficava mais apertado. Suas costas já estavam bem encostadas na parede e ele já não se sentia tão confortável.

Pingo de Luz não estava gostando nada disto.

- Mas, que chato! Estava tão bom aqui! Eu tinha tudo o que precisava: comida, calor, espaço. Podia boiar, nadar e até ouvir música do coração de mamãe. Podia conversar com ela e tudo estava tão bem! Agora, mudou de repente!

Estão apertando cada vez mais! Que brincadeira boba!

- Parem com isto! gritou Pingo de Luz.

Mas não adiantou nada. Parece que nem o ouviram.

- A coisa está ficando séria, pensou. Acho que estão querendo me expulsar daqui. Mas eu não quero sair. Eu não quero sair!

Socorro! Socorro!

Agora estão me empurrando! Para onde vou? Não vejo nenhuma saída! Puxa vida! E agora? O que vou fazer? Que situação difícil! Estou todo doendo... Não aparece ninguém para me ajudar!

Socorro! Socorro!

É... não tem jeito mesmo... Tenho que me virar... Tenho de achar uma saída!

- Espere... parece que encontrei! Ali está um túnel e lá adiante existe uma luz!

Vou tentar sair por ele. Mas... é tão estreito! Será que vou conseguir?...

Não tenho escolha. Aqui não dá para ficar. Tenho que sair é por ali mesmo...

E lá se foi o Pingo de Luz, retorcendo-se, fazendo força, sendo empurrado mas passando o túnel.

- Consegui! Consegui! gritava Pingo de Luz.

- Que alívio, pensou. Quanta luz aqui fora! Mas, onde estou? Que lugar grande! É bonito!

E eu que pensei que onde eu estava era a escola! Agora sim, acredito estar na escola! Quanta gente para me receber! E como estão alegres! Eu chorei de susto quando cheguei mas agora eu estou alegre também!

Que bobo que eu fui de não querer sair de onde eu estava!

Lá era muito bom, mas aqui parece bem melhor!

Também ninguém me contou que aqui era maior e mais bonito! Nem que eu poderia aprender mais aqui fora.

Aliás, eu bem que já andava desconfiado, pois onde estava era uma escola muito fácil. Eu estava era numa boa vida...

Agora preciso aproveitar bem esta nova escola. Vou iniciar uma vida nova!

Pingo de Luz acabava de nascer!

Que alegria quando Pingo de Luz viu a sua mãe, o seu pai, a sua nova família.

Eles lhe deram o nome de Luiz, que é a mesma coisa que luz. E Pingo de Luz gostou muito de seu novo nome.

Pingo de Luz foi crescendo. Ele brincava com as plantas e conversava com elas. Conheciam e era amigo das fadinhas, que trabalhavam ajudando as plantinhas em seu crescimento. Elas cresciam, davam frutos que alimentavam os homens.

Pingo de Luz conversava com os animais, com a água, com o sol, com as estrelas, com a lua, com a terra.

Ele se sentia unido a tudo e a todos e estava muito feliz. Às vezes dava uma fugida da escola. Pegava uma carona na cauda de um cometa e ia visitar o seu pai, naquela luz muito grande e seus irmãos de luz.

E Pingo de Luz foi crescendo, crescendo e cada vez menos ele via e conversava com seus amiguinhos da natureza.

Tinha deveres a cumprir e andava muito ocupado.

Depois que fez 7 anos, aí que as coisas se tornaram verdadeiramente difíceis.

Aumentaram seus trabalho e quase não tinha tempo para seus passeios.

Foi quando aconteceu uma coisa muito estranha.

Um dia ele chegou em casa e viu que ela estava cheia de gente. Uns choravam, outros gritavam e outros corriam de um lado para o outro.

Ele entrou e procurou por sua mãe.

Ela estava muito triste, com os olhos vermelhos de tanto chorar e lhe disse que o seu irmãozinho tinha ido fazer uma viagem muito longa. E que ele não mais o veria. Pingo de Luz ficou espantado e perguntou:

- Mas para onde ele foi?

- Para o céu! Respondeu sua mãe a chorar.

Aí Pingo de Luz ficou mais espantado ainda. E começou a pensar:

- Se meu irmão foi para o céu, por que toda esta confusão? E por que mamãe está tão triste?

Pingo de Luz sabia que o céu era muito bom e que seu irmão estaria muito bem, junto de seu pai e de todos os seus irmãos luz.

Realmente ele não conseguia compreender. Aí ele escutou alguém falar a palavra "morte".

Seu irmão havia "morrido".

Perguntou o que era aquilo.

Não lhe responderam.

Tornou a perguntar para outras pessoas.

E então lhe disseram:

- Seu irmão foi descansar.

- Mas ele não estava cansado... pensou Pingo de Luz.

- Foi viajar.

- Mas para onde foi viajar? Perguntava para si próprio o Pingo de Luz.

- Papai do Céu o levou porque ele era muito bonzinho.

Ele não via o seu irmão, não sabia onde estava e não conseguia compreender.

Ficou pensando... pensando.

- O que está acontecendo? Perguntava. Eu vim aqui para aprender, no entanto eu faço perguntas e ninguém me responde direito. Acho que eu vou ter de descobrir tudo sozinho...

E então Pingo de Luz começou a observar aquilo que os adultos chamavam de "morte". Mas, toda vez que ele achava que estava descobrindo, em vez de encontrar a "morte" só encontrava a "vida".

E começou a se perguntar: O que é a vida? O que é a morte?

- Engraçado, pensou. Parece que tudo é uma coisa só. Mas, não pode ser. A gente grande tem pavor da morte e no entanto adoram a vida... Não compreendo... mas vou descobrir!

Pingo de Luz observou que a semente é plantada na terra e então brota uma plantinha. Esta plantinha se desenvolve, cresce e vira uma árvore.

A árvore dá flores e as flores ao morrerem se transformam em frutos que vivem em seu lugar.

Depois o fruto cai apodrece e morre, deixando em seu lugar a sementinha que vive. E esta sementinha é enterrada na terra para também morrer dando à vida uma nova plantinha. E tudo começa novamente...

Pindo de Luz ficava pensando:

- Deve ser a mesma coisa com a gente. Por que não? A sementinha é enterrada na terra, vira árvore que dá fruto, que dá nova semente que volta novamente à terra para dar uma nova árvore. Meu irmão veio do universo, ficou aqui na escola terra e deve ter voltado para casa. E deve ser esta volta para casa, que a gente grande chama de "morte". Mas Pingo de Luz não tinha certeza.

O tempo foi passando e Pingo de Luz virou gente grande.

Um dia encontrou uma gota de luz muito luminosa toda cor-de-rosa, que brilhava mais quando estava perto dele.

Pingo de Luz se apaixonou por ela e se casaram. Depois, tiveram muitos Pinguinhos de Luz.

A vida estava ficando difícil para o Pingo de Luz.

Agora ele era gente grande e tinha muitas preocupações e responsabilidades.

Tinha que trabalhar muito para dar comida, roupa, casa e estudos para os seus Pinguinhos de Luz.

Ele já não tinha tempo para brincar, rir, viajar nas caudas de cometas.

Estava tão distante aquele tempo em que ele brincava e conversava com as plantas e os animais.

Às vezes, à noite quando Pingo de Luz dormia, ia visitar o seu pai, aquela Luz muito grande. Conversava com o seu irmão que "havia viajado para longe", escorregava no arco-íris, brincava com as estrelas.

Mas, pela manhã, estava tão preocupado com o trabalho, com a necessidade de ganhar dinheiro que já não se lembrava de mais nada.

Esqueceu-se até de onde veio e de que era um Pingo de Luz!

Foi ficando triste, triste.

Um dia sentiu uma dor forte na barriga.

Foi ao médico e este lhe disse que estava com uma doença muito grave.

Pingo de Luz não acreditou. A vida estava difícil, ele andava muito triste mas não queria morrer. Isto não! De jeito nenhum! E pensou:

- Este médico não sabe de nada. Vou procurar outro mais competente!

Foi não só em outro, mas em muitos outros. E todos diziam a mesma coisa: ele estava com uma doença muito grave!

Pingo de Luz ficou com muita raiva:

- Por que eu? Logo eu que tenho meus filhos para criar! Eu que sou tão honesto e trabalhador! Nunca fiz mal a ninguém! Por que eu?

Mas sua raiva de nada adiantou. Ele piorava a cada dia. O que fazer? Pingo de Luz lembrou-se então de que já ouvira falar em Deus. E pensou:

- Aí está a solução! Dizem que Deus faz milagres. Vou pedir a ele para me curar e em troca vou fazer uma porção de obras de caridade! Vou ajudar a muita gente!

Mas também suas promessas não adiantaram. Sua doença se agravava a cada dia. Pingo de Luz foi ficando cada vez mais triste. Não encontrava uma saída.

E ficou muito triste mesmo. E foi nesta tristeza que ele começou a entender as coisas.

De repente, ele já não estava mais triste.

Compreender que tudo se modifica. Lembrou-se da sementinha que virou árvore, que deu fruto que virou sementinha outra vez. E aceitou que ele iria voltar para o lugar de onde tinha vindo.

Lembrou-se de seus irmãos que voltavam da escola terra, transformados de Pingos de Luz em luz forte, muito bonita e brilhante.

E então ficou tranqüilo. Até gostava da idéia de voltar ao seu pai que era uma luz muito grande e forte.

E o dia da viagem de volta foi chegando.

No dia mesmo, bem na hora da partida, Pingo de Luz teve um pouco de medo. Tudo ficou escuro e ele não via uma saída.

Teve a mesma sensação de quando havia chegado à terra.

Ele não queria sair da barriga de sua mãe, pois tinha medo de perder o conforto e a segurança que lá encontrava.

Agora, ele estava na barriga da Grande Mãe Terra e tinha que sair também. Não tinha outro jeito.

Mas, que surpresa! De repente Pingo de Luz vislumbrou um longo túnel com uma luz forte lá no final. Ele não teve mais medo. Sentia alegria! Entrou quase correndo para dentro do túnel. Este já não era tão apertado como o primeiro e ele não precisava fazer tanta força para sair por ele. Foi bem mais fácil.

E chegou finalmente ao fim do túnel. Que alívio! Que alegria!

Pingo de Luz se viu em um lugar muito maior e muito mais luminoso do que a escola terra.

E lá havia muita gente para recebê-lo. Encontrou seu irmãozinho que havia viajado, parentes, amigos, uma porção de gente! Era uma linda festa e Pingo de Luz estava muito feliz!

PINGO DE LUZ ACABAVA DE MORRER!

Síntese e adaptação da obra de:

D'ASSUPÇÃO, Gislaine M. Pingo de Luz. 2. ed. Petrópolis, RJ, 1984.

O verão fora excepcionalmente ameno. Os dias quentes e compridos eram agradáveis, as noites suaves eram serenas e povoadas por sonhos.

Muitas pessoas foram ao parque naquele verão. E sentavam sob as árvores. Daniel contou à folha que proporcionar sombra era um dos seus propósitos das árvores.

- O que é um propósito? - perguntou a folha.

- Uma razão de existir - respondeu Daniel. - Tornar as coisas mais agradáveis para os outros é uma razão para existir. Proporcionar sombra aos velhinhos que procuravam escapar do calor de suas casas é uma razão para existir. Oferecer um lugar fresco onde as crianças possam brincar. Abanar com as nossas folhas as pessoas que vêm fazer piqueniques, com suas toalhas quadriculadas. Tudo isso são razões de existir.

A folha tinha um encanto todo especial pelos velhinhos. Sentavam em silêncio na relva fresca, mal se mexiam. E quando conversavam era aos sussurros, sobre os tempos passados.

As crianças também eram divertidas, embora às vezes abrissem buracos na casca da árvore ou nela esculpisse seus nomes. Mesmo assim, era divertido observar as crianças.

Mas o verão da folha não demorou a passar.

E chegou ao fim numa noite de outubro. A folha nunca sentira tanto frio. Todas as outras folhas estremeceram com o frio. Ficaram todas cobertas por uma camada fina de branco, que num instante se derreteu e deixou-as encharcadas de orvalho, faiscando ao sol.

Mais uma vez, foi Daniel quem explicou que haviam experimentado a primeira geada, o sinal de que era outono e que o inverno viria em breve.

Quase que imediatamente, toda a árvore, mais do que isso, todo parque, se transformou num esplendor de cores. Quase não restava qualquer folha verde. Alfredo se tornou de um amarelo intenso. Mário adquiriu um laranja brilhante. Clara virou de um vermelho ardente. Daniel estava púrpura. E a folha ficou vermelha, dourada e azul. Todos estavam lindos. As folhas e seus amigos converteram a árvore num arco-íris.

- Por que com cores diferentes se estamos na mesma árvore? - perguntou a folha.

- Cada um de nós é diferente. Tivemos experiências diferentes. Recebemos o sol de maneira diferente. Projetamos a sombra de maneira diferente. Por que então não teríamos cores diferentes?

Foi Daniel, como sempre, quem falou. E Daniel contou ainda que aquela estação maravilhosa se chamava outono.

E um dia aconteceu uma coisa muito estranha. A mesma brisa que, no passado, os fazia dançar começou a empurrar e puxar suas hastes, quase como se estivesse zangada. Isso fez com que algumas folhas fossem arrancadas de seus galhos e levadas pela brisa, reviradas pelo ar, antes de caírem suavemente ao solo.

Todas as folhas ficaram assustadas.

- O que está acontecendo? - perguntaram umas às outras, aos sussurros.

- É isso o que acontece no outono - explicou Daniel. - É o momento em que as folhas mudam de casa. Algumas pessoas chamam isso de morrer.

- E todos nós vamos morrer? - perguntou a folha.

- Vamos sim - respondeu Daniel. - Tudo morre. Grande ou pequeno, fraco ou forte, tudo morre. Primeiro, cumprimos a nossa missão. Experimentamos o sol e a lua, o vento e a chuva. Aprendemos a dançar e a rir. E, depois, morremos.

- Eu não vou morrer! - exclamou a folha, com determinação. - Você vai, Daniel?

- Vou, sim... quando chegar meu momento.

E quando será isso?

- Ninguém sabe com certeza - respondeu Daniel.

A folha notou que as outras folhas continuavam a cair. E pensou: "Deve ser o momento delas." Ela viu que algumas folhas reagiam ao vento, outras simplesmente se entregavam e caíam suavemente.

Não demorou muito para que a árvore estivesse quase despida.

- Tenho medo de morrer - disse a folha a Daniel. - Não sei o que tem lá embaixo.

- Todos temos medo do que não conhecemos. Isso é natural - disse Daniel para animá-la.

- Mas você não teve medo quando a primavera se transformou em verão. E também não teve medo quando o verão se transformou em outono. Eram mudanças naturais. Por que deveria estar com medo da estação da morte?

- A árvore também morre? - perguntou a folha.

-Alguns dias vão morrer. Mas há uma coisa que é mais forte do que a árvore. É a vida. Dura eternamente e somos todos uma parte da Vida.

- Para onde vamos quando morremos?

- Ninguém sabe com certeza. É o grande mistério.

- Talvez não. Mas a Vida voltará.

- Então qual é a razão para tudo isso? - insistiu a folha. - Por que viemos para cá, se no fim teríamos de cair e morrer?

Daniel respondeu no seu jeito calmo de sempre:

- Pelo sol e pela lua. Pelos tempos felizes que passávamos juntos. Pela sombra, pelos velhinhos, pelas crianças. Pelas cores no outono. Pelas estações. Não é razão suficiente?

Ao final daquela tarde, na claridade dourada do crepúsculo, Daniel se foi. E caiu a flutuar. Parecia sorrir enquanto caía.

- Adeus por enquanto - disse ele à folha.

E, depois, a folha ficou sozinha, a única que restava em seu galho.

A primeira neve caiu na manhã seguinte. Era macia, branca e suave. Mas era muito fria. Quase não houve sol naquele dia...e foi um dia muito curto. A folha se descobriu a perder a cor, a ficar cada vez mais frágil. Havia sempre frio e a neve pesava sobre ela.

E quando amanheceu veio vento que arrancou a folha de seu galho. Não doeu. Ela sentiu que flutuava no ar, muito serena.

E, enquanto caía, ela viu a árvore inteira pela primeira vez.

Como era forte e firme! Teve certeza de que a árvore viveria por muito tempo, compreendeu que fora parte de sua vida. E isso deixou-a orgulhosa.

A folha pousou num monte de neve. Estava macio, até mesmo aconchegante. Naquela nova posição, a folha estava mais confortável do que jamais se sentira. Ela fechou os olhos e adormeceu. Não sabia que a primavera se seguiria ao inverno, que a neve se derreteria e viraria água. Não sabia que a folha que fora, seca e aparentemente inútil, se juntaria com a água e serviria para tornar a árvore mais forte. E principalmente, não sabia que ali, na árvore e no solo, já havia planos para novas folhas na primavera.

O começo...¹

¹ BUSCAGLIA, Leo. *A história de uma folha: uma fábula para todas as idades*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- BOFF, Leonardo. Vida para além da morte. Petrópolis: Vozes, 1973.**
- BUSCAGLIA, Leo. A história de uma folha: uma fábula para todas as idades. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.**
- CAPRA, F. et. alii. Pertencendo ao universo. São Paulo: Cultrix, 1994.**
- GHAJ, O. P. Unidade na diversidade: um roteiro para a compreensão da unidade fundamental subjacente às grandes religiões vivas do mundo. Petrópolis: Vozes, 1990.**
- MELLO, Anthony de. O enigma do iluminado. São Paulo: Loyola, 1991.**
- MORAES, Lídia Maria de. É tempo de leitura. São Paulo: Ática, 1993. v. 1, 2, 3, 4.**
- MURDOCK, Maureen. Giro interior. São Paulo: Cultrix, 1994.**
- NERY, Alfredina. et. alii. Ponto e contraponto, português. São Paulo: Editora do Brasil, 1990. v. 2, 3, 4.**
- WEIL, Pierre. A arte de viver em paz. 2. ed. São Paulo: Gente, 1993.**
- SAMPLES, Bob. Mente aberta, mente integral: uma visão holonômica. São Paulo: Gaia, 1990.**
- CRAXI, A.; CRAXI, Sylvie. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". Uberaba: Fundação Pierópolis, 1994.**

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

ANEXO I
SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO CURRÍCULO
BÁSICO DE ENSINO RELIGIOSO

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO CURRÍCULO BÁSICO DE ENSINO RELIGIOSO

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O que se entende por pressupostos teóricos? Entende-se os fundamentos, os princípios, as concepções filosóficas, as idéias mestras que norteiam e privilegiam determinada maneira e determinado estilo, postura, ótica... de uma disciplina, de uma empresa, de uma instituição, de uma sociedade, de um grupo de pessoas, de um certo arranjo de vida, etc.

Dito de outra forma, pressupostos teóricos, são aquelas linhas condutoras que influenciam determinada prática, consciente ou inconscientemente. Dependendo da abrangência pode-se falar em pressupostos filosóficos, no sentido de estarem situados numa constante busca da verdade, ou ideológicos, no sentido de estarem influenciados por alguma intencionalidade e ou perspectiva parcializante, tendenciosa, ambígua, dogmática não abrindo espaço para outras interpretações serenas e igualmente válidas, enquanto contribuições despretenciosas, entretanto, engajadas e responsáveis.

No estudo dos pressupostos teóricos do Ensino Religioso, podemos considerar os seguintes aspectos:

- Evidenciar uma nova postura, uma nova mentalidade mais aberta, um novo espírito que enfatiza avanços, incorporação e abertura para um universo maior e multifacetado da religiosidade, haurindo das tradições espirituais, místicas, culturais, étnicas, filosóficas e jurídicas da humanidade;

- Valorizar diferentes concepções a respeito da Natureza, Mundo, Ser Humano, Sociedade, Transcendência...;

- Destacar a especificidade da contribuição do Ensino Religioso no todo do processo educativo do coletivo escolar e do peculiar-singular da relação professor-aluno;

- Mentalizar que o Ensino Religioso deveria ser encarado e deveria estar voltado sempre para a busca, compreensão e vivências das dimensões humanas, e dos valores fundamentais que as enobrecem; realçar as diferentes componentes da estrutura do ser humano, isto é, espiritual, intelectual, mental, psíquico, emocional, físico... interagindo simultaneamente no cotidiano individual e coletivo das pessoas;

- Apontar para a superação das dicotomias: bem-mal, certo-errado, sagrado-profano, razão-emoção... desvelando o desperdício de energias ao viver de forma estanque trabalho-lazer, estudo-compromissos, política-religião, economia-família, reuniões-comemorações, amizades-doenças, saúde-amor... enquanto momentos desligados, entre si, ao invés de aprender a gerenciá-los e administrá-los criativamente e de forma unificada. O ser humano é um todo que convive e aprimora-se num espírito de convivialidade consigo mesmo, com a sua existência individual-coletiva e pluriforme, com-a-Mãe Natureza e com o universo místico e complexo do Transcendente-Espiritual;

- Ressaltar que fé-utopia, realismo e criatividade, esperança e ação envolvente, amor benevolente e respeitoso, marcam este estar juntos prazeroso e fecundo de caminhantes despreendidos e felizes;

- Observar que professor e alunos buscam juntos, na superação da passividade do receber pronto como se nada lhes dissesse a respeito, cumprindo apenas uma relação de transmissor-receptores atenciosos, mas distantes.

A nosso ver, estes pressupostos que embasam e norteiam o Ensino Religioso devem fazer transparecer o dinamismo de quem busca harmonizar Valores Humanos, percepções,

sentimentos, inspirações, decisões de vida e o seu próprio viver, brotando daquela "centelha" que tudo contagia, eletriza, emociona e encanta... sem demasiadas racionalizações e especulações, pois, quando nossa corporeidade torna-se graciosa, comunica-se, respira, gestualiza numa liturgia mágica, transfigurante... sem proferir uma palavra.¹

Prof. Alberto Allodi

2. ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Enquanto os pressupostos teóricos embasam determinada prática, os encaminhamentos metodológicos garantem sua concretude, realização e apropriação tendo em vista assumir as modificações apontadas.

Tendo por pressuposto a elucidação do significado da dimensão religiosa para a compreensão do ser do homem e do ser da mulher e, não posicionar-se a respeito desta ou daquela forma institucionalizada de religião, faz-se necessário entender como vivenciar a religiosidade no contexto de uma sociedade pluralista sensível ao fenômeno religioso, entretanto acrítico em relação ao mesmo.

Como surge o fenômeno religioso? Como é elaborado pelas diversas culturas? Que significado assume nas diferentes épocas? A que interrogações responde? Que contribuições oferece acerca dos grandes problemas humanos?

¹ Obs: estes subsídios para o estudo do Currículo Básico mínimo, podem ser trabalhados metodologicamente, destacando palavras chaves e idéias principais (ex: consciência, meditação, reflexão, experiência, totalidade, religiosidade, religião, valores humanos...), com o auxílio de textos complementares.

RELIGIOSIDADE

A religiosidade dentro de um sistema de mente integral e aberta, enquanto processo dinâmico e complexo, sempre sujeito a novas reelaborações que ocorrem em determinadas fases da evolução das civilizações, pode ser captada no cotidiano, por meio da observação sob a orientação do docente de Ensino Religioso, a fim de que o aluno se aproprie do conhecimento que o leve a vivenciar consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com a transcendência, a dimensão da religiosidade de forma mais consciente e efetiva.

Através da apreensão dos conteúdos apresentados pelo professor de Ensino Religioso e, por meio de vivências significativas, o aluno vai compreendendo o fenômeno religioso como algo global-totalizante, que atinge todas as áreas da vida social e todos os aspectos e dimensões da vida, envolvendo o espiritual, o intelectual, o mental, o emocional, o intuitivo, o místico e o imaginário.

Pela observação das relações entre colegas de sala, entre adultos, pelos fatos sociais e os temas propostos, levar o aluno a experienciar na ótica da religiosidade um sentido transcendente face à todo o humano, questionado: o que é melhor? Como podemos ser diferentes e acolher a diferença do outro? O que podemos fazer para modificar a nós mesmos e o ambiente circundante? Despertar deste modo, no aluno, um sentido profundo do sagrado que envolve toda a realidade.

CONTEÚDOS

Ao trabalhar os conteúdos, o professor terá presente que os alunos constatem que a essência da religiosidade vivencia-se nos valores humanos fundamentais da humanidade, acima de interesses e pressões de partes.

Quando o professor e alunos analisam, questionam, pesquisam, produzem conhecimentos, estão religando-se a algo melhor e em decorrência desta experiência celebram a expansão criativa por meio de gestos e símbolos que signifiquem: amor, verdade, paz, ação correta, não-violência, liberdade, nas complexas relações do dia-a-dia.

Interagindo dentro de um espírito aberto e respeitoso, professor e alunos fazem a passagem de concepções fragmentárias de senso comum, para visões e vivências mais amplas de religiosidade mediatizada pelos valores humanos comuns às tradições filosóficas, religiosas, culturais, éticas e jurídicas da humanidade, acima e para além de qualquer sectarismo e fragmentação.²

Dentro do contexto até agora exposto, objetiva-se buscar sempre metodologias alternativas inspiradas numa concepção de sistema aberto que pressupõe abertura de opções, exploração de conceitos de forma não induzida, sendo que "a abordagem do sistema fechado fornece a resposta específica, enquanto o sistema aberto expande estas possibilidades"³

A experiência na visão de um sistema aberto depende do contexto. Isso significa que cada conhecimento está relacionado com uma multidão de condições diferentes. Num sistema aberto não se aprende fatos, mas relações.

² CRAXI, A. Os valores humanos: uma viagem do "eu" ao "nós". Uberaba: Fundação Píerópolis, 1994.

³ SAMPLES, Bob. Mente aberta, mente integral: uma visão holonômica. São Paulo: Gaia, 1990. p. 31, 34, 37.

UM EXEMPLO DE SISTEMA ABERTO - MENTE ABERTA

Quando se diz a uma criança que quente é ruim ou perigoso, estamos ensinando-a de uma maneira absoluta. No fim ela terá de desaprender a nocividade inequívoca de quente para se deliciar com uma xícara de chocolate ou sopa fumegante numa noite de inverno. Da mesma forma, porque lhe dizemos que algumas coisas caem "para baixo" e outras voam "para cima", terminarão confusas com os conceitos da relatividade. Muito daquilo que as crianças conhecem em nome da aprendizagem deve mais tarde ser cancelado.

Aquilo que chamo de ensino e criação num sistema aberto não está totalmente livre de informações falsas nem despojado de advertências sobre algo que seja quente. A diferença está em apresentar tal informação de modo a deixar as opções em aberto. Quente, por exemplo, pode ser apresentado como um convite para examinar uma vela. Meu filho foi apresentado a quente através de uma vela acesa. A chama é suficientemente quente para queimar, mas, geralmente, não mutila. O conceito de quente da chama da vela pode ser encaixado num contexto que inclua a beleza do fogo, as refeições servidas à luz de velas e a composição da vela bem como a dor de um dedo queimado.

Bob Samples, p. 31

Os conceitos de certo e errado (de bem e mal, sagrado profano), existem em ambos os sistemas, mas nos sistemas abertos são qualidades emergentes que envolvem e definem a virtude ou se "encaixam" na realidade. Nos sistemas fechados eles são predeterminados e fixos provocando gastos de uma quantidade excessiva de energia para tentar evitar ou negar o inevitável: a mudança.

Bob Samples, p. 47

Permitir que as crianças explorem opções de aprendizagem. Esse sistema sugere ao professor escolha de modalidades (metodologias - encaminhamentos e estilos) que incluam a criatividade. "Uma vez que o sistema fechado de regras penetra a consciência, o pensamento passa a servi-las. O cérebro-mente parece abandonar suas funções criativas e formativas e se volta para a manutenção, ou seja, a consciência reflexiva voluntariamente se transforma num tipo de consciência virtual auto-imposta. A mente se aprisiona na limitação e este auto-aprisionamento é apoiado pela razão e pela base lógica do sistema fechado. A mente humana, foi ensinada a arranjar uma desculpa para negar o seu verdadeiro paradigma, aceitando a limitação e restrição permanente" (SAMPLES, P. 34).

A ação pedagógica e didática do professor de Ensino Religioso, para alcançar seus objetivos, deverá estar imbuída de uma mentalidade e espírito criativo, utilizando procedimentos pelos quais os alunos possam expressar-se e desenvolver o intelecto, a sensibilidade, a intuição, a fé, por isso promoverá: diálogos, entrevistas, experiências significativas, celebrações, pesquisas em livros, revistas e jornais. Pesquisas de campo. Admiração da Natureza, do belo, das transformações. Questionamentos. Momentos de oração agradecendo as dádivas da vida. Observação, reflexão, meditação, uso de símbolos, análise de textos pertinentes, letras de músicas, músicas, poemas. Danças e movimentos corporais, dramatizações, debates, exposição (varal de produções) de cartazes, visitas... outros.

MOMENTOS METODOLÓGICOS

Sem querer prender a aula de Ensino Religioso a um determinado esquema metodológico rígido, que abafaria a criatividade do professor, sugerimos alguns momentos deixando a liberdade no que tange a sua aplicação na seqüência da proposta:

PONTO DE PARTIDA

- Apresentação da temática;
- Caracterizar a temática sem o compromisso de obter resultados imediatos;
- Despertar para a disponibilidade através de um texto, poema, música, vídeo, ilustração, fato, ...
- Outros.

Obs: trata-se do momento de aquecimento, alimentação, reconhecimento de um determinado contexto.

VIVÊNCIA

Situação de desafio, problematização, experimentação.

- Trata-se de provocar o aluno para uma vivência que exija dele uma participação integral: físico, intelectual, emocional, psíquico-mental e espiritual, sem a intervenção do professor.

Exemplo: Em uma roda onde cada aluno se apresenta através de um gesto. Esta vivência atingiria aspectos relacionados ao modo de expor-se: medo do ridículo, preconceitos, tensões, bloqueios, falta de graciosidade... Ou aspectos relacionados com vivências positivas da auto-imagem: segurança, comunicabilidade, altruísmo, serenidade, afetuosidade, senso de camaradagem, senso de justiça, partilha, sensibilidade diante do mundo circundante... (Os valores humanos).

REFLEXÃO - BUSCA

- É o momento do aprofundamento a partir de bibliografias pertinentes, explorando conceitos, idéias, sentimentos, sensações, inspirações... tudo livremente com respeito.
- É o espaço onde poderá brotar espontaneamente o diálogo, a verbalização ou escrita e ou desenho (representação), desde que socializem a sua experiência aos demais. Lembrar que o Ensino Religioso deve ser encarado como o espaço para uma experiência interior e exterior de valores humanos que imprimem sentido à existência e por isso socializáveis.

EXPANSÃO CRIATIVA E COMPROMISSO DE VIDA

Como decorrência do aquecimento principiado no ponto de partida, vivenciado na situação de desafio, alimentado e clareado no tempo da reflexão-busca, surge o momento da **expansão criativa e do compromisso de vida**, que é a forma peculiar, singular de superação de si mesmo, isto é, dos seus bloqueios, temores, condicionamentos, para vivenciar-se e vincular-se com a graciosidade, a benevolência, a espiritualidade, a transcendência inerente à própria vida. Aqui os sentimentos materializam-se: cantar, agradecer, dançar, criar, festejar, rir, alegrar-se, abraçar, respirar harmoniosamente, celebrar... produzir algo significativo, **comprometer-se!!!**

Colaboração: *Alberto Allodi e Emerli Schlögl*

EIXO TEMÁTICO NÚMERO 02
A NATUREZA: NOSSA MÃE E IRMÃ

ANEXO II
CULTIVANDO A GRACIOSIDADE CORPORAL:
SUGESTÕES DE DINÂMICAS
CORPO-MENTE-CORAÇÃO

SUGESTÕES DE DINÂMICAS CORPO-MENTE-CORAÇÃO

AUTO MASSAGEM E MOVIMENTOS PARA LIBERTAR TENSÕES

OBJETIVO:

Mergulho para compreensão da relação entre corpo e psiquê. Cuidado consigo mesmo, princípio da ecologia, amor próprio, dissolver tensões musculares, correlacionar essas tensões às experiências vividas. Reconhecer a presença de Deus na animação de cada átomo de nosso corpo e colaborar para a harmonização deste.

DESCRIÇÃO DO EXERCÍCIO:

Punhos cerrados - mãos com baqueta de instrumento de percussão.

Dar "marteladinhas" alternadas pelas pernas, coxas, pelvis, nádegas, abdômem - região lombar, tórax, costas, ombros, braços, nuca. Desta forma ativamos a corrente sanguínea e aquecemos o corpo.

Inspirar e elevar braços e mãos - como se estivéssemos empurrando o céu.

Expirar e ir gradativamente deixando o corpo cair como uma folha pesada que cai no lado (sem tirar os pés do chão).

Movimentar os quadris para a direita e esquerda - para frente e para trás.

Neste momento estamos trabalhando a nível da delicada estrutura da repressão sexual.

Movimento rotativo dos ombros. Primeiramente de trás para frente, depois de frente para trás.

Estamos jogando para longe o "peso do mundo" que carregamos em nossas costas.

Movimento rotativo da cabeça. Muito lento e deixando a boca abrir quando nossa cabeça pende para trás, deixando-a fechar quando a cabeça rola para frente.

Neste momento estamos trabalhando as travas musculares que corresponde aos nossos bloqueios de comunicação verbal.

Movimentar os olhos, com a cabeça imóvel.

Olhar para cima e para baixo (várias vezes).

Circular os olhos (várias vezes).

Estamos neste estágio liberando as tensões do olhar. Nossa comunicação visual com os outros e com o mundo.

Alguém já disse "Os olhos são o espelho da alma".

Movimentar com as mãos os músculos do rosto.

Trabalhar as tensões a nível da expressão facial.

Precisamos restituir a alegria de viver a nossos movimentos - nossa expressões - nossa voz - respiração e desta forma seremos gratos à Deus pela vida que permeia todos os seus criados.

Esta é uma forma de celebrar a vida no nosso templo, chamado corpo.

TÉCNICA DE RELAXAMENTO

OBJETIVO:

Acalmar as atividades físicas e mentais, para uma pré-disposição ao encontro consigo mesmo e com o Transcendente (Deus).

DESCRIÇÃO DO EXERCÍCIO:

Com música suave de fundo. Deitados ou ainda sentados com a coluna ereta, fazer 3 respirações profundas e lentas, conscientizando-se de todas as partes do corpo (sangue correndo no interior das veias, ossos, órgãos, nervos, músculos e pele).

Concentrar a atenção nos pés, respirar profundamente, reconhecer a importância dos próprios pés e seu perfeito funcionamento. Relaxar profundamente acompanhado de uma respiração lenta e profunda.

Concentrar a atenção nas pernas, focalizando uma total soltura de seus músculos. Com uma respiração profunda, subir a concentração até os joelhos, reconhecendo seu perfeito funcionamento, repetimos a ordem de relaxar profundamente.

Agora focalizamos nossas coxas, sempre repetindo o mesmo processo de respiração e relaxamento.

Localizar pélvis e glúteo, relaxando órgãos sexuais internos - externos, ossos e demais partes que o compõe.

Subir a atenção até o abdômem, ordenar os rins, baço, pâncreas, fígado, estômago, intestino grosso e delgado relaxem completamente. Reconhecemos seu perfeito funcionamento e inter-relação, respirando lentamente.

Focalizar tórax e pulmões, agora a própria respiração se faz de forma mais relaxada e longa. Percebemos as pausas entre a inspiração e a expiração.

Relaxar ombros, braços e mãos procurando não visualizar apenas a pele, mas também o interior do corpo e ossos.

Concentrar a atenção no pescoço, laringe, faringe e ordenar ao corpo um profundo relaxamento, acompanhado de uma respiração lentíssima.

Focalizar a cabeça, língua, dentes, palato, úvula, naso, faringe, nariz, globo ocular, retina, cristalino, nervos, orelha, ouvido médio e interno, cérebro, cerebelo, bulbo raquidiano e respirando ordenar o seu relaxamento.

Voltar a atenção para todo o corpo, agora sentindo tudo em perfeito relaxamento e agradecendo todas as células pelo seu perfeito funcionamento e trabalho incessante para manter a vida.

P.S.: A concentração pode ser visualizada por meio de uma luz (como a luz do sol)

A respiração acompanha cada mudança de local como se fosse ela a responsável pela condução da luz.

REFLEXOLOGIA

MASSAGEM NOS PÉS

OBJETIVO:

Perceber a unidade das coisas. Os pés fazem uma ligação orgânica com diversos órgãos de nosso corpo, desta forma compreendemos que tudo funciona em relação, homem microcosmos, como reflexo do macrocosmos.

O massagem dos pés, melhora a circulação sanguínea, provoca noites de sonos mais restauradores e maior atenção e dedicação às pequenas coisas para descobrir a sua importância e como estas "pequenas" coisas são grandes quando rumamos à Transcendência.

DESCRIÇÃO DO EXERCÍCIO

Pés e mãos limpas. Seguramos primeiramente o pé esquerdo, dedo por dedo é massageado, realizamos o movimento de rotação de 1 dedo de cada vez. Separamos os dedos - 2 em 2. Puxamos para trás e para frente.

Com o polegar circulamos por partes, até ter circulado por toda a sola do pé.

Pequenos soquinhos, como se a mão fechada fosse uma baqueta por toda a extensão, abrangendo dedos e planta do pé.

Trocar de pé e recomeçar o exercício.

RESPIRAÇÃO

OBJETIVO:

Equilíbrio da própria respiração - do corpo - da mente - concentração - memória - saúde dos órgãos - massagem dos órgãos da digestão - melhoria da qualidade da alimentação celular. Comunhão entre todos os seres e com Deus pelo simples e profundo ato de "respirar".

CONSIDERAÇÕES:

É importante que aprendamos a respiração correta, para que usufruamos dos benefícios acima citados.

Deve ser abdominal, isto é, com movimento da cinta abdominal e não movimento torácico. Deve ser profunda e lenta, com o corpo todo relaxado.

TÉCNICAS PARA APRENDER A UTILIZAR A RESPIRAÇÃO DIAFRAGMÁTICA

- Deitados no chão, colocar um peso sobre o umbigo e respirar movimentando a pedra para cima na inspiração e para baixo na expiração (nada de movimento do tórax).
- De pé com uma faixa em torno da cintura. Na inspiração afrouxar a faixa e na expiração puxar as pontas da faixa. Realizar este exercício de pé parado, andando, sentado e deitado, para condicionar a respiração nas mais diversas posturas físicas.
- Sentado, inspirar lentamente e expirar por bastante tempo sonorizando a consoante "S" para permitir o controle da saída do ar, durante a sonorização.

MASSAGEAMENTO EM DUPLA

OBJETIVO:

Relacionar-se afetivamente com o outro. Decobrir a alegria de proporcionar bem estar ao outro.

Redirecionar sua necessidade do toque, que antes estava dispersa e disfarçada em atitudes como: puxões de cabelo, empurrõezinhos, etc..., para um efetivo contato com o outro, baseado em ser o agente das liberações de tensões do outro.

Saber dar e receber o contato físico, sem medo em total dedicação e entrega.

Amar o semelhante é mais do que uma idéia mental, é uma atitude cotidiana.

DESCRIÇÃO DA TÉCNICA

DUPLAS

Um receptor e um ativador.

O receptor fica de pé, de costas, o mais relaxado possível para receber o massageamento.

O agente ativo fará o primeiro contato, para aquecer a musculatura da nuca e das costas.

Manipulará esta região trabalhando dedos e palma da mão, como se estivesse "amassando o pão".

Nunca trabalhará diretamente sobre a coluna, mas sempre na sua extensão lateral.

Técnica da tapotagem (usada em pediatria).

Com as mãos em forma de concha, das batidinhas alternando rapidamente as mãos.

Com os dedos em forma de pinça, dar leves puxõezinhos na pele.

Fazer movimentos circulares com os dedos ou palma da mão.

P.S. Sempre levar em conta a liberdade de adaptar o massagem de acordo com a situação de cada turma.

Ele não deve ser realizado em meio a conversas longas entre receptor e ativador, isto implicaria em perda da concentração e da sensibilidade.

Não deve ser doloroso, mas carinhoso.

Variar a massagem, ora com as mãos, no couro cabeludo, etc...